Pissurlekar

ANDRÉ FURTADO
DE MENDONÇA

ANDRÉ FURTADO DE MENDONÇA

Do Livro do Estado da Índia *de Pedro Barreto de Resende*

REPÚBLICA PORTUGUESA
MINISTÉRIO DO ULTRAMAR

ANDRÉ FURTADO DE MENDONÇA

(1558-1610)

por

C. R. BOXER
Das Academias das Ciências de Lisboa
e Portuguesa da História
Professor da Universidade de Londres

e

FRAZÃO DE VASCONCELOS
Da Academia Portuguesa da História
e da Arcádia de Roma

P
2025

AGÊNCIA GERAL DO ULTRAMAR
DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES E BIBLIOTECA
1955

Esta publicação foi autorizada por despacho de Sua Excelência o Ministro, de 14 de Dezembro de 1954

«André Furtado de Mendonça foi o último representante daqueles primeiros capitães que fundaram o Estado da Índia — fidalgos no orgulho e na vaidade, baneanes na cobiça, nababos na prodigalidade, guerreadores rudes, fanáticos e sanguinários, monteando Mouros e Gentios como a animais do mato, mas indomáveis por nenhum trabalho ou perigo, desbaratando o sangue e a vida com o mesmo deleixo com que desbaratavam o ouro e a pedraria...

«Naquela idade, em que persistiam os vícios primitivos mas desaparecera a masculina, intrépida afoiteza, causavam, por isso, admiração o valor e os cometimentos de André Furtado. Foi um campeador que durante trinta anos nunca despiu as armas, um general a quem sempre sorriu a vitória. Nós, hoje em dia, por certo os acharemos, a ele e a seus predecessores de igual têmpera, demasiado falhos de humanidade nos sentimentos e de nobreza nas paixões para provocarem os ardores do entusiasmo. Mas compreende-se que um soldado do século XVII rendesse culto exaltado àqueles outros dotes nos quais se compraz o Moloch ferino das batalhas».

Assim anota Costa Lobo o panegírico entusiástico que um soldado da Índia daqueles tempos — Francisco Rodrigues da Silveira — proferiu ao citar as «muitas, grandes e maravilhosas» façanhas do seu antigo capitão, «o valerosíssimo e invencível» André Furtado de Men-

dança, nas páginas da obra Reformação da milícia do Estado da Índia Oriental, *que se conserva manuscrita no Museu Britânico* (1).

Nós, porém, estamos longe de pensar como o ilustre historiador. Com a experiência de duas grandes guerras mundiais, duvidamos do nosso direito de qualificar André Furtado como um Moloch ferino das batalhas, *quando nos lembramos das carnificinas de Belsen, Dresden, Hiroxima e tantas outras. Além disso, documentos coevos e insuspeitos mostram que André Furtado não foi «sempre um general a quem sorriu a vitória». Foi, na verdade, não sòmente um capitão insigne na guerra, mas também um cristão caritativo na paz — como se verá.*

C. R. B.
F. DE V.

(1) Publicada, em parte, por António de Sousa da Silva Costa Lobo (1840-1913) no volume intitulado *Memórias de um soldado da India, compiladas de um manuscrito português do Museu Britânico* (Lisboa, 1877).

I

NASCIMENTO. FILIAÇÃO. NA JORNADA DE ÁFRICA, COM EL REI D. SEBASTIÃO, EM 1574. PRIMEIRA ESTADA NA ÍNDIA. REGRESSO AO REINO E VOLTA À ÍNDIA. CAMPANHA DE CEILÃO

André Furtado de Mendonça foi filho de Afonso Furtado, comendador de Borba e de Rio-Maior, da Ordem de Avis, e de D. Joana Pereira. São escassas as notícias que temos dele antes de 1591, mas todos os seus biógrafos concordam que passou à África na primeira jornada del-Rei D. Sebastião, no Outono de 1574, quando tinha apenas dezasseis anos de idade. Admitindo estes dados exactos, poder-se-á fixar para o seu nascimento o ano de 1558. Era natural de Lisboa, segundo informa o licenciado Jorge Cardoso, no seu *Agiológio Lusitano*, afirmando orgulhosamente haver tido o mesmo berço natal. Diz, depois, que daquela ida à África «lhe ficou a sede que tinha de derramar sangue mauritano e o entranhável ódio contra inimigos da Fé, que o acompanhou toda a vida», o que nos parece pouco provável, sabido, como é, que naquela jornada não houve combate de importân-

cia, limitando-se a acção militar a pequenas escaramuças ([2]).

Sabemos que André Furtado embarcou para a Índia na armada de cinco velas que partiu do Tejo em 7 de Março de 1576, a cargo do vice-rei Rui Lourenço de Távora, que, diga-se de passagem, faleceu no decurso da viagem, sendo sepultado em Moçambique. Ia André Furtado em companhia de dois irmãos ([3]), João Furtado e José Furtado. Deste último não há mais notícia, mas de João Furtado de Mendonça sabe-se que serviu longos anos no Oriente e é citado com frequência por Diogo do Couto nas suas *Décadas* e referido em documentos vários.

Talvez por se ter perdido a parte correspondente aos anos de 1576-81 da *Década IX* de Diogo do Couto escasseiem as notícias acerca dos primeiros serviços de André Furtado na Índia. A mais antiga que conseguimos apurar é de Setembro de 1581, quando tomou uma galeota de corsários malavares, no rio Carapatão. Andava então por capitão de um navio de remos, numa armada de sete navios, aprestada em seis horas, em Goa, sob o comando de Matias de Albuquerque, pelo governador Fernão Teles,

([2]) Jorge Cardoso — *Agiológio Lusitano* (Lisboa, 1657), Tomo II, págs. 577-80 e 586-7. Cardoso baseou-se no sermão pregado por Fr. António de Gouvêa nas exéquias de André Furtado, celebradas na igreja de Nossa Senhora da Graça, em 16 de Outubro de 1610, impresso por Vicente Álvares, em Lisboa, no ano seguinte.

([3]) Numa *Ementa* manuscrita, inédita, extraída dos livros da Casa da Índia nos primeiros decénios do século XVII, que se conserva na Biblioteca de Marinha, diz-se que André Furtado levava 2$800 de moradia por mês. Noutra *Ementa* (Mss. n.º 123 — *Col. Pombalina*, da Biblioteca Nacional de Lisboa), de que Frazão de Vasconcelos publicou, há anos, as primeiras folhas, regista-se que ele tinha então o foro de fidalgo-escudeiro.

quando recebeu aviso de que quatro velas malavares andavam às presas perto ([4]).

É bem sabido que o mais poderoso inimigo que os Portugueses tinham então nos mares da Índia era o célebre malavar Mahomet Kunhali Marakkar, designado nos escritos portugueses por Cunhale Marcá. Foi vassalo do Samorim de Calecut e prezava-se de ser o corsário mais temido desde o Cabo de Boa Esperança até à China, ostentando títulos como o de *Expulsor dos Portugueses* e o de *Derramador do sangue cristão*. Foi contra ele que André Furtado começou a ganhar fama de ser cabo afortunado, além de esforçado, nas vitórias que obteve como capitão de navios nas armadas do Malavar que correram a costa, às ordens do capitão-mor Matias de Albuquerque, em 1582 e 1583. A sua acção, porém, mais importante foi a de socorrer a fortaleza de Barcelor, em Agosto de 1583, limpando em seguida a costa duma flotilha de corsários malavares que andavam «ao cheiro de um junco da China muito rico» ([5]).

No ano de 1585 André Furtado de Mendonça voltou ao Reino em companhia do vice-rei D. Francisco Mascarenhas, conde da Horta, para requerer o despacho de seus serviços.

Por aquela ocasião voltou também, para o mesmo fim, Fernão de Albuquerque, filho de Estêvão de Brito, alcaide-mor de Faro e comendador de Colos e Panóias, da Ordem de Santiago. Descendia Fernão de Albuquerque, pelo lado materno, de Fernão de Albuquerque,

([4]) Diogo do Couto — *Década X*, Livro I, Cap. VIII, págs. 57-9 (Ed. de 1788).

([5]) Diogo do Couto, *Década X*, págs. 152, 166, 329, 373, 425-8. Alfredo Botelho de Sousa, *Subsídios para a história militar-marítima da Índia — 1580-1605* — Vol. I. (Lisboa, 1930), págs. 108-15 e 124-5.

senhor de Vila Verde, «irmão mais velho do magno Afonso de Albuquerque, conquistador da Índia, por cuja memória sua avó D. Joana da Silva, que o criou, quis que Fernão de Albuquerque tomasse este apelido para com ele se ressuscitarem os valerosos feitos daquele insigne varão». Fernão de Albuquerque havia partido para a Índia em 1570, «em idade florescente de dezoito anos».

O Governo, ao despachar os requerimentos destes dois fidalgos, André Furtado e Fernão de Albuquerque, fez estranha confusão: em 17 de Março de 1587 concedeu a Fernão de Albuquerque a «mercê de uma viagem da China, e da fortaleza de Malaca, que naquele tempo era a melhor da Índia, e por despachar no mesmo dia, e com a mesma fortaleza a André Furtado de Mendonça, o secretário lhe pôs a data da patente um dia antes da de Fernão de Albuquerque, do que ele se queixou ao Arquiduque (6), o qual mandou declarar que entrasse na mercê primeiro que André Furtado, de que se originaram entre ambos depois alguns encontros e inimizades» (7).

Se da queixa de Fernão de Albuquerque resultou este entrar primeiro na mercê da fortaleza de Malaca, também para André Furtado, haja reclamado ou não, resultou haver-lhe sido dada reparação, como se vê da carta del-Rei D. Filipe I, de 28 de Março de 1588, registada na respectiva Chancelaria, Livro 15, fl. 459 e 459 v., na qual se lê: «que havendo respeito aos serviços que nestes reinos e nas partes da Índia me tem feito André Furtado de Mendonça, fidalgo de minha casa, e nas ditas partes me serviu nove anos de soldado e capitão e capitão-mor, hei por bem e me praz de lhe fazer mercê da capitania de Rachol e terras de Salcete enquanto não entrar na capitania de Malaca de que lhe ora fiz mercê por outra carta, pelos mesmos respeitos, na qual fortaleza de Rachol entrará na vagante dos providos antes do primeiro de Fevereiro deste ano presente de 1588 em que lhe dela fiz mercê que para haver efeito irá este mesmo ano à Índia e haverá em cada um ano que servir 100.000 reais de ordenado e os próis e percalços que lhe directamente pertencerem, o qual ordenado lhe será pago nas mesmas rendas de Salcete pelo rendimento delas e servirá a dita capitania de Rachol como dito é sem embargo de lhe fazer mercê da dita Capitania de Malaca e de uma viagem da China de que lhe mandei passar provisão...».

André Furtado embarcou de novo para a Índia na armada deste ano de 1588, que era de cinco naus e da capitania-mor de João de Tovar Caminha, a qual zarpou do Tejo em princípio de Abril (a 1, segundo Simão Ferreira Pais, a 5, segundo o padre Manuel Xavier).

Seu irmão João encontrava-se também no Reino, pois as ementas da Casa da Índia, através de várias cópias, registam a partida dos dois irmãos na referida armada de 1588.

Em Maio de 1591, o novo vice-rei, Matias de Albuquerque, recebeu notícia de que o rei de Jafanapatão

(6) O cardeal Alberto, arquiduque de Áustria e vice-rei de Portugal de 1583 a 1598. Era neto de Carlos V.

(7) Luís Marinho de Azevedo, *Apologéticos discursos em defesa da memória e boa fama de Fernão de Albuquerque, governador que foi da Índia* (Lisboa, 1641), págs. 6-9; Cf. os documentos publicados por Pedro de Azevedo na «Revista de História», Tomo V, págs. 50-1 (Lisboa, 1916) e reimpressos por J. F. Ferreira Martins no seu livro *Fernão de Albuquerque* (Lisboa, 1928), págs. 133-9. Cf. também Diogo do Couto, *Década X*, Livro 6, Cap. III, pág. 24. Nem Pedro de Azevedo nem Ferreira Martins tiveram conhecimento da obra de Marinho de Azevedo.

intentava cercar a fortaleza portuguesa de Manar, para, depois de tomada, com ajuda do pirata Cunhale, seu sobrinho Cutimuza Marcá, almirante ao serviço do Samorim de Calicut, e de mão comum com Raju, imperador de Cândia, tomarem Columbo e deitar os Portugueses fora da ilha de Ceilão e costa de Tutocorim e do Malavar.

O vice-rei logo aprestou uma armada de remo, cuja capitania-mor deu a André Furtado de Mendonça, com ordem de castigar aquele rei. Por ser cedo, André Furtado só conseguiu sair da foz do Mandovi com grande dificuldade, e mais dificuldade encontrou ainda, devido a temporal, em costear ao Sul, sendo forçado a arribar às ilhas de Onor, onde se demorou cerca de vinte dias. Prosseguindo viagem, amanheceu um dia em frente da barra do Cunhale, onde encontrou duas naus do Samorim de Calecut, que tinham vindo de Meca. «Queimou uma e rendeu outra, com morte de muitos Mouros, que obstinadamente a defenderam. Surgiu, esperando pela terceira, que pela resistência foi metida a pique, com morte da maior parte dos Mouros, e pela pressa que levava lhe escaparam três que no outro dia chegaram. Mas foi suficiente desconto da nau anual da China que o mesmo pirata no precedente Abril tomara na costa do Malavar, com catorze galeotas, porque não trazendo mais que catorze Portugueses, batalhando três dias e três noites, morreram quase todos na batalha, e vendo um jau escravo que não havia defensores, da gávea, com um barril de pólvora lhe pôs fogo, tirando os inimigos pouco mais proveito dela que o dos mortos e feridos. Depois, André Furtado meteu em Cochim a nau de Meca e perdeu na barra um navio. Ali se refez do necessário e passou a Coulão, a tomar muitas fustas e soldados, sendo cada dia de demora de grande tormento para ele.

«Vencido o cabo de Camorim, das barreiras vermelhas, atravessou o golfo com tempo tão grosso e chuvoso que milagrosamente tomou Columbo, onde a pura diligência se salvaram três navios que estiveram em manifesto perigo. Ali se soube que o Cutimuza invernara em Cardiua, donde saira e se tornara a recolher com o mesmo temporal, servindo-lhe a ele de trabalho o tempo que foi alívio para Manar. Tinham as desavenças de Columbo chegado aos termos que referimos, e presumindo os moradores que André Furtado, por ordem do vice-rei, os iria castigar, ausentaram-se da cidade. Passou-lhes seguro e juntos todos em sua presença lhes fez uma prática, deixando-os a todos amigos. Não sendo este o menor serviço que nesta viagem fez a Sua Majestade, esperando o Raju que se baralhassem, para de todo os desbaratar e conseguir em um dia o que não pôde em tantos anos» (8).

Realizado este serviço, André Furtado, levando consigo parte da guarnição e lascarins de Columbo, saíu em busca do corsário malavar.

Indo a armada portuguesa correndo a costa, deu vista de Cutimuza, que, por seu lado, a vinha demandar, «intentando acolher-se rompendo a nossa esquadra, mas, ao sair, tocou na ponta da restinga e André Furtado na sua escusa galé lhe pôs logo a proa... E dadas as primeiras cargas de bala grossa e miúda, morreram os mais à espada, enquanto o Cutimuza, com ela na boca, se lançou ao mar pelo leme, sem ser visto. Na mesma forma foram os mais rendidos, escapando alguns em terra —, e outro rico navio que tinham tomado, ficando prisioneiros, entre outros, cinco capitães e o que puderam tirar da

(8) Fernão de Queirós, S. J. — *História da conquista espiritual e temporal da ilha de Ceilão*, obra escrita em 1688, mas sòmente publicada, em Calumbo, em 1916, págs. 363-4.

nau da China, e libertos alguns Portugueses e duas mulheres de Macau» (9).

Reunido conselho, a que foram chamados os religiosos, o povo e os capitães da armada, foi aberto um regimento secreto que tinha André Furtado, que lhe ordenava a entrega do comando da expedição contra Jafanapatão ao capitão da fortaleza de Manar, Nuno Fernandes de Ataíde, apesar deste contar oitenta anos de idade. Debatido o assunto, assentaram todos uniformemente não ser conveniente ir o velho Ataíde e «que fosse o mesmo André Furtado de Mendonça, guardando-se em tudo o mais o regimento. Foi o acordo de todos festejado, porque André Furtado sempre teve o comum em seu favor, e o capitão de Manar se houve tão cavaleiro que lhe deu mais dezasseis navios, que, como experimentado, tinha prevenido para todo o sucesso. Tomando 20.000 pardaus por empréstimo aos cáreas para os aprestar, fora 30.000 dos réditos da pescaria daquele ano —, com que se fez uma esquadra de quarenta e três navios de remo e 250 tones, em que embarcaram 1.400 Portugueses e 3.000 Lascarins» (10).

Partiu André Furtado de Manar a 26 de Outubro de 1591 com a proa a Jafanapatão. O seu panegirista e cronista, o padre jesuíta Fernão de Queirós, a quem estamos seguindo, não pôde deixar de manifestar a sua admiração, escrevendo, a propósito da partida: «Veleja esforçado capitão, que a poder da inveja e da fortuna, sempre tiveste a Deus por ti, e nas memórias da India sempre serás afamado; nos Agiológios, por intruso e justificado, nas décadas por prudente, magnífico, liberal e valeroso».

(9) Queirós, *Conquista...*, pág. 564. Botelho de Sousa, *Subsídios*, pág. 280.

(10) Queirós, *Conquista...*, págs. 365-6.

Estava prevenido o rei de Jafanapatão, Rasa Raja Desam Rasa Sehram, «tão soberbo como seu nome... porque vale tanto como Rei dos Reis da Terra, sendo um régulo ordinário assinalado pela natureza, e por isto chamado Rei torto», mas não pôde estorvar o desembarque dos Portugueses e os seus auxiliares lascarins que se efectuou no mesmo lugar em que o vice-rei D. Constantino de Bragança tinha desembarcado trinta e tal anos antes. Feito o desembarque com pouca perda, começou o avanço contra a metrópole inimiga na madrugada do dia seguinte, 28 de Outubro, dia dos sagrados Apóstolos Simão e Judas. Os tamis ofereceram grande oposição, mas debalde. André Furtado, que ia seguindo na dianteira, deu Santiago e «animando a todos, disse: *Entrai, fortes cavaleiros, que temos ganhado o Reino!* Voaram entre nuvens de pelouros, frechas, bombas e tiros de arremesso; e posto que acharam grande resistência, à vista do príncipe Gago, irmão maior de Pera Rageracheqra Pandara, foi ali morto e ganhadas as divizas da bandeira e rodela branca, que o rei lhe déra, por sér seu genro e muito amado. Sem escapar algum de sua companhia, que não acabasse a ferro e fogo».

Prosseguindo a vitória começada, os Portugueses atacaram e derrotaram a guarda real, cativando o príncipe Hendarmana Cinga Kunara, que já fora ferido. O próprio rei foi encontrado num templo onde se havia refugiado e escondido depois da completa derrota do seu exército. Trazido à presença de André Furtado, este mandou cortar-lhe a cabeça por um capitão e espetá-la em um pique. Toda a família real foi feita prisioneira. André Furtado concedeu à sua soldadesca vitoriosa o saque do paço real, «que foi muito rico».

O príncipe Hendarmana foi levantado por rei, enquanto os vencidos juravam fidelidade a el-Rei de Portugal, «com a solenidade possível, ainda que com menos fidelidade do que no campo de Ourique». Feita esta eleição, André Furtado mandou degolar oitocentos Muçulmanos «por não deixar gente estrangeira e inimigos declarados no reino». Este acto atroz contrasta muito com as providências suaves que tomou para pacificar o país, publicando um seguro para que todos se recolhessem a suas casas e tratassem de suas vidas, «jurando guardar-lhes suas liberdades e bons costumes e prometendo-lhes grandes favores, se fossem leais ao seu Rei» ([11]).

Liquidadas assim as coisas de Jafanapatão, André Furtado voltou a Manar e dali a Goa, em Novembro, «levando a todos contentes e satisfeitos, e metendo terror a todo o Malavar». O padre Fernão de Queirós, grande admirador do capitão-mor, cujas virtudes jamais se cansava de louvar, diz, a propósito: «Este insigne varão, que acabava de matar um rei e levantar outro rei, deixando com tanta prosperidade avassalado o que tinha custado tanto sangue e despesa, quando devia esperar grandes triunfos se servira aos Romanos, achou por prémios ingratidões por servir a Portugueses; e sem eu poder alcançar porque motivo justificado... mas, como nunca teve culpas, não sabemos que lhas apontassem».

Efectivamente, a sua conduta não foi aprovada pelo vice-rei Matias de Albuquerque, quer por ter dado ouvidos à calúnia, quer, como é mais provável, por mera emulação. Seja, porém, como for, André Furtado entregou o comando da sua armada ao capitão-mor Nuno Velho Pereira, em Cananor. Feita a entrega, recolheu

([11]) Queirós, *Conquista*, págs. 362-9. Botelho de Sousa, *Subsídios*, págs. 280-2.

a Goa e, desgostoso, meteu-se no convento da Madre de Deus, pedindo encarecidamente o hábito de capucho, «que não era alheio da santa vida que fazia, que sendo sempre solteiro, se tem por certo morreo virgem». Dissuadido, afinal, pelas fortes razões proferidas pelo padre custódio, «como varão prudente, sem respeitar os aumentos que de tal filho podia ter a sua Religião», ficou ali recolhido até que o vice-rei o mandou preso, «sobre sua homenagem», para a fortaleza de Rachol, até que outra cousa ordenasse.

Era de esperar que, depois da sua grande vitória de Jafanapatão, André Furtado fosse incumbido de qualquer outra empresa, das muitas que então se ofereciam na Índia, mas tal não sucedeu, como vimos. Pelo contrário, o *Grão-Capitão* (como era já cognominado) esteve em Goa durante quase dez anos sem emprego algum militar.

Temos uma alusão à conduta de André Furtado, numa carta régia dirigida ao vice-rei conde da Vidigueira, D. Francisco da Gama, em Março de 1598, «sobre os feitos dos culpados no saque de Jafanapatão, entre os quais é André Furtado de Mendonça», quando o juiz declara «que a causa de não ser já sentenciado não é culpa sua nem do vice-rei que o não impediu» ([12]).

E nada mais se sabe deste processo. Pelo contrário, cartas do próprio vice-rei e da Câmara de Goa, no mesmo ano, mostram-nos que D. Francisco da Gama tinha eleito André Furtado para servir de general da ilha de Ceilão.

Escrevendo a el-Rei em fins de 1598, a Câmara de Goa conta que «André Furtado de Mendonça residiu

([12]) Queirós, *Conquista*, págs. 3669-70. Botelho de Sousa, *Subsídios*, Vol. I, págs. 282-3, e *Archivo Portuguez-Oriental* fasc. III (Nova Goa, 1861), pág. 863.

sempre nesta cidade com muitos gastos e despesas, e prestes para qualquer ocasião do serviço de Vossa Majestade, com que está muito individado e ora fica eleito pelo conde vice-rei pera a conquista de Ceilão, que aceitou com aquele zelo e inteireza que sempre teve em todas as ocasiões do serviço de Vossa Majestade, e como capitão tão bem afortunado, e de tanta experiencia esperamos que consiga o efeito que desejamos, acabando de reduzir de todo aquela ilha à obediencia de Vossa Majestade».

E também el-Rei, em carta sua do fim de 1598, dirigida ao conde vice-rei, alude à determinação de prosseguir com mais calor a guerra de Ceilão, «mandar por geral André Furtado de Mendonça, por suas partes e experiência, e por os naturais daquelas partes o temerem pelo bom sucesso que teve em Jafanapatão, e por ser benquisto dos soldados, e para D. Jerónimo de Azevedo que lá estava poder vir descansar, por o pedir com muita instância, e ser algum tanto áspero aos soldados, e que determináveis mandar com o mesmo André Furtado quinhentos soldados portugueses afora os que lá estavão, e da gente dos Topazes cristãos da Serra a mais que se pudesse fazer, e o dinheiro que fosse possível, ainda que tudo era menos do que André Furtado pedia, mas muito mais do que D. Jerónimo apontava para continuar a conquista» ([12a]).

Esta nomeação não teve, porém, efeito, ou porque André Furtado achou os reforços de gente e de dinheiro insuficientes, ou, como é mais provável, por emulação do vice-rei. Seja como for, D. Jerónimo de Azevedo continuou como geral da ilha de Ceilão, enquanto André Furtado permaneceu ocioso, mas «prestes para qualquer ocasião do serviço real».

([12a]) *Archivo Portuguez-Oriental*, fasc. 3 (1861), págs. 933-4.

II

A CONQUISTA DO CUNHALE

Entre os adversários muçulmanos dos Portugueses no último quartel do século XVI, foi incontestàvelmente o mais forte e atrevido o corsário da casta *Mapila (Moplah)* de Malavar, que se chamava Mahomet Kunhali Marakkar, a quem os cronistas portugueses designavam por *Cunhale Marcá*. Era este um sobrinho de outro corsário que, com o beneplácito do Samorim, Raja Hindu de Calicut, tinha construído uma fortaleza junto à foz do rio Kotta, num lugar com o nome de *Puttre-Pattanam* (que quer dizer *Vila Nova*), ou *Pudepatão*, como os Portugueses o designavam. De vassalo do Samorim, Mahomé Cunhale tornou-se verdadeiramente independente, adquirindo grande poder e riqueza, esta em resultado das presas que fez, não sòmente em navios mercantes portugueses, mas também nos do próprio Samorim. A tal ponto chegou a sua ousadia e boa fortuna que, pelo ano de 1598, um contemporâneo, o soldado da Índia Francisco Rodrigues da Silveira, a quem já nos referimos, se lhe refere nestes termos:

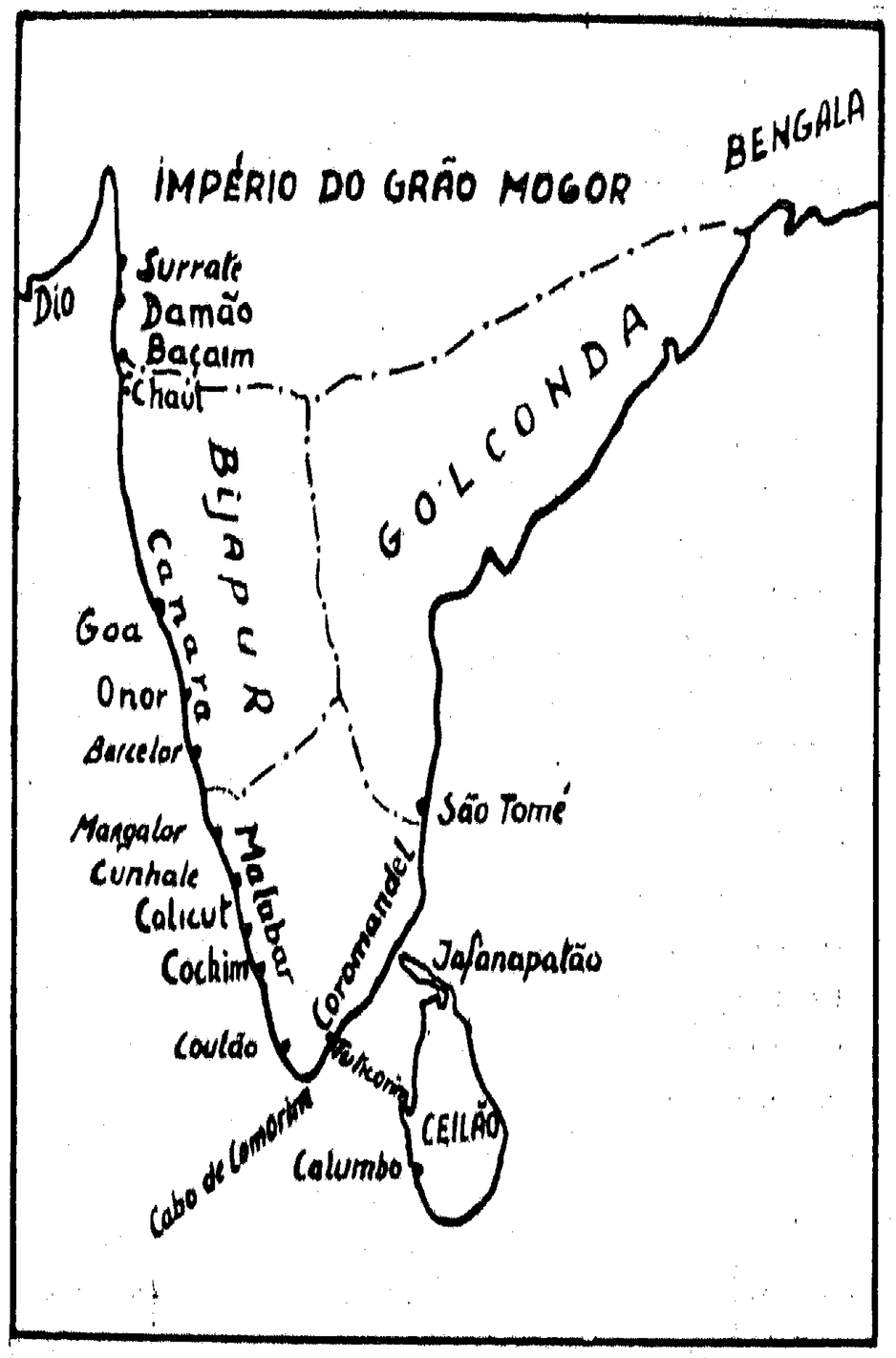
«Este segundo Cunhale, de quinze ou dezasseis anos a esta parte que está de posse daquele forte, tem o principado entre os corsários daquela costa, que são muitos:

e por sua indústria, ordem e conselho se armam a fazer suas presas, tendo ele em cada navio, em que saem a fazê-las, sua parte. E, como seja mouro rico e potente, adquire assim quase todas as presas que os outros fazem e os Portugueses que cativam, por mui pouco preço, com que tem acumulado muito dinheiro, e cada dia vai adquirindo mais, não se curando já de arriscar em pessoa pelo mar, antes tem seus capitães maiores, e alguns de não pouco crédito e reputação, que, com armadas de doze e quinze de remos, juntos sairem muitas vezes, com que puseram em assaz confusão os nossos governadores. De sorte que já se não navega senão com grande escolta de armada nossa e nem ainda esta é bastante para navegar seguramente, porque todos os anos tomam muitos navios, e não só as embarcações desarmadas fazem de presa mas ainda as naus grandes com artilharia e soldados acometem e tomam, não parando aqui seu atrevimento que também hão acometido nossas armadas de navios e galés. E não só acometido mas tomado, sendo a fortaleza do Cunhale uma infâmia eterna dos viso-reis da India, uma masmorra em que de continuo há muitos cativos portugueses, onde cada hora lhes põem os alfanges na garganta, para que reneguem da santa fé católica... sem que até o presente se saiba dar por nossa parte a tão prejudicial ladroeira algum remédio. E o que é muito mais lamentável, que se tem por confirmada opinião não bastarem as forças daquele Estado para extirpar esta tão ruim semente» ([18]).

Relativamente ao sítio e fortaleza do Cunhale, informa Diogo do Couto:

«O sítio onde o Cunhale tem sua fortaleza, no rio

([18]) Francisco Rodrigues da Silveira — *apud* Costa Lobo — *Memórias de um soldado da India*, pág. 69-70.



A India em fins do século XVI

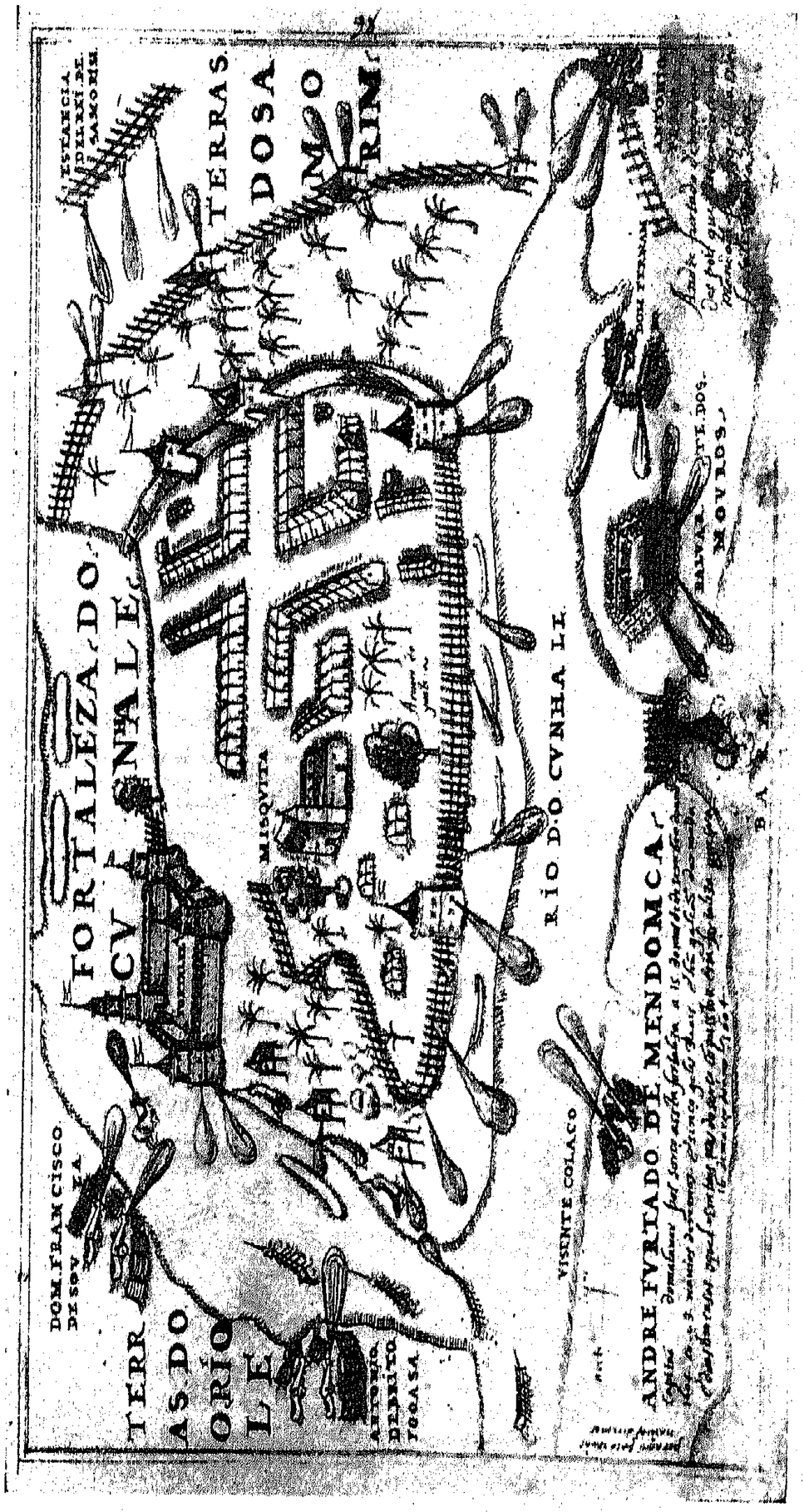
Pudepatão, é uma península quadrada, de tiro de falcão de comprido e outro tanto de largo. Entrando pela boca da barra, logo volta para o Sul um esteiro, que deixa uma longa língua de areia sobre a barra, que corre ao longo um tiro de falcão: até ao meio podem entrar fustas e daí por diante só almadias. O rio principal vai subindo quase ao Nordeste outro tiro de falcão, e faz volta ao Sul, deixando formada uma península só ligada à terra pelo Sul. É nesta volta do rio que está a fortaleza principal».

A fortaleza era quadrada, sendo cada quadra de cinquenta passos e, em cada uma, um baluarte. Tinha dois cavaleiros, que dominavam todo o terreno e povoação, que ficavam dentro das tranqueiras. No cabo da tranqueira de pedra, que envolvia tudo, sobre a barra, havia um baluarte com muita artilharia. A guarnição compunha-se de 1.500 Mouros escolhidos, além de 500 de serviço. Na fortaleza estavam o Cunhale e 200 dos principais e de maior confiança. No baluarte sobre a barra comandava o Cutimuza (14).

Só em 1598 foi resolvido um ataque *à outrance* contra este tão poderoso pirata, que tantas perdas e afrontas tinha infligido ao Estado da Índia. Discorria-se em Goa sobre a eleição do capitão-mor para tão importante empresa, e o preclaro arcebispo D. Frei Aleixo de Meneses escreveria depois a el-Rei D. Filipe: «Para o Malavar e empresa do Cunhale lhe apontei [ao viço-rei conde da Vidigueira] André Furtado de Mendonça», mas o viso-rei «não quis senão mandar seu irmão», D. Luís da Gama (15).

(14) Diogo do Couto, *apud* Botelho de Sousa, *Subsídios*, pág. 368.

(15) *Apud* P.e Avelino de Jesus da Costa, em *Congresso do Mundo Português. Publicações*. VII, pág. 235.



CERCO DA FORTALEZA DO CUNHALE POR ANDRÉ FURTADO DE MENDONÇA

O ano de 1604 que se lê na legenda do desenho está errado, pois a conquista realizou-se em 1600. De um códice original (inédito e até há pouco desconhecido) de Manuel Godinho de Erédia, que vai ser publicado pelo ilustre investigador Sr. Jorge Faro, a quem agradecemos a gentileza de nos ter permitido a publicação deste e do seguinte desenho

Foi esta eleição murmurada pela maior parte da fidalguia, embora defendida por Diogo do Couto (amigo íntimo de D. Francisco da Gama), afirmando que D. Luís era novo e rico e mais apto para o serviço del Rei. O sucesso, porém, mostrou que o arcebispo e os fidalgos tinham razão, porque o assalto mandado fazer à fortaleza por D. Luís da Gama, em Março de 1599, falhou completamente, devido à imperícia do jovem capitão-mor. Os Portugueses retiraram com grandes perdas, qualificando o próprio Couto esta derrota como «uma das mores desventuras e afrontas que os Portugueses passaram na India».

No verão seguinte resolveu o vice-rei tentar de novo a empresa do Cunhale e quis ir em pessoa para vingar a derrota de seu irmão. O arcebispo e os fidalgos do seu conselho não concordaram, porém, nisto, e todos votaram que se recorresse ao bem-afortunado capitão André Furtado de Mendonça, de maneira que o conde-almirante se viu levado a nomeá-lo capitão-mor do Malavar e empresa do Cunhale. Não faltam subsídios, tanto inéditos como já publicados, para o estudo desta campanha. Damos a seguir uma breve resenha de alguns de que temos notícia e que mostram a riqueza das fontes a que pode recorrer quem quiser estudar o assunto miùdamente:

a) *Certidão* assinada pelo próprio André Furtado de Mendonça a favor de um soldado que serviu na expedição, Manuel Fernandes Brandão, datada de Goa em 26 de Dezembro de 1600. É muito extensa e na falta de um relatório original do capitão-mor pode considerar-se como a narração oficial da empresa. Manuscrito da colecção de C. R. Boxer, que se publica integralmente em *Apêndices*.

b) Luís Mendes de Vasconcelos — *História do Cunhale celebre cossario da India*, manuscrito citado por

Barbosa Machado (*Biblioteca Lusitana*, vol. 2.º, págs. 112-113 da ed. de 1933). Barbosa Machado diz que «esta obra teve maior aceitação do que a escrita por João Baptista Lavanha», seguindo a opinião de João Franco Barreto, que constava da sua obra intitulada *Biblioteca Portuguesa*, que se considerava perdida, mas de que se encontra parte na biblioteca da Ex.ma Casa de Cadaval.

c) Rui Mendes de Vasconcelos — *Historia do Cunhale famoso cossario da India a quem cativou André Furtado de Mendonça e lhe foi cortada a cabeça em Goa.* Também citada por Barbosa Machado a pág. 651 do referido vol. 2.º da *Biblioteca Lusitana.* Não obstante os mesmos apelidos dos autores e semelhanças do título, embora mais extenso, é possível tratar-se de obras distintas.

d) João Baptista Lavanha — *História do Cunhale celebre cossario da India.* Manuscrito igualmente citado por Barbosa Machado na sua relação das obras do notável cronista e cosmógrafo-mor do reino de Portugal. Não se conhece o paradeiro deste manuscrito.

e) *Sumário da destruição da fortaleza do Cunhale na India por André Furtado de Mendonça, capitão-mor daquela empresa.* Ms. da Biblioteca da Universidade de Coimbra. N.º 149, referido no *Archivo* da B. da U. de C. II (1877-1878), onde foi parcialmente impresso.

f) Padre Nicolau Pimenta S. J. — *Cartas que o Padre Nicolao Pimenta da Companhia de Iesu, Visitador nas partes do Oriente da mesma Companhia, escreveo ao Geral della a 26 de Novẽbro do anno de 1599 & ao 1 de Dezembro de 600, nas quaes entre algũas cousas notaueis & curiosas q̃ conta de diversos Reinos, relata o sucesso da insigne victoria que André Furtado de Mendonça alcãçou do Cunhale grande perseguidor da Fée & Christandade da India & cruel inimigo daquelle estado.* Lisboa. Pedro Craesbeek, 1602.

g) Frei João dos Santos — *Vária história de cousas notáveis do Oriente* (II parte da *Etiópia Oriental*). Impressa no Convento de S. Domingos de Évora, por Manuel de Lyra. 1609. *In fol.* pequeno de 123 fls. numeradas na frente + 2 de *Taboada.* A guerra e conquista do Cunhale ocupam os caps. XV-XVII, fls. 107-111 da 1.ª edição.

h) Diogo do Couto — *Cinco livros da década doze da História da India por Diogo do Couto, cronista e guarda-mor da Torre do Tombo do Estado da India,* tirados à luz pelo capitão Manuel Fernandes de Vila Real. Paris, 1645. *In fol.* A empresa do Cunhale é narrada nos capítulos I-IX do Livro IV, págs. 168-195 da 1.ª ed. O ms. 537 da livraria do Arquivo Nacional da Torre do Tombo é uma outra versão da mesma década, em letra de seiscentos e, se não estamos em erro, da mão de algum dos amanuenses do próprio Couto. Alguns dos capítulos divergem dos da impressão e, por isso, reproduzimos dois deles em *Apêndices.*

Além destas fontes originais, encontram-se mais subsídios em obras de escritores e viajantes coevos, como o francês Pyrard de Laval (*Viagem*, Paris, 1619); o holandês Van Linschoten (*Itinerário*, Amesterdão, 1596); Jean Mocquet (*Viagem*, Paris, 1616); Coelho Barbuda (*Empresas Militares de Lusitanos*, Lisboa, 1624), etc.

Em *Apêndices* inserimos o relato do próprio André Furtado e cingir-nos-emos, por isso, a um simples resumo da campanha, socorrendo-nos principalmente dos *Subsídios para a história militar da India* (1585-1605) do almirante Botelho de Sousa, obra modelar, baseada em estudo cuidadoso da *Década XII* de Diogo do Couto.

A 3 de Dezembro de 1599 saía André Furtado com

a armada do Malavar que se compunha de 37 velas. Quando chegou à barra do Cunhale, achou lá outra armada de 20 navios de remo às ordens de D. Fernando de Noronha, que tinha bloqueado estreitamente a foz do rio desde 1 de Setembro, enquanto o Samorim com o grosso do seu exército de naires cercou a fortaleza e povoação da banda da terra. Com a chegada de André Furtado apertou-se o bloqueio por mar e terra, tendo o capitão-mor uma entrevista muito cordial com o Samorim em 16 de Dezembro. Um mês depois, partiu este para celebrar uma festa hindu, chamada de *Mamanga*, na sua metrópole de Calecut. Durante sua ausência tratou André Furtado de desimpedir a barra, em que o inimigo tinha atravessado grossos mastros, presos com cadeias de ferro e grandes âncoras, e alguns pregados sobre estacas muito grossas, metidas com *vai-véns* no fundo da vasa, ou areia, ficando tudo um côvado abaixo da superfície da água. Metidos na água, com grande trabalho e risco, serraram os Portugueses os mastros, sempre inquietados pelas bombardas inimigas. Desimpedida assim a barra, mandou André Furtado efectuar um desembarque na banda do Ariole, pelo Norte do rio, dentro, em terras dum pequeno régulo deste nome. Aqui e em outros sítios colocou artilharia pesada com que incomodou muito ao inimigo, derrubando o baluarte que guardava a barra, ficando assim a povoação e bazar abertos ao assalto.

Entretanto, recebeu o capitão-mor cartas do vice-rei, ordenando que não arriscasse a gente em assaltos, e fosse estreitando o cerco até o inimigo se entregar. Convocou André Furtado conselho, em que a maioria foi de parecer que convinha concluir a guerra o mais depressa possível, por estar à porta o Inverno, devendo acometer-se o inimigo por assalto «porque a guerra não se fazia sem risco». Assinado por todos este parecer, foi enviado ao

vice-rei, que o não aprovou, e mandou que se guardasse o que ele tinha ordenado. Mas André Furtado não fez caso desta ordem do vice-rei, seguindo o seu parecer e aquele do seu conselho, tanto mais que era necessário aproveitar-se da boa disposição temporária do Samorim de Calecut ([16]).

Este estava de volta no começo de Março de 1600 e logo que chegou ao arraial o Cunhale enviou-lhe muito dinheiro com um pedido de seguro, que o Samorim lhe concedeu. Desde logo saíram da fortaleza 250 Mouros, que os naires do Samorim foram receber junto a uma tranqueira de madeira. Um capitão português, Belchior Rodrigues, pensando que o Samorim quereria depois arrogar-se a rendição do Cunhale, e ficar com o maior quinhão dos proveitos e glórias da guerra, aproveitou a ocasião para penetrar na tranqueira, a que pôs fogo, e, passando adiante, fez o mesmo a todos os navios e casas que havia entre esta tranqueira e a de pedra que fechava a povoação pela banda do Sul. Os Mouros que defendiam esta, opuseram resistência vigorosa, sendo necessário acudir o próprio capitão-mor para assegurar a retirada dos Portugueses, «e nesta revolta foi ferido em hum pé de hum estrepe dos muitos que avia ao longo do muro polla banda de fora». Esta briga inesperada não agradou naturalmente ao Samorim, e por seu lado o Cunhale, vendo queimada a tranqueira, navios e casas, concluiu que o Samorim o enganava, pelo que resolveu recolher-se à fortaleza e continuar a resistência.

O assalto final à povoação e bazar foi ordenado para 7 de Março, sendo o exército português dividido em três *batalhas*, das quais a principal se compunha de 1.200 ho-

([16]) Botelho de Sousa — *Subsídios*, págs. 402-06; Diogo do Couto — *Década XII*, Livro IV.

mens, «em que havia a flor da fidalguia e soldadesca da armada», às ordens do próprio capitão-mor. O Samorim mostrou-se irresoluto no começo, mas vendo que os Portugueses iam avançando sem fazerem caso dele, foi afinal em seu seguimento com 6.000 naires, dizendo-se pronto a auxiliá-los. Depois de mandar o engenheiro-mor e Pero de Bendanha a reconhecer a tranqueira de pedra pela parte por onde queria atacá-la, mandou André Furtado fazer sinal do assalto. Arremeteram todos com o muro, que não teria mais de 8 palmos de altura, mas muito espesso, «e o primeiro que sobio acima, ajudado dos seus, foi o capitão-mor». Tanto que André Furtado se viu em cima, «logo o muro se encheo de soldados, e forão demandar os baluartes e guaritas, que os Mouros despejaram depressa», retirando-se à fortaleza em desordem ([17]).

Apesar da desconfiança mútua entre André Furtado e o Samorim, que originou muitos dissabores entre eles, e deu aos padres jesuítas muito trabalho a compor, apertou-se o cerco e o bombardeamento da fortaleza, de maneira que o Cunhale se viu reduzido à última miséria. «Em fim chegarão a tão extrema necessidade de mantimentos, que mandarão os principaes pedir seguro ao Samorim para se passarem a elle, e lhe disserão da parte do Cunhale que lhe pedia muito ouvesse delle misericordia, que se lhe queria entregar, se lhe prometesse a vida e aos que com elle estavão. O que lhe concedeo, e lhe passou pera isso suas ollas. Este negocio mandou o Samorim communicar com o capitão-mor pedindolhe que o ouvesse assi por bem, que elle lhe prometia de lhe entregar Cunhale vivo, e alguns de seus capitães. E elle lhe mandou dizer, que fizesse sua alteza o que

([17]) Botelho de Sousa — *Subsídios*, págs. 407-08.

quizesse que elle era de tudo muito contente». Ainda assim o Samorim vacilou, porque temia que sua própria gente, embora que erão naires hindus e não muçulmanos, não gostariam nada se ele mandasse entregar o Cunhale cativo nas mãos dos *feringis* cristãos.

Mandou afinal André Furtado dizer ao Samorim que, ou ultimava a entrega, ou ele atacaria a fortaleza e a escalaria, passando à espada todos os que nele achasse. Isso bastou para que a entrega da fortaleza e do Cunhale ficasse assente para o dia 16 de Março de 1600.

Neste dia formou o exército aliado em volta da fortaleza, deixando entre as forças de André Furtado e as do Samorim, uma passagem aberta para saírem os rendidos. «Dali a pouco comessarão a sair da fortaleza os mouros que serião coatrocentos, muitos delles feridos e queimados. E logo as molhares e meninos tão debilitados todos que pareção defuntos: a quem o Samorim disse que se fossem para onde quisessem. Por derradeiro sayo o Cunhale com hũa touca preta e a espada na mão com a ponta pera biaxo. Seria a este tempo homem de cincienta annos, meão de corpo, refeito e espadaudo. Vinha no meyo de tres Mouros principaes. Hum delles hera Chinale, casta china, que fora criado em Malaca, e dizem que cativo d'hum Portuguez, que em moço foi cativo em hũa fusta e levado a Cunhale, que se affeiçoou tanto a elle, que se lhe entregou todo. Foi o mor professor da ceita dos Mouros, e mais imigo dos Christãos que todos os do Malavar: porque para os que cativão no mar, que logo erão levados ali, inventava os mais exquisitos generos de tormentos que usão, com que os martyrizava».

«O Cunhale foise direito ao Samorim, e lhe entregou a espada em sinal de vencido, e se lhe debruçou aos pés com muita humildade. Dizem alguns que pello que tinha

prometido de lhe dar a vida, tinha mandado dizer em segredo ao capitão-mor, que ao tempo que o Cunhale se lhe entregasse, lançasse mão delle como que lhe fazia força pera sua satisfação: o que o Capitão-mor fez. Porque tendo-o o Samorim comsigo se chegou André Furtado de Mendonça e o tomou por hum braço e puxou por elle pera fora: e este deu hum solavanco muy grande por se soltar e como isto era a borda d'hua cava, esteve o capitão-mor arriscado a cair nella se o não tivera por hum braço o padre Frei Diogo, homem religioso da ordem do glorioso padre São Francisco, que estava junto delle de hũa parte, e da outra Diogo Moniz Barreto que foi caindo na cava e esfolou toda hũa perna». Os naires pareceram querer tomar a parte do Cunhale, mas o Samorim os aquietou, emquanto que o Cunhale, com o seu sobrinho Cotiale e o china Chinale, foram apanhados e levados em ferros a bordo da galé capitânia de André Furtado.

O capitão-mor, tomando a mão do Samorim, entrou com ele na fortaleza e em nome do vice-rei lhe deu tudo o que nela havia, excepto a artilharia, que se dividiria em duas partes iguais, e seguidamente saiu da fortaleza. Partida a artilharia e embarcada a parte que coube aos Portugueses nas suas galés, o Samorim, agradecido à liberalidade do capitão-mor, mandou-lhe entregar 40 mouros do Cunhale, dos mais honrados, os quais depois foram todos mortos em Goa, no tronco, por ordem do vice-rei. Mandou o capitão-mor derrubar a fortaleza sem deixar pedra sobre pedra, e pôr fogo à povoação, bazares e mesquitas ([18]).

Concluída assim a empresa, o capitão-mor se fez à

([18]) Diogo do Couto — *Década XII*, Livro IV; Botelho de Sousa, *Subsídios*, págs. 410-11.

vela aos 25 de Março, chegando a Cananor no dia seguinte. Ali esperava-o uma carta do vice-rei pedindo-lhe que, com toda a armada, voltasse a Coulão e derrubasse uma fortaleza que o rei de Travancor estava construindo ali.

André Furtado reuniu conselho, em que todos foram concordes que estavam quebrantados e faltos de tudo, além de estar bem perto do Inverno, quando a armada não poderia voltar a Goa. Desistiu André Furtado, pois, da jornada de Coulão por então, mas escreveu ao vice-rei dizendo que «estava prestes para voltar àquele negocio, provendo-lhe a armada que trazia desbaratada e falta de tudo».

Mandou-lhe o vice-rei responder que descansasse em Pangim, enquanto se preparavam as festas que a cidade de Goa quis que lhe fizessem. Assim, no dia marcado subiu a sua armada o rio, acompanhado de muitas embarcações, e no meio de salvas de artilharia e «grandes estrondos de estrumentos belicos e alegres, de tambores, pifaros, charamellas, e trombetas». O arcebispo e os vereadores estavam à sua espera à porta da cidade, mas o vice-rei, invejoso, com pretexto de achaque da gota, ficou sòzinho no seu Paço. «E estando André Furtado ultimamente para desembarcar, estando o cais e as ruas todas entulhadas de povo, e as janellas, alcatifadas, de damas, para verem o Cunhale que tanto dano tinha feito à India, entrou o Licenciado Lizarte Caeiro de Grã, Ouvidor Geral do Crime (que hera cazado com hũa molher do Reino do apelido dos Mendoças, parenta do mesmo André Furtado) e lhe deu hũ recado da parte do Viso Rey, em que mandava, que lhe entregasse o Cunhale para o levar ao tronco, porque não hera licito que dezẽbarcase com elle, nem se fizesse tanto caso de hum pirata; recado de que este bacharel se podia escusar, pela

rezão que disse, se elle entendera tanto de hum primor como de hum texto».

«André Furtado em lhe dando o recado, cegou-se tanto da paixão que não respondeo na forma que devia... e logo lhe entregou, e mandou dizer ao Arcebispo e Cidade, que lhe tinha em merçe as honrras que lhe querião fazer, e com isto se embarcou em huma manchua e se foi pelo rio acima meter na caza dos Capuchos da Madre de Deos», onde ficou sem falar ao vice-rei nem dar conta do sucedido na jornada. Diogo do Couto acrescenta que «os soldados estiverão mui allevantados, e a mim me afirmarão que detriminarão de deitar o ouvidor geral ao mar, mas André Furtado que os entendeo acodio a os quietar, que para aquilo só lhe deu a paixão lugar. Muito sentio o povo isto que se fez a este capitão, porque em hum momento se desarmarão todas aquelas preparaçois, e derão os Rapazes com as arvores e Ramos por esse chão. E o Arcebispo e Cidade se recolherão com grande desgosto de soceder aquilo estando elles com aquelle alvoroço» ([19]).

Passado algum tempo, o Cunhale foi degolado em um cadafalso armado no Terreiro do Paço; dias depois foi degolado o Chinale, já baptizado. No próprio dia do desembarque, o rapazio de Goa tinha matado às pedradas a quatro ou cinco dos mouros cativos, enquanto os sobreviventes «no tronco se consumiram todos». Mortos como piratas e criminosos em Goa, contudo a sua memória ficou viva na tradição dos moplahs muçulmanos do Malavar, que consideram o Cunhale como um *sahid* ou mártir. ([20]).

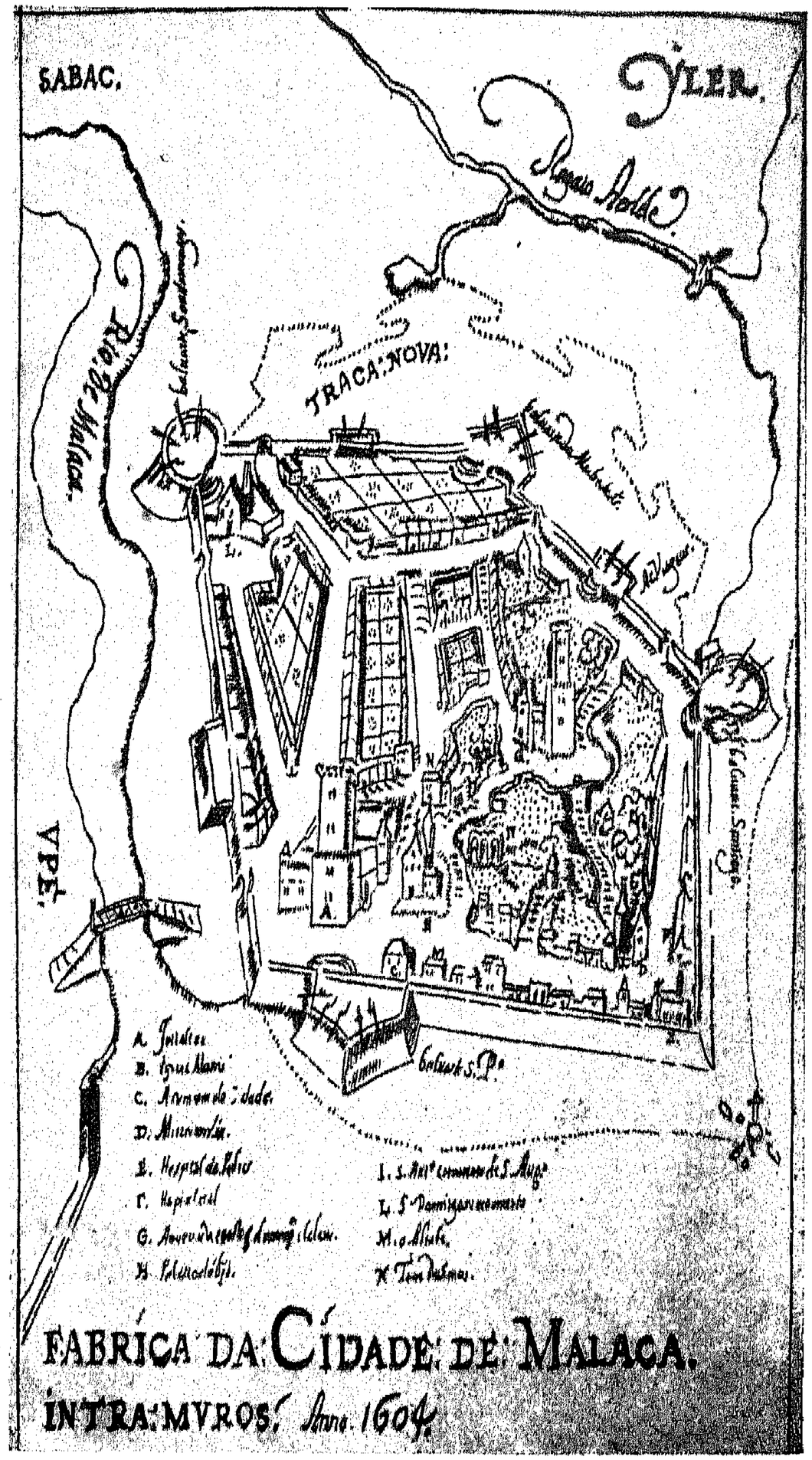
([19]) Diogo do Couto, *Década XII*, Cap. IX do ms. 537 da Torre do Tombo (Livraria).

([20]) Diogo do Couto, *Década XII*, e págs. 537 da tradução

Grande foi o regozijo no reino quando houve conhecimento da conquista e morte do Cunhale. El-Rei escrevia a André Furtado agradecendo-lhe por ter contribuído para que fosse restaurado o crédito português perdido no mau sucesso da armada de D. Luís da Gama. Manifestava-lhe ainda o Rei o seu contentamento por não se ter embarcado para o reino, deixando-se ficar na Índia, onde a sua assistência era necessária. Em outra carta mandava D. Filipe premiar-lhe os serviços, fazendo-lhe mercê da capitania de Sofala, ou de Ormuz, a que preferisse, por tempo de três anos, «na vagante dos providos», e isto além da fortaleza de Malaca e viagem da China, com que já estava despachado. Enquanto durou o governo do conde-almirante, porém, André Furtado deixou-se ficar no convento franciscano da Madre de Deus, sem se importar com as desculpas e demonstrações do vice-rei ([21]).

inglesa das *Viagens* do francês Pyrard de Laval, ed. de Hakluyt Society — 1889-90, por Gray e Bell (vol. II).

([21]) Botelho de Sousa, *Subsídios*, págs. 413-14.



Da Relaçam de Malaca, *de Manuel Godinho de Erédia*

III

A ARMADA DO SUL, 1601-1603

Nos últimos anos do século XVI, a concorrência dos *Rebeldes da Holanda* no comércio português do Oriente assumiu proporções cada vez mais graves e ameaçadoras. Assim no ano de 1598, quando uma esquadra inglesa, do comando do Duque de Cumberland, bloqueava a barra do Tejo, impedindo a saída de quatro naus para a India e um galeão destinado a Malaca, nada menos de vinte e dois navios holandeses partiram de vários portos dos Países Baixos com rumo às ilhas das especiarias e arquepélago de Sunda. Além disso, a situação dos Portugueses nas Molucas (Tidore e Amboino) piorava dia a dia, faltando-lhes muitas vezes o socorro de Malaca; e para remate de tudo, a armada enviada ao Sul, a cargo de Lourenço de Brito, teve um insucesso completo, perdendo três das suas galés num combate com os Jaos, em frente de Bantam (Junho de 1598). Não era de admirar, pois, que el-Rei mandassse ordens terminantes ao vice-rei Aires de Saldanha, para fazer em pessoa uma jornada ao arquipélago de Sunda, com o objectivo duplo de castigar o sultão de Bantam e destruir as feitorias e naus holandesas.

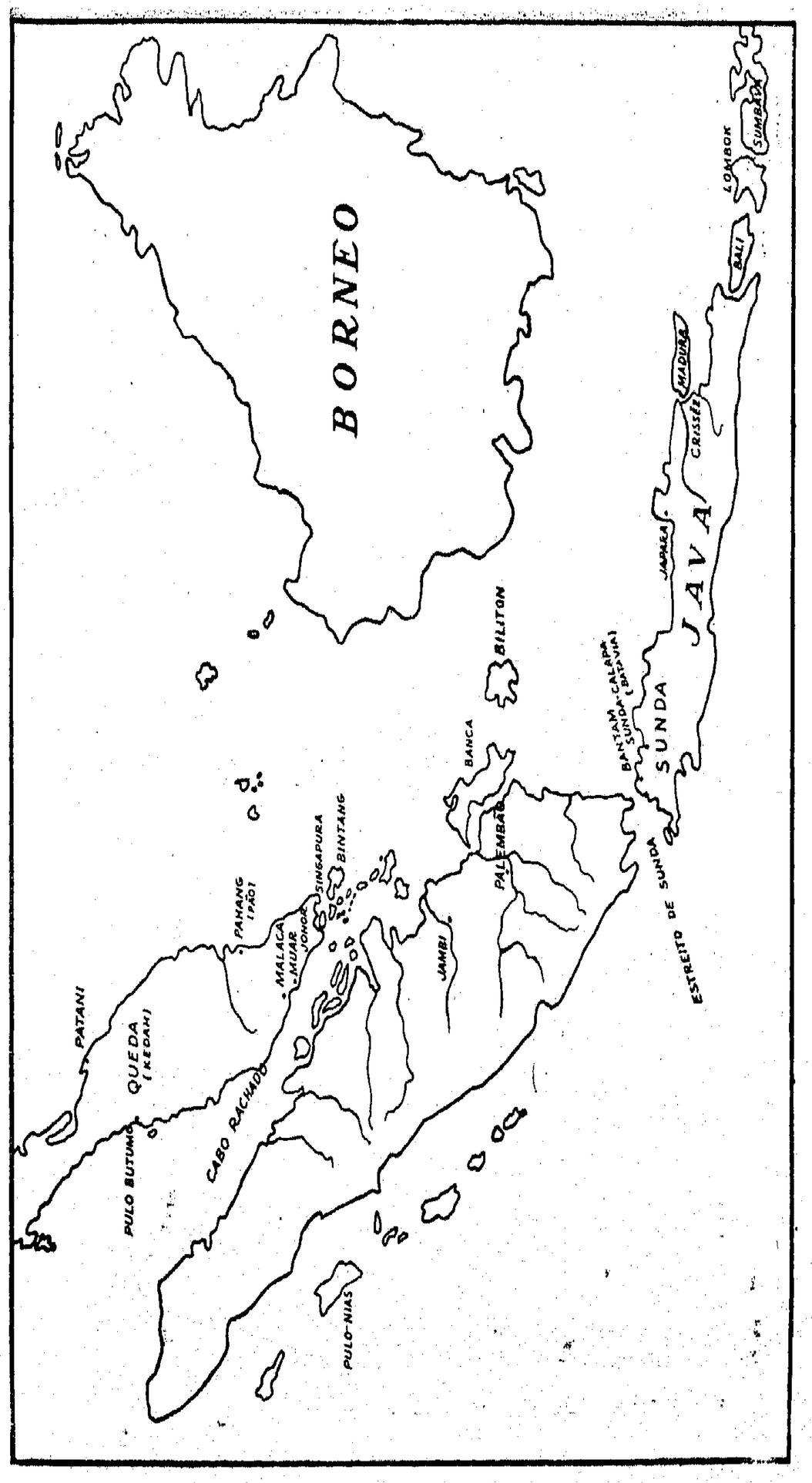
Assim escrevia El-Rei pelas vias de 1601: «O Capitão-mor que houverdes de levar comvosco na armada

em que fordes, hei por bem que seja André Furtado de Mendonça, e em sua falta ou ausencia, D. Jeronimo de Azevedo, dos quais ambos sou informado, que por sua experiencia e partes vos poderão ajudar». Mas quando esta carta chegou a Goa, o vice-rei já tinha nomeado André Furtado por capitão-mor duma grossa armada de socorro ao Sul, que tinha partido de Goa em 10 de Maio do mesmo ano. É provável que não fosse a primeira vez que André Furtado militasse nos mares de Malaca, porque há indicações de que lá estava pelos anos de 1589-90, depois de ter voltado do reino em 1587, e antes da jornada de Jafanapatão em 1591 (22).

A armada que André Furtado levou compunha-se de 6 galeões, e 14 navios ligeiros, com 1.300 soldados e 2.000 homens de mar. «E se esta armada, depois de feita e partida da India, em Maio de 601» diz um jesuita contemporaneo — fora tão ajudada dos tempos e tão favorecida dos homens como ia provida de bom capitão e bons soldados, não deixava de fazer os bons efeitos que dela se esperavam e desejavam. Mas por nossos pecados tudo isto faltou, porque, dês que partiu da India até chegar a Malaca, e de Malaca até Sunda, tudo foram tempestades e infortunios que padeceu mui grandes». Devastada a armada por um temporal no golfo de Ceilão, arribaram ou naufragaram todos os navios de remo; de maneira que sòmente os galeões chegarão a Malaca (23).

(22) Botelho de Sousa, *Subsídios*, pág. 453; Bartolomeu Leonardo de Argensola, *Historia de la conquista de las islas Malucas* (Madrid, 1609), págs. 1839. Não obstante os graves erros que contém, parece-nos provável que, neste particular, esteja certa a *História* de Argensola, isto é, que André Furtado se encontrasse em Malaca em 1591, não, porém, como capitão da fortaleza, mas como capitão do mar ou de armada de remos.

(23) Os dados facultados pelo P.e Fernão Guerreiro na sua



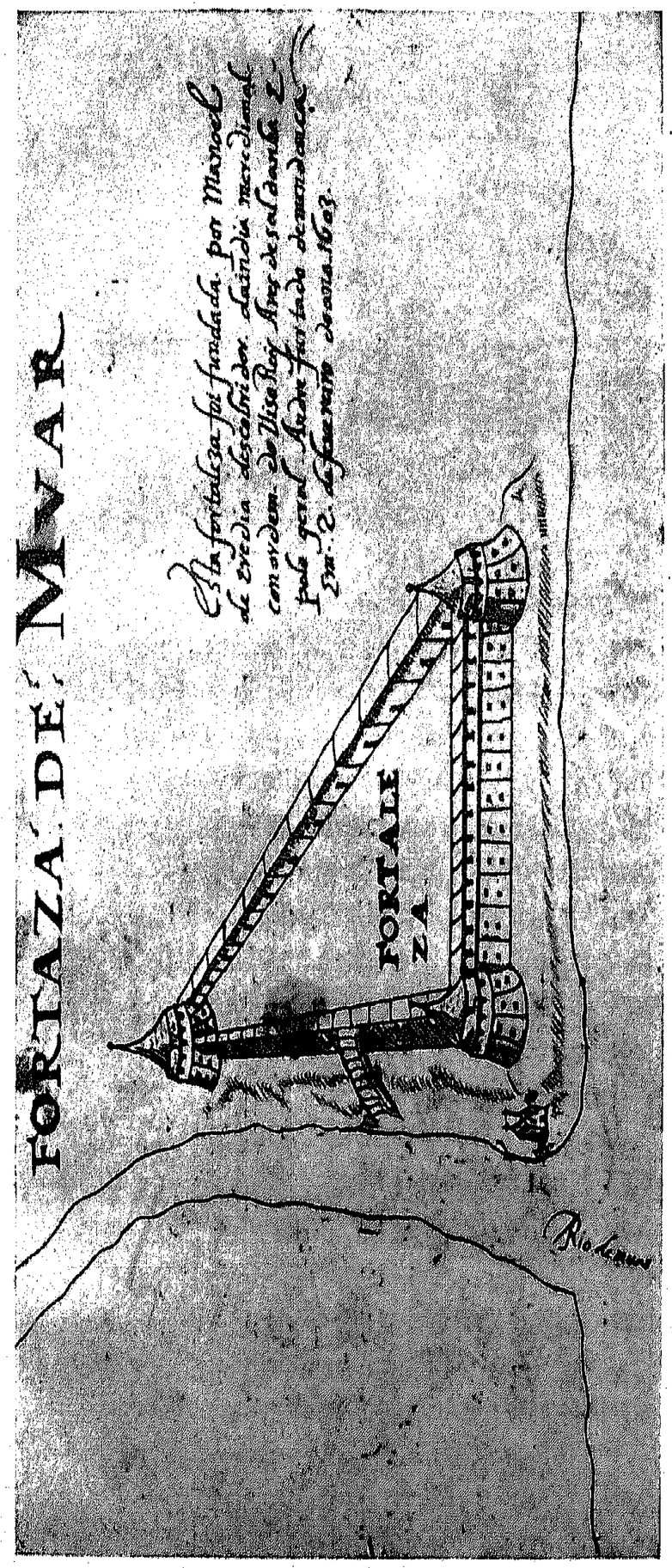
Malaca e Sunda no começo do século XVII

Aqui refez-se de alguns dos navios perdidos na viagem, e partiu deste porto em 23 de Setembro com oito navios de alto bordo (tendo agregado dois galeões em Malaca), quatro galeotas e um patacho, além de nove navios de remo, com cerca de 900 Portugueses, alguma soldadesca indígena. Foi a Palembane, na ilha de Samatra, onde tomou alguns mantimentos, e achou quatro dos navios que tinham arribado a Ceilão em Maio. Partiu de Palembane nos princípios de Dezembro, e em dia de Natal chegou à vista de Bantam e de cinco naus holandesas com as quaes travou combate, que ficou indeciso. Estes navios holandeses eram comandados por Wolphert Harmenszoon, que não só conseguiu estorvar todas as tentativas de André Furtado para vencê-las, mas ainda tomou duas fustas portuguesas, matando ou cativando as suas tripulações, no decurso de uma semana de escaramuças e refregas. Finalmente, o capitão-mor português, ou porque não pôde, ou porque não quis fazer mais, deixou o campo de acção livre aos Holandeses, e, «tendo presente as lágrimas e os gemidos dos capitães e christandade de Amboino», no dia do ano bom de 1602, seguiu a sua viagem para aquela ilha, aonde chegou a 10 de Fevereiro ([24]).

Depois de sua chegada, tratou André Furtado de reparar a Fortaleza e juntamente de remediar as ava-

Relaçam Annual (Lisboa, 1605) não concordam com os do vice-rei Aires de Saldanha na sua correspondência oficial. Seguimos aqui a versão do capitão António de Brito Fogaça, na carta que em 20 de Outubro de 1602 dirigiu ao governador das Filipinas. Fogaça era capitão do galeão capitânia de André Furtado e, pode dizer-se, seu chefe do estado-maior. A sua carta anda impressa em Colin-Pastells, *Labor Evangelica*, Tomo II, págs. 344 (Barcelona, 1904).

([24]) Carta de Brito Fogaça, em obra citada na nota anterior, e Botelho de Sousa, *Subsídios*, págs. 486-9.



FORTALEZA DO RIO DE MUAR

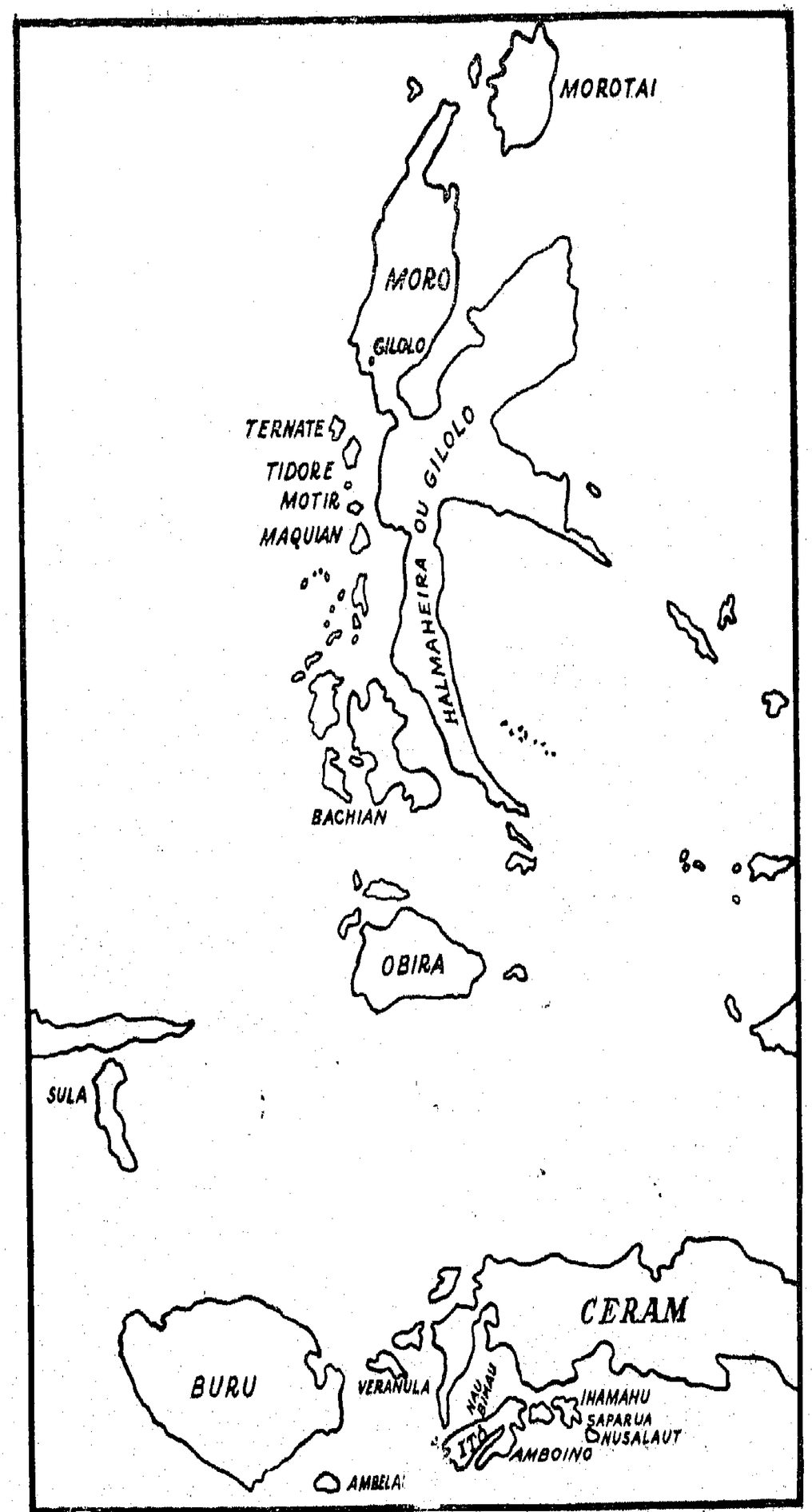
Segundo desenho de Manuel Godinho de Erédia (Códice inédito a que se alude na fotogravura anterior. Também na legenda deste há erro. Godinho de Erédia em idêntico desenho seu, publicado por Jansen, indica o ano seguinte, isto é, 1604

rias dos seus navios. Também ordenou um hospital «que foi o único remédio de muitos soldados enfermos que sem isto pereceriam, no que fez muito serviço a Nosso Senhor». Feito isto, negociou uma armada de 4 galeões, 2 galeotas e 12 corcoras, «e se foi fazer guerra aos Itos (quer dizer, gente de Hitu) e mais lugares desta ilha, que estavam alevantados contra a fortaleza», enviando ao mesmo tempo uma coluna punitiva por terra, sob o comando de José Pinto. A armada bloqueou a costa do sul de Hitu, durante um mês, reduzindo à obediência os indígenas aleventados, «que também o estavam no sítio, por habitarem oiteiros mui altos, a que eles chamam Gunos, aonde comummente correm muitas fontes de água doce, e por estes montes abaixo e fralda deles descem ribeiras de água tão excelente, que querem compita com a que desce da Serra da Estrela». Enquanto o capitão-geral bloqueava assim a costa de Hitu (parte norte da ilha de Amboino), passaram em 10 de Março dez navios holandeses, à vista dos ilhéus vizinhos de Ela e Hatala, a oeste da ilha. Informados, porém, pelos indígenas, da presença da armada portuguesa, os navios holandeses afastaram-se, seguindo sete para as ilhas de Banda e os outros três para Buru ([25]).

Os rebeldes de Hitu, vendo que as naus holandesas, com cuja ajuda tinham contado, passavam de largo, fugiram para os montes, abandonando as suas *kampongs* ou aldeias principais; bem como uma fortaleza de pedra e cal construída anteriormente pelos Holandeses, que depois a tinham evacuado. Recolheram-se a um «guno, ou pico, o mais alto e inexpugnavel que há em toda esta terra, o qual se chama Nao e Bemnao, que

---

([25]) Botelho de Sousa, *Subsídios*, págs. 491-2, Guerreiro, *Relaçam Annual*, fl. 37.



Ilhas Molucas e Amboino

sam dous oiteyros hum sobre outro, como gavia sobre gavia, e estam perto da praya; mas por rezam da volta que será mea legoa, o Nao he por todas as partes talhado com riseyras mui frescas que o cercam; e tem tres entradas ou sahidas tam ingremes que gatos, trepando lá, sintirião difficuldade; nestas entradas tinham tres transqueyras dobradas, com terrepleno no meo, com muytos berços e meyos berços e meyos falcois que os deffendião, e em cada huma muita gente de guarda, com bandeiras arvoradas e todo o genero de armas offensivas e deffensivas de que os Olandeses têm bem provido todo o Sul. Sobre tudo tinham infinidade de penedos que, a deyxalos cayr, fazem yr aos tombos hum exercito». Este lugar estava «cheio de craveyros a modo de oliveyras mas mais copados que ellas, e estavam entresaladas de muytas palmeyras mansas, e, por baxo, de todo o genero de arvore de espinho, laranjas, limões, cidras, zamboas, com cinco ou seis bicos de agua, que cada huma lançava huma boa manilha, de modo que parecia o outeyro huma quinta de prazer, tão fresco era. Sobre este outeiro estava o que se chama Beninao, que quer dizer filho de Nao, e bem avantajado ao outro assi na povoaçam como na frescura e em tudo o mais» ([20]).

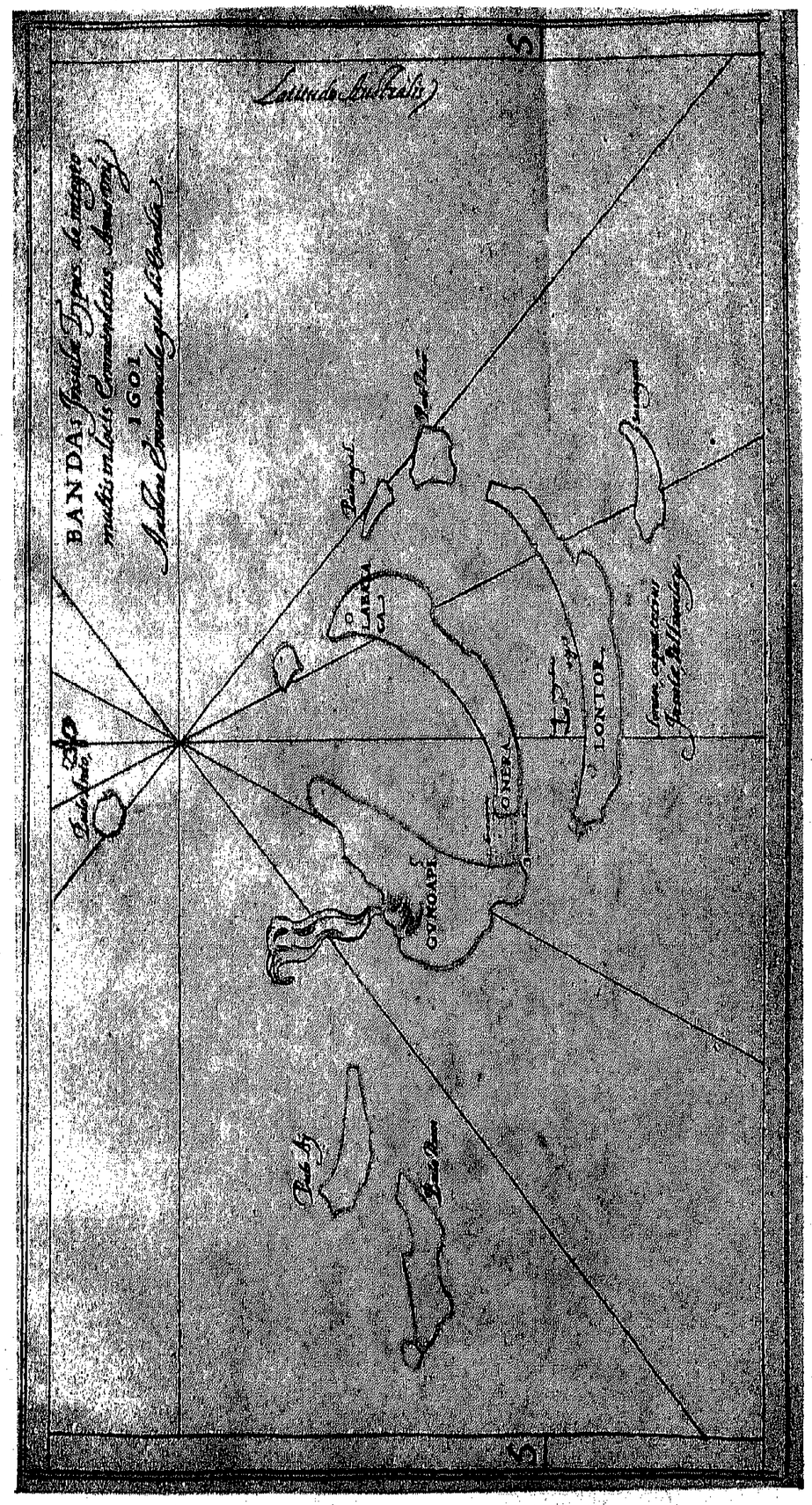
Este arraial, tão forte como pitoresco de natureza, foi tomado por assalto pelos Portugueses em quarta-feira de trevas, pela manhã, quando André Furtado «mandou tocar arma para ele em pessoa subir ao outeiro posto que não levava animo de naquelle dia cometer o forte, se não soo repartir a gente e dispor as estancias». Contudo, alguns soldados, vendo seu capitão mal ferido «fizerram demonstração de querer dar Santiago nos inimigos; mas cá onde o general estava soou que os ini-

([20]) Guerreiro, *Relaçam Annual*, fl. 3j (ed. de 1605).

migos eram os que vinham dando sobre ás estancias e berços dos nossos, pello que o General deu logo Santiago e os soldados arremeteram com tanta furia, que se puseram a trepar huns apos outros por aquelles penhascos acima com pés e mãos, de modo que era coisa de espanto ver o esforço e atrevimento que Deus lhe dava para cometerem uma coisa tão dificultosa e quasi impossivel. Os tambores e charamelas retenião nas orelhas, as espingardas roqueyradas, e pedradas nas cabeças dos nossos, dos quais muytos tombaram polla ladeyra abaixo; e pedra ouve que levou dous e tres em tombos até irem parar em alguma arvore. O Santiago e gritos da gente pareciam abrir aquelles montes, mas esforçavam os corações de modo que muytos, derribados em terra, com a mão tiraram os estrepes de que tudo estava semeado e sobiam avante que pareciam aves. Os que ficaram em baxo em guarda do arrayal, estavam vendo a briga, e hum religiozo de São Domingos que ali ficou com o seu capitão, se pos de giolhos em ella começando a rezar as ladaynhas a que todos respondiam; e foy nosso Senhor servido que as nam tinha acabado, quando as nossas bandeyras já estavão arvoradas na tranqueyra e forte dos inimigos e as contrarias lançadas por terra».

«Ainda esta vitoria, que foy dos mais esforçados cavaleyros destes mouros, nam ouve depois mais quem pelejasse nem ousasse levantar olhos para Portugueses, que tam altos outeiros sobiam, que não lhe faltava mais que subir aos ceos, como elles diziam». O forte holandês abandonado, «que tinha à entrada as armas do Principe Mauricio», foi arrasado; e todo o distrito de Hitu submeteu-se.

De Amboino partiu André Furtado com a sua armada para submeter Veranula, península da parte ocidental da grande ilha de Ceram, fronteira a Amboino, a qual,



Cartas das ilhas de Banda, por Manuel Godinho de Erédia, segundo o original existente no Arquivo Colonial de Haia

como Hitu, pertencia aos domínios do Rei de Ternate. Aqui não encontrou resistência, porque os indígenas fugiram para o sertão, abandonando uma feitoria fortificada de pedra e cal que ali tinhão construído os Inglezes em 1599, ande acharão os Portugueses «mais de 30.000 cruzados de preias e muitos sinos, louça da China, vidros de Frandes, cravo e reales» ([27]).

Acabadas estas empresas, por remate da pacificação do arquipélago de Amboino, só ficava a conquista das ilhas Uliasses a Leste do grupo, onde tinham os Mouros seu último refúgio num lugar forte chamado Hiemao ou Ihamahu, no lado do norte da ilha de Saparua. Para ali, pois, seguiu o vitorioso Caiptão-Mor, mas parece que já com a sua gente bem enfraquecida de doença e das muito baixas sofridas no combate da passada Páscoa. Pelo menos, numa carta escrita ao Padre Visitador Nicolão Pimenta, agradecendo-lhe os serviços prestados pelos jesuítas nesta campanha, afirma que o seu exército estava então «com tanta falta de todo o socorro e provimento, que nem de sagum posso sostentar estes soldados».

Aqui, porém, encontraram os Portugueses uma resistência encarniçada, que não conseguiram dominar. Conta-nos o historiador hitu, Ridjali, que o próprio André Furtado foi ferido com uma pedra na cabeça durante o assalto, depois do que os Portugueses retiraram. Que tinha razão, vemos do trecho seguinte, dum seu biógrafo, oito anos mais tarde: «Escalando a Fortaleza de Hiemao, as escadas postas no muro, que os soldados enfermos, mas nam fracos, famintos, mas nam covardes, hião sobindo, sendo elle hum dos que estavão ao pé da For-

([27]) Guerreiro, *Relaçam Annual*, 38-40. Botelho de Sousa, *Subsídios*, págs. 493-4.

taleza, pera dar animo aos seus, e subir com elles, lhe derão derriba com huma galga ou pedra muy grande sobre a cabeça, com que lhe tirarão a victoria das mãos, e lhe ouverão de tirar a vida; porque lhe quebrarão o morrião, e o derribarão como morto em terra, lançando rios de sangue pellos olhos, boca, nariz e ouvidos, ficando tres dias sem sentido, não o tendo mais que pera perguntar pela Bandeira Real» ([28]).

Estando o general de regresso a Amboino, mal convalescido deste desastre, chegou-lhe Francisco de Sousa Teve, que tinha sido feito prisioneiro dos Holandeses na batalha naval de Bantam e levado dali à Banda, com outros dez Portugueses. Trazia uma carta do almirante holandês, em que, com grandes demonstrações de cortesia, pedia que tratasse bem os seus, como ele trataria os Portugueses quando os encontrasse. André Furtado respondeu enviando-lhe um moço holandês ([29]).

Já em Março de 1602 tinha chegado a Amboino o Padre Reitor da ilha de Tidore, Luís Fernandes, que trouxe cartas daquele rei dando as boas-vindas a André Furtado e pedindo o socorresse, porque foi ameaçado

([28]) *Sermão que pregou o Padre Frei Antonio de Gouvea nas exequias de André Furtado* (em 16/X/1610), impresso em Lisboa no ano seguinte. A repulsa de André Furtado pelos defensores de Ihamahu na ilha de Saparua ficou celebrada por longos anos no folclore indígena. Uma tentativa dos Holandeses para tomarem esta ilha em 1632 foi também repelida pelos naturais, e só em 1647 conseguiram os bátavos reduzi-los à obediência da Companhia das Indias. Vide Tiele-Heeres, *Bouwstoffen voor de geschiedenis*, etc., Tomos I, pág. 259, e III, pág. 367. As relações seiscentistas holandesas também salientam a sua admirável fortaleza e beleza natural.

([29]) Botelho de Sousa, *Subsídios*, pág. 494 e artigo de P. A. Leupe, em *Bijdragen Kon. Inst. Taal-Land en Volkenkunde*, Deell XI, págs. 386-93 (1876).

pelos Holandeses. André Furtado quis acudir a este estado de cousas, como aliás já estava ordenado pelo regimento que lhe tinha dado o vice-rei Aires de Saldanha. Por outro lado, muitos dos moradores portugueses mais experimentados de Amboino, acharam melhor que o capitão-mor dirigisse a sua armada contra as ilhas de Banda, centro do tráfico da noz moscada, e já frequentadas pelas naus holandesas. Mas não havia cristandade alguma na Banda, ao contrário de Tidore; e por isso e outros respeitos decidiu André Furtado optar pela jornada de Ternate. Ciente, porém, do grande enfraquecimento dos seus efectivos, por doenças como béri-béri, além das baixas sofridas nas campanhas de Hitu e Saparua, escreveu ao governador de Manila, Dom Pedro de Acuña, em 1 de Maio de 1602, pedindo a sua ajuda para «cobrar la fortaleza que tantos años ha tenemos perdido, lo qual no puede hacer sin el socorro y ayuda de Vuestra Señoria, principalmente de mantenimiento y municiones de que quedo con mucha falta y sin esperança de tener remedio sino el que Vuestra Señoria me dieve» ([30]).

Os portadores desta carta, António de Brito Fogaça, capitão do galeão capitânea, e o Padre Jesuíta André Pereira, levaram quatro meses na sua viagem; de maneira que só em 1 de Setembro pôde D. Pedro de Acuña reunir conselho em Manila para deliberar o assunto. Consultada a Audiência, foi de parecer que se enviasse o socorro à armada portuguesa, «con docientos hombres

([30]) Carta de André Furtado para D. Pedro de Acuña (Sevilha, Archivo de Indias, 67-6-19 — N. 3), impresso parcialmente em Colin-Pastells, *Labor Evangelica*, II, págs. 344-5 (Barcelona, 1904). Cf. também Van der Chijs, *De Vestiguig der Nederlandsche Gezag over de Banda Eilanden*, pág. 18 (Batávia, 1886), e Botelho de Sousa, *Subsídios*, págs. 491-2.

que es lo que ha pedido de palabra el dicho Capitan Antonio Vrito fogaça y que tambien se le socorre con las municiones y mantenimientos que se pudiere». Por cabo desta expedição foi nomeado Juan Suarez Gallinato, «hombre cuerdo y de experiencia para las cosas de la guerra», que partiu com este reforço aos 20 de Janeiro de 1603 do porto de Ilo-Ilo (Panay) ([31]).

Enquanto o socorro castelhano se estava aprestando, chegou André Furtado com toda a sua armada de alto bordo e de remo às ilhas de Tidore e Ternate, em 10 de Agosto de 1602. Deixando os galeões debaixo da protecção da fortaleza dos Reis Magos, de Tidore, passou com a armada de remo à ilha de Maquien, onde não encontrou resistência e mandou construir um forte que deixou guarnecido de 50 homens. Feito isto, voltou a Tidore, onde reparou os navios e a fortaleza o melhor que pôde, seguindo então para a ilha fronteira e inimiga de Ternate. Surgiu no porto de Talangami, duas léguas da povoação e fortaleza de Gamalama, como os indígenas chamavam ao antigo forte português de São João Baptista. Encontrou lá uma nau e um patacho do seu velho antagonista, Wolphert Harmenszoon, os quais, em face da superioridade dos Portugueses, logo abandonaram a rede e empreenderam a viagem de regresso, apenas com meia carga ([32]).

Por falta de munições, e, segundo parece, de disciplina militar na sua gente, doente e desmoralizada, André Furtado deixou-se ficar ali desde o fim de Outubro até à chegada do capitão Gallinato com o socorro de Manila, em 16 de Fevereiro de 1603. Acusa este que a soldadesca

([31]) Documentos publicados em Colin-Pastells, *Labor Evangélica*, II, págs. 345-8.

([32]) Documentos publicados em Colin-Pastells, *Labor Evangélica*, págs. 345-8, e Botelho de Sousa, *Subsídios*, pág. 496.

portuguesa «era tam poca, enferma, y mal disciplinada que era imposible acometer la ocasion presente... pues en tiempo de seis meses que estuvo surto hasta que allegué no havia hechado hombre en tierra ni menos hecho otra diligencia». A tal ponto de desmoralização tinham chegado os soldados portugueses, que os Ternates lhes tomaram uma corcora com 14 homens, que logo foram degolados ([33]).

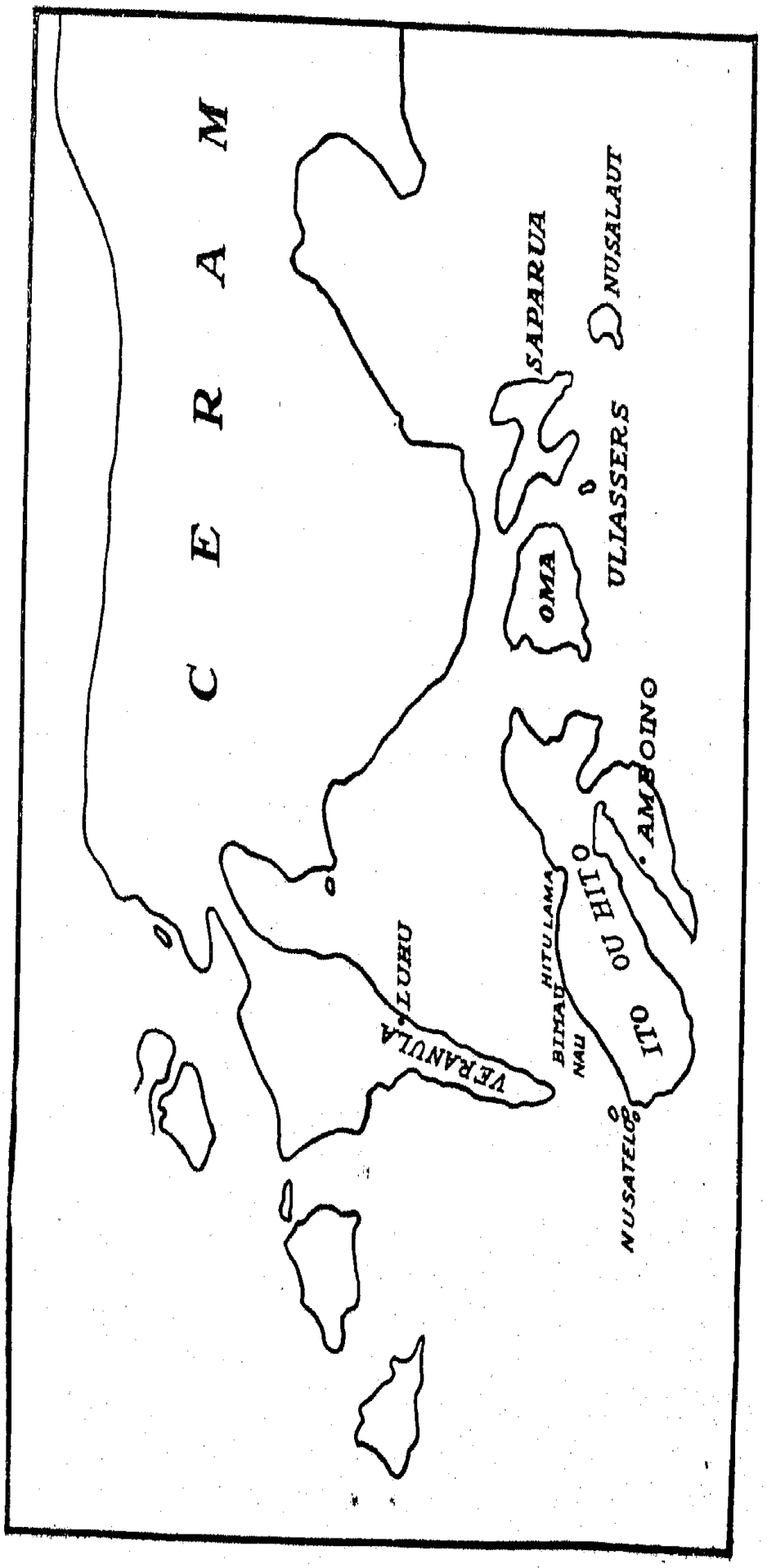
Esta estranha inacção de André Furtado é difícil de explicar, sobretudo quando comparada com o seu denodo e esforço antes e depois desta malograda expedição de Ternate. Muitos escritores, desde o seu contemporâneo Leonardo de Argensola até o Sr. almirante Botelho de Sousa em nossos dias, têm tentado explicá-la de diversas maneiras. Nós, porém, atribuímo-la a doença. Todos aqueles conceituados escritores ignoravam que André Furtado tinha sido muito mal ferido na

([33]) Carta de Gallinato, Tidore, 24/V/1603, *apud* Colin-Pastells, *Labor Evangelica*, II, págs. 349-383. É de notar que a narração desta campanha de Ternate por Leonardo de Argensola, na obra citada atrás, págs. 289-303, é reprodução, em certos passos textual, desta carta e de outra de André Furtado, também impressa em *Labor Evangelica*, Tomo II. O estado de indisciplina e doença dos combatentes portugueses é igualmente confirmado pelas afirmações dos casados, moradores e religiosos jesuítas de Amboino, feitas perante o almirante holandês Estêvão Van der Haeghen, pouco depois deste ter tomado aquela praça em 1605. Alegavam aquelas testemunhas que os soldados da armada de André Furtado roubavam os porcos, galinhas e ovos que puderam haver às mãos. Isto, porém, não deve ser tomado a sério, pois do relatório do próprio Vander Haeghen consta que os Holandeses consideraram ilha de Amboino um verdadeiro paraíso, onde abundavam todos os mantimentos e animais domésticos nos solares e quintas dos moradores portugueses e mestiços, o que não sucederia se a soldadesca indisciplinada tivesse procedido daquela forma. (*Bijdragen. Med. Hist. Gen. Utrecht.* Tomo VI, págs. 358-9).

cabeça no assalto infeliz a Ihmahu em Abril de 1602: Só a tal se refere Fr. António de Gouvêa no seu sermão de 1610. Nessa ocasião, o choque sofrido foi de tal ordem que esteve três dias sem sentidos. É claro que partiu de Amboino mal convalescido do grave ferimento, além de que já naquela altura «nem de sagum» pôde sustentar o seu exército. Parece-nos que a sua inacção no decurso de todo este cerco de Ternate, e a fraqueza moral de que deu claras provas foi o efeito da sua ferida, a doença, e o desânimo resultantes do mau clima, além da falta do socorro esperado.

Seja como for, quando chegou o socorro, «que fue mayor de que el imaginava», André Furtado logo cobrou novos brios, pelo menos temporàriamente, e insistiu no desembarque das forças aliadas. A 27 de Fevereiro de 1603, fez mostra da soldadesca portuguesa, que, segundo Gallinato escreveu, era «verguença vela puesto que los mas eran muchachos y generalmente enfermos de *bervere* y ninguno sabia disparar un arcabuz que aun no los trayan sino unas escopetillas de caça sin ninguna mosqueteria todo como para negocio de burla que prometian muy desventurado suceso; eran todos 420 repartidos em 4 compañias». Segundo ele, a soldadesca castelhana era muito mais luzida e robusta; mas mesmo assim, faltando artilharia de bater, pólvora e munições, Gallinato duvidou muito do êxito da empresa.

O desembarque efectuou-se em 3 de Março, mas os aliados levaram dois dias inteiros em cruzar barrancos e passagens dificultosas defendidos pelos Ternates, até que chegaram a tiro de bater a fortaleza. Mas a artilharia dos sitiadores era pouca e de relativamente de pequeno calibre, e, por outro lado, os Ternates estavam bem providos de material de guerra. O assédio durou três semanas, e os aliados levaram a melhor em algumas



Amboino e ilhas vizinhas

surtidas e escaramuças que houve; mas André Furtado, contra o parecer dos capitães castelhanos, decidiu levantar o cerco em 27 de Março, pelas razões que expôs em carta dirigida a D. Pedro de Acuña em 25 de Março de 1603, e recebida por este em 5 de Junho.

«No ay infortunios en el mundo por mayores que sean que de ellos no se alcance algun bien; de todos que tengo pasados en esta jornada que son ynfinitos, me resultó conocer el celo y animo con que V. S.ª se emplea en el servicio de su magestad...

«El socorro que V. S.ª me envio llego a tiempo mediante el favor divino que el fue el que dio esta armada a S. Mag.ᵈ y las vidas a todos los que oy les tenemos; y por lo subcedido en esta jornada entenderá S. Mag.ᵈ lo mucho que deve a V. S.ª y lo poco que deve al capitan de Malaca, pues el fue parte para no hazerce el servicio de S. Mag.ᵈ. Cuando llego el socorro que V. S.ª me envio, estava esta armada sin ningunas municiones, por haver dos años que havia salido de Goa y tenerla toda consumida y gastada en las ocasiones que se avian ofrecido; supuesto esto, porque no se imaginase que por mi quedava el efectuar el servicio de S. M.ᵈ, me puse en tierra lo qual sobre con perder el Enemigo mucha gente suya que puse las postreras trincheras cien pasos de la fortificacion del enemigo. Puse en tierra cinco pieças gruesas de batir que en diez dias de bateria se arruyno un pedaço grande de un baluarte donde estava toda su fuerça; en estos dias se consumio toda la poluora que auia en esta armada sin quedar cosa con que se pudiese cargar la artilleria della una vez; y si se ofreciese, que no dudo, encontrar alguna esquadra de Olandeses, hame de ser forçoso pelear con ellos; siendo esta la principal causa porque leuante el cerco, teniendo el Enemigo en mucho aprieto, asi por hambre

como por hauerle muerto en el discurso de la guerra muchos capitanes y otra mucha gente; por aqui juzgara V. S.ª el estado con que yo puedo quedar de pasion y congoja, sea Dios loado por todo, pues asi es seruido, y permite que los mayores enemigos que ay en estas partes sean los vasallos de S. M.ᵈ. Yo me parto para ambueno para ver si hay alli socorro, que hallandolo suficiente, y no hauiendo en las mas partes del Sur alguna necesidad urgente que me obligue a socorrela he de voluerle a esta empresa y della auisare logo a V. S.ª»...

...«La cosa que mas estime en esta empresa, que es digna de quedar en memoria, es que quebrantando el proberbio de los viejos portugueses en el discurso de esta guerra no huuo entre los Españoles y portugueses una palabra mas alta que otra comiendo siempre juntos en un plato, mas esto atribuyalo V. S.ª a su buena fortuna y al entendimiento y experiencia de Joan Xuarez gallinato» (³⁴).

Enquanto André Furtado atribuiu o fracasso desta jornada principalmente à falta do socorro de Malaca — quer dizer, à culpa do seu inimigo pessoal, Fernão de Albuquerque, que em 1601-1603 era governador daquela praça — o capitão Gallinato deu sua versão a D. Pedro de Acuña, em carta datada de 24 de Maio, escrita da fortaleza de Tidore. Ele também salientou a boa e leal correspondência entre a soldadesca portuguesa e castelhana, «que fue cierto don particular del cielo que no uvo una minima diferencia entre ellos, sino una hermandad notable que a todos causava admiracion». Disse mais que os sucessos da guerra «tuvieram muy dichoso fin si el General Andres Hurtado de Mendoça fuera

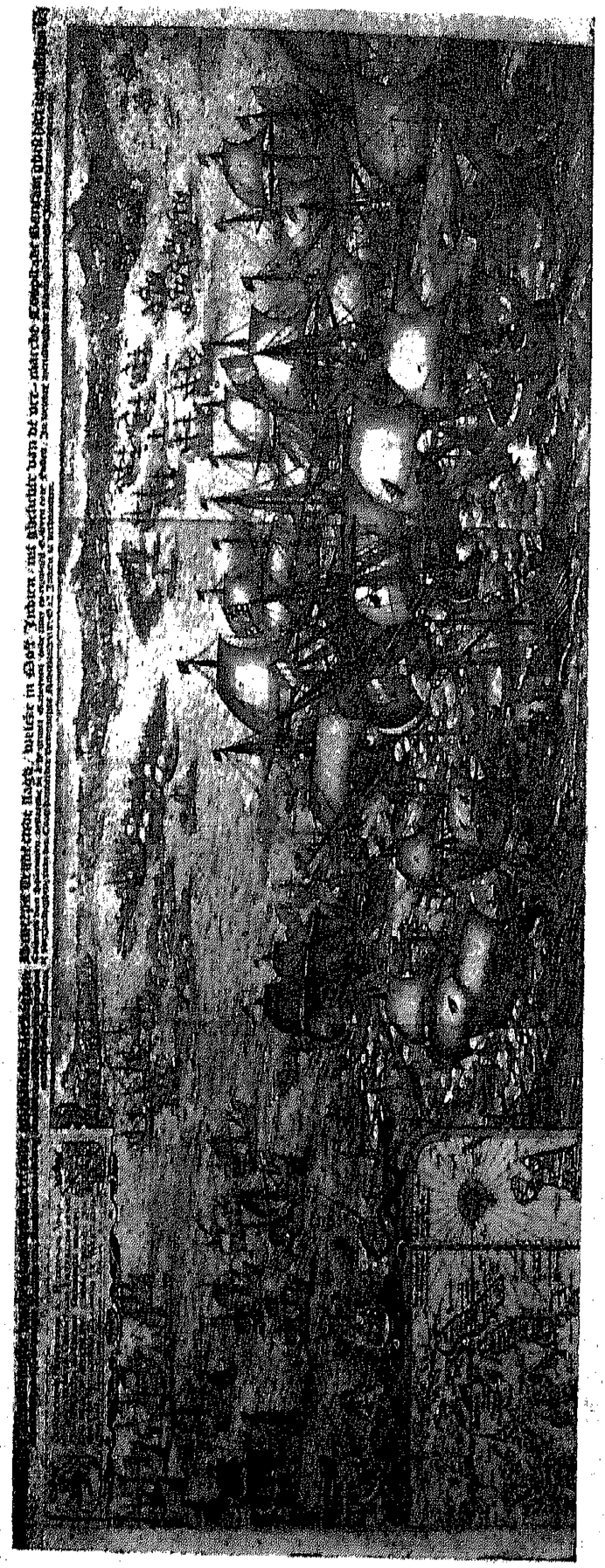
(³⁴) Carta de André Furtado, *apud* Colin-Pastells, *Labor Evangelica*, II, págs. 348-9.

ayudado de los suyos, que cierto que teria gente ninguna de confiança». Ele achou que a artilharia era de «poco efecto para la bateria, demas de que las balas eran de piedra y en llegando a la muralla se deshacian sin hacer efecto que ymportase». Terminou a sua carta dizendo: «A veynte deste entro en tidore nueva como el galeon del viage quedava en Anbueno, y el general andres hurtado muy cerca de aquel Puerto com sola su nao y quatro Galeotas, que la demas armada no parecio; de la gente que truxo esta nueva que son naturales de Tidore dicen unos que el general yva malo, no lo yva tanto, y no tuve carta suya, que conforme a esto presumo ser mucha la enfermedad». Outra relação, anónima, nos assegura que a razão principal para o insucesso da expedição foi a inteligência de todos os desígnios de André Furtado que El-Rei de Ternate obteve mediante alguns portugueses e mestiços de Tidore, «los mas dellos casados con mugeres de la tierra», enquanto os reis de Ternate, Tidore e Bachian todos três se entenderam secretamente entre si ([35]).

Nada se sabe da actividade — ou antes, inactividade — da armada de André Furtado depois que, em 27 de Março de 1603, em seguida ao insucesso de Ternate, deu à vela para Amboino. Parece, contudo, que pouco tempo se deteve lá. Já em Julho achamo-lo em Malaca, tendo deixado os mouros das Molucas, com sua partida, «mais soberbos e assanhados contra os nossos, e os padres defraudados das esperanças que tinham do grande fruto que naquelas partes se pudera fazer, se o sucesso saíra como desejavam» ([36]).

([35]) Obra referida na nota anterior, págs. 383-4, «*Copia de un aviso del Maluco*».

([36]) Fernão Guerreiro, *Relaçam Annual de 1604-5* (Lisboa, 1607) fl. 95 v.



Batalha naval entre Portugueses e Holandeses, na barra de Bentam, em Dezembro de 1601, segundo uma gravura contemporânea holandesa existente no Vereeniging Nederlandsch Historisch Scheepvaart Museum de Amsterdam

IV

NA CAPITANIA DE MALACA (1603-1606)

Embora André Furtado tivesse tomado posse da capitania de Malaca em Julho de 1603, só cerca de dois anos mais tarde é que encontramos notícias da sua acção lá.

Em Janeiro ou Fevereiro de 1605 partiram de Macau duas naus de mercadores, uma delas do trato do Japão, a cargo de João Caiado de Gamboa, que veio riquíssima, porque no anterior «houve muy grossos ganhos», e tinha voltado de Nagasaque em Novembro carregada «com muita prata», segundo consta de fonte contemporânea ([37]). A outra nau tinha o nome de «Santo António» e ambas iam comboiadas por um galeão del Rei.

Logo depois de deixarem a costa da China sobreveio um temporal. A «Santo António» perdeu o leme, vendo-se forçada a arribar ao porto de Patane, a leste da península malaia. Em 17 de Fevereiro seguiram os outros dois navios no rumo de Malaca. Do que aconteceu depois a estes e outros navios portugueses dá-nos conta

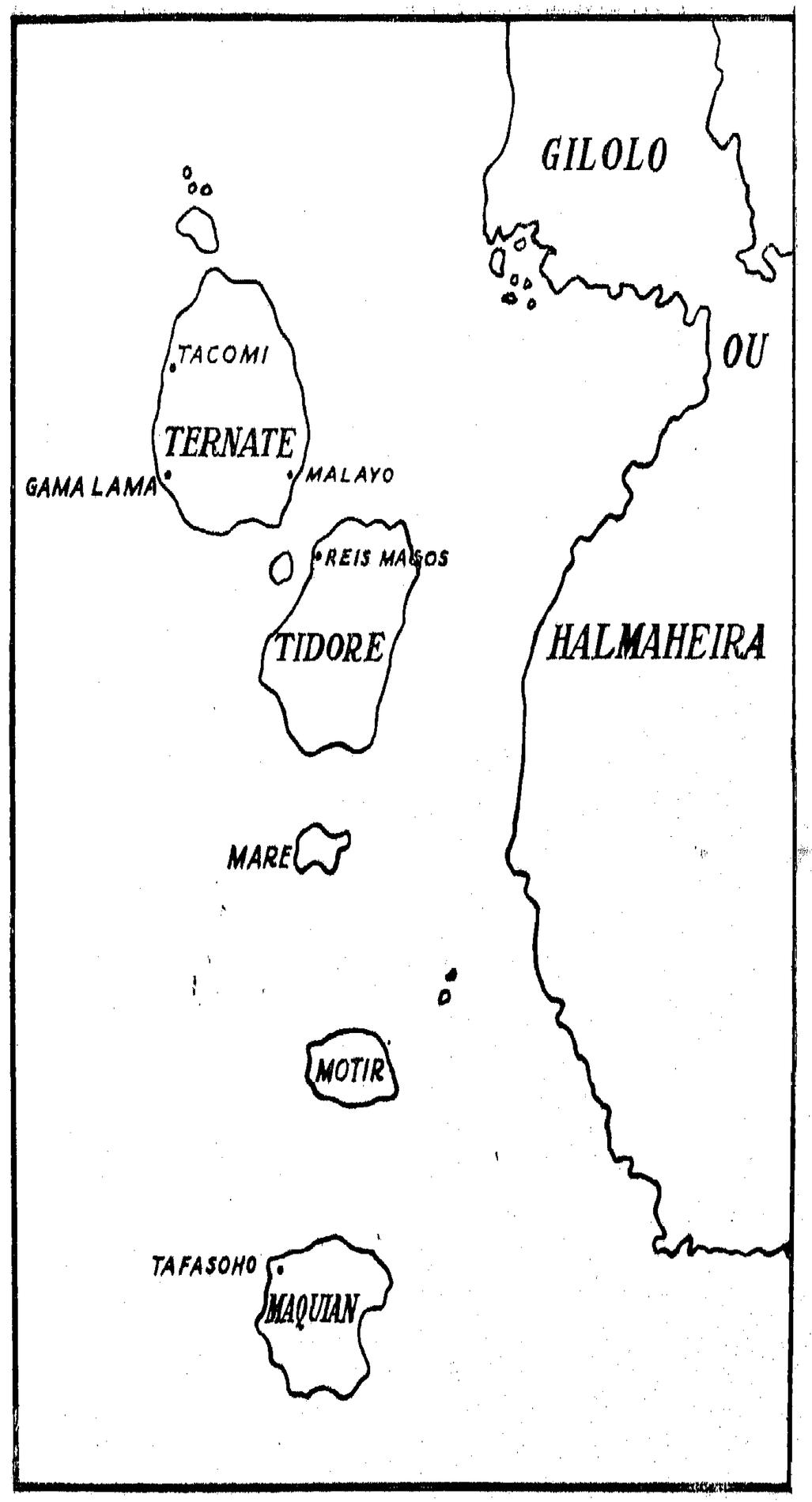
---

([37]) *Jesuítas na Ásia.* Biblioteca da Ajuda — Códice 49-V-3, fl. 14 v.

uma carta da câmara de Macau para el-Rei, datada de 3 de Dezembro de 1605:

«...Tomarão os holandeses um galeão de Sebastião Serrão, casado em Goa, no estreito da Singapura, perto de Johor, e tambem tomarão um junco que vinha da China com provimento para André Furtado e huma naveta que vinha de Cochim-China do mesmo André Furtado... e pera se este negro Rei mais se alevantar, este mesmo fevereiro de que himos tratando, pareçendo a André Furtado que por capitão está desta fortaleza, tinha forças bastantes pera o castigar, se fez prestes nesta Cidade com muito custo dos casados della... e tomando o capitão André Furtado de Mendoça no caminho a náo que escapou que vinha da China, de que era Capitão João Caiado de Gamboa, que vinhão de fazer a Viagem de Japão, e o galião de Vossa Magestade que dissemos fora a China para dar guarda às naos que de lá viessem, se foi à Joor aonde esteve a bateria com os Malaios oito dias e gastou vinte pipas de poluora, sem no cabo delles poder fazer nada, por achar os inimigos muy fortes; mas antes lhe ferirão passante de çem Portugueses e matarão quarenta, que pera estas remotas partes onde os Vasalos de Vossa Magestade são tão poucos he perda de sentir; e a ocasião de nossos enemigos auer tanta resistencia, foi de terem dentro muitos inimigos da nação destes Indios, e sobretudo Olandeses que servem de bombardeiros aos enemigos, e lhes davão ordem para se fortificarem por onde a nossa artilheria abria algum lanço do muro; por onde o dito capitão se tornou a recolher a esta fortaleza, aonde com pouco gosto está esperando até Mayo que vem, para que venha Capitão por Vossa Magestade».

O galeão do combóio e a nau de João Caiado fica-



Ternate e Tidore

ram de invernada em Malaca, por terem perdido a moção da Índia por a detença que fizeram em Johor ([38]).

Estas notícias são confirmadas e ampliadas numa carta do cronista Diogo do Couto, escrita ao seu amigo o Conde da Vidigueira, em o mesmo Dezembro de 1605, onde diz: «André Furtado foi a Jôr e cometeo a fortaleza com escadas que por lhe ficarem curtas não fez nada, e se Recolheo com cem homens mortos e feridos. Huma nao olandeza tomou huma nao da China, que vindo para Malaca não pode passar, e foi tomar o porto de patane; e por se já temerem dos olandezes consertarão-se com a Rainha que gouernava para lhe guardar a fazenda em terra; e vindo aly ter esta nao olandeza, tratarão com a Rainha seus negocios, e asentousse que partissem a fazenda da náo, e andando os olandezes em terra tomando entrega della, e os nossos Portugueses da náo com maõs amarradas sem fazerem nada, enfundio deos nosso senhor Animo em quinze ou vinte Japõis Christãos, que aly estavao em huma soma, e aleuantando hum cruxifiçio Remeterão com suas catanas aos olandezes e mataraõ a mor parte delles, e daquelle caminho logo se forão embarcar em huma soma e se forão. Ora veja Vossa Senhoria quão acouardados andão todos os homens e como nos castigão nossos pecados» ([39]).

Das fontes holandesas, porém, não consta que eles sofressem baixas quando do ataque dos japoneses. Referem-se apenas à tomada do «Santo António» pelas naus

([38]) *Additional*, mss. n.º 28.461 do British Museum, fl. 159 e seg. Cópia do século XVII.

([39]) Carta de Diogo do Couto, Goa, 23 de Dezembro de 1605, na Torre do Tombo. Mss. de S. Vicente — Caixa 15-III, pág. 371, publicada pelo Dr. Antonio Baião na selecção das *Décadas* de Diogo do Couto. (Colecção Clássicos Sá da Costa — Lisboa, 1947).

«Hollandia» e «Sphera Mundi», do almirante Wybrandt Van Warwyck, e sua destruição por incêndio.

Das mesmas fontes sabemos que estavam, na verdade, alguns holandeses, chefiados por um Jacob Buysen, na povoação de Johor quando do ataque de André Furtado. É curioso, porém, notar que o almirante Matelief, dois anos mais tarde, não atribuiu o insucesso de André Furtado à destreza dos artilheiros holandeses, nem tão-pouco à coragem dos malaios, mas sòmente à desordem dos Portugueses ([40]).

A mágoa de André Furtado pelo insucesso da expedição contra Johor foi pouco depois agravada com a notícia de que a frota do almirante Estêvão van der Haghen tinha tomado a fortaleza de Amboino, «sem aventurar uma arcabuzada, nem disparar uma bombarda», devido à fraqueza e inépcia do seu capitão, Gaspar de Melo, em Fevereiro de 1605. Como então previra, uma vez perdida Amboino, Tidore não poderia resistir por muito tempo. De facto, esta ilha foi tomada pelos Holandeses em Maio, apesar de resistência tenaz da pequena guarnição, a cargo de Álvares de Abreu, que conseguiu de início vantagens, repelindo os Flamengos. A explosão do paiol da pólvora da fortaleza decidiu, porém, a vitória dos sitiantes.

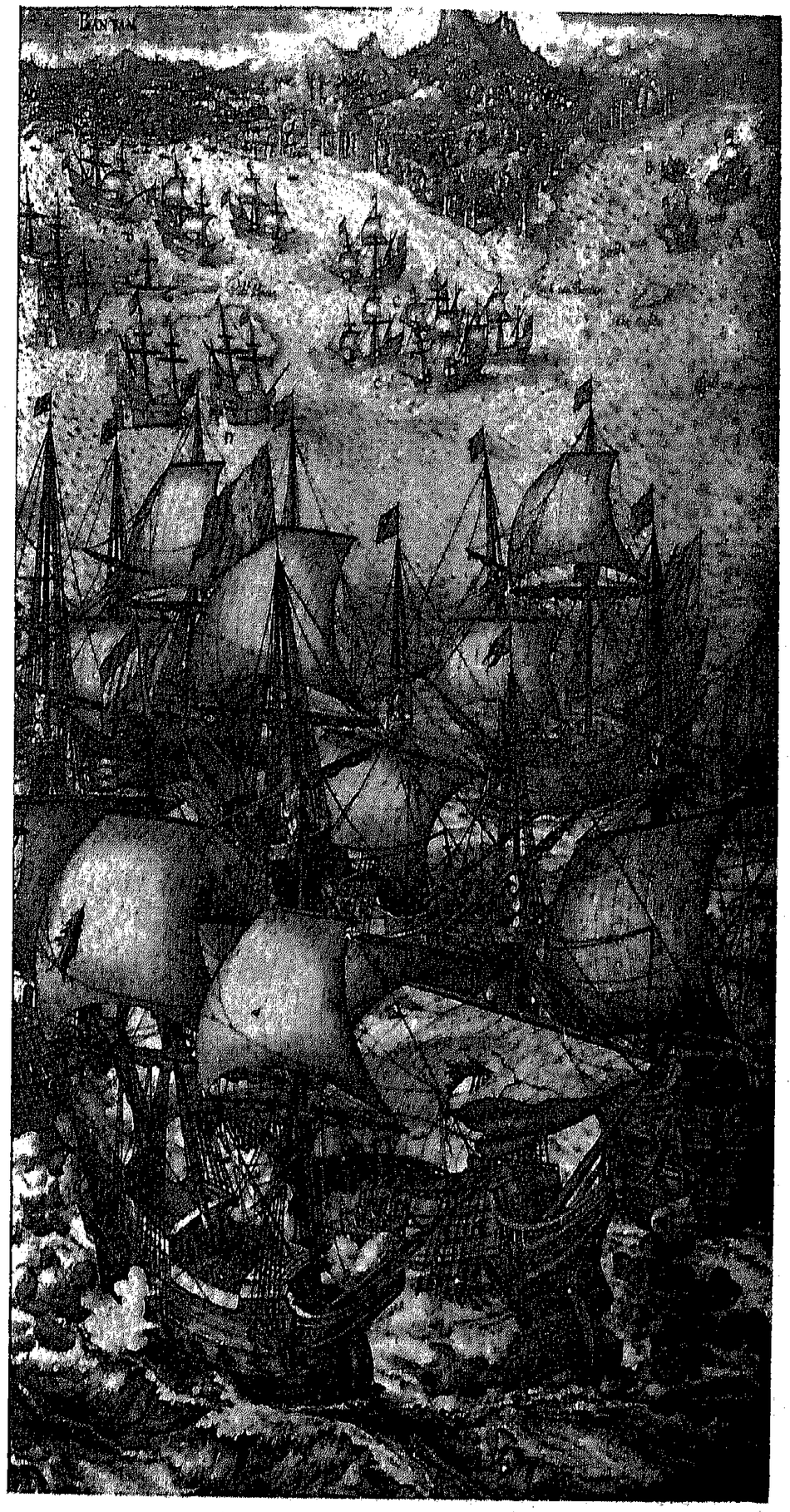
André Furtado, pedindo socorro ao seu colega D. Pedro de Acuña, governador das Filipinas, narra a perda de Amboino e mostra o seu receio da perda também de Tidore: «tanto para cobrar o perdido como para conservar o ganhado».

([40]) *Begin Ende Voortgangh* (Amsterdão, 1646). Viagens de Matelief e de Warwijck. Cf. também de Jonge, *Opkomst*, III, n.º 25; Terpstra, *De Factorij der Oost-Indische Compagnie te Patani* (Haia, 1938), págs. 21-5, e Botelho de Sousa, *Subsídios*, pág. 620.

Queixava-se André Furtado da falta de socorro da Índia, durante os cinco anos em que andava por Maluco e em Malaca, e aludindo à falta de cartas do vice-rei e do arcebispo de Goa, diz que «antes quisera arar em Castela a terra do que achar-se para ser testemunha do ruim estado do que leva a seu cargo» ([41]).

Que não exagerava mostra-o a carta da câmara de Malaca em que os vereadores dizem, quando André Furtado voltou do Sul por Julho de 1603, «tomou posse desta fortaleza como lhe era feita mercê por Vossa Majestade e nela está há perto de dous anos e meio sem em todo este tempo haver nenhum em que lhe sucedesse cousa de guerra que seja digna de dar conta a Vossa Majestade, porque como perdeu a empresa de Joor, cousa em que trazemos os olhos, não houve mais para se arriscar, mas o que faz é fazer-nos lembrança que todos fortifiquemos esta fortaleza, do que com muito cuidado nos não descuidamos, e à nossa custa com pessoas e escravos o fazemos e vamos fazendo, posto que é com paus, de feição que destas ocasiões e outras que por todo este tempo atrás não faltaram, e tambem por estes inimigos nos impedirem a navegação do mar, que é o de que cá vivemos, esta cidade e fortaleza de Vossa Majestade [fica] de feição que não há homem nela que tenha de comer, sendo dantes alguns muito ricos». E acrescenta: «Esta fortaleza há muitos anos que se vai

([41]) Cf. a carta impressa a págs. 274-7 da obra de Argensola já citada. Verifica-se que o autor castelhano atribui esta carta ao ano de 1601. Da leitura, porém, conclui-se que é posterior à perda de Amboino e à chegada de alguns refugiados a Malaca, quer dizer cerca de Julho de 1605. Este erro de Argensola explica o motivo que levou o almirante Botelho de Sousa a qualificar de *suposta* a carta em questão (*Subsídios*, pág. 470, N. 2).



Pormenor da gravura anterior

cercando, está ainda mais de metade dela por cercar, sem ter mais que um muro de taipa por fora dela. Vamos fazendo agora outro de madeira sem ter mais rendimentos que 1 %», o que levou a câmara a pedir a mercê de uma viagem do Japão para cobrir as despesas necessárias.

Da mesma carta se fica sabendo da falta de «artilharia e polvora e mais petrechos, porque de tudo está fraca e tem muita necessidade, porquanto a que tinha se lhe foi tirando nas naus dos capitães». E conclui: «Para que Vossa Majestade saiba que será da mais India esta sua cidade, que é das mais pequenas, deixando à parte a Sé com seus cónegos e bispos e quatro mosteiros mendicantes, tem mais sete freguesias, cada uma tem meioria de 1500 fogos, onde cada dia se fazem novos cristãos» ([42]).

O que fica referido concorda com o que deixou escrito na «Declaração de Malaca» o cosmógrafo Manuel Godinho de Herédia, que por 1604 andava ocupado «na fortificação e defensão» dela, «acodindo ao serviço necessário de cavas, entulhos e palissadas, e contínua vigia e guarda». André Furtado encarregou também Godinho de Herédia da construção de uma fortaleza na pequena boca do rio de Muar, doze léguas ao sul de Malaca, antes de recolher-se a Goa, por ordem do próprio governador, para se curar da doença que o atacou (béri-béri). Assim se encontrava Malaca em vésperas do cerco que lhe foi posto por Holandeses e Malaios em 1606 ([43]).

Em Maio de 1605 partiu da Holanda uma armada

([42]) *Additional.* Mss. do British Museum n.º 28461, fl. 163.

([43]) Manuel Godinho de Erédia, *Declaraçãm de Malaca e India Meridional com o Cathay*, etc. escrita em Goa em 1613 e publicada em Bruxelas em 1882.

de nove naus (ficando outras duas para seguirem mais tarde), a cargo do almirante Cornélio Matelief de Jonge, com ordens secretas para tomar a cidade e fortaleza de Malaca. Depois de tocar em Cabo Verde, onde Matelief revelou aos seus capitães o destino da armada, e na ilha de Ano Bom, chegou à ilha do Cisne (ou de Mauritius) no primeiro dia do ano de 1606. Aqui encontrou Estêvão Van der Haghen, de volta à Europa, depois de haver conquistado as Molucas. Dele recebeu Matelief notícias de André Furtado de Mendonça, que governava Malaca. Soube, assim, que André Furtado se esforçava por fortificar a praça e que nela tinha uma guarnição de oito mil homens, com os quais e com uma armada forte cercava Johor. Estas informações, embora exageradas, fizeram com que Matelief seguisse em direitura a Malaca a socorrer o sultão de Joor, seu aliado.

Levantou ferro em 27 de Janeiro e na altura das ilhas de Nicobar foi revelado às tripulações o fim da viagem. Quase se amotinaram os marinheiros, mas o almirante abrandou-os com promessas dos despojos de Malaca. Todos, por fim, aceitaram a empresa, embora se tivessem alistado para trabalhos comerciais e não de guerra.

Em 30 de Abril chegou Matelief à vista de Malaca, «tempo em que menos se podia esperar que viessem naus de Europa», e quase um ano depois de ter partido da Holanda ([44]).

Alegam vários autores portugueses que André Furtado ficara sobressaltado com o aparecimento inesperado da armada inimiga, encontrando-se sòmente com

([44]) *Journal* do Almirante Cornelio Matelief de Jonge, págs. 1-7 da ed. 1648; Fernão Guerreiro, *Relaçam Annual*, de 1606-07. (Reedição da Imprensa da Universidade de Coimbra, pág. 312).

150 soldados e casados capazes de poderem tomar armas, porque a maior parte da soldadesca havia seguido em duas galeotas a dar combóio às embarcações de Macau, no estreito de Singapura, além de duas outras galeotas ou fustas que despachara a cargo de João Rodrigues Camelo, a socorrer a fortaleza de Tidore, quando recebera a notícia da queda de Amboino, em 1605. Das fontes contemporâneas holandesas fica-se, porém, sabendo que quando Matelief chegou à vista daquela praça, achou os Portugueses poucos em número, mas prevenidos e esperando uma armada de socorro de Goa, sob o comando do próprio vice-rei, facto confirmado num raríssimo fascículo impresso em Madrid, em 1629, desconhecido de todos os autores que têm tratado do assunto. É uma relação dos serviços prestados por um alemão, Fernando Cron, que partiu para a Índia em 1587, como representante da casa comercial alemã dos Fuggers, de Augsburgo, e que em Goa casou e foi morador. O único exemplar que de tal impresso conhecemos encontra-se na Biblioteca Nacional de Lisboa (Colecção Pombalina, n.º 647, fls. 210-19).

Na parte que importa agora diz assim:

«En el año de 1605 tuve otras cartas y avisos por via de Venecia, de como se hazia en Olanda una gruessa armada para Malaca, y luego avisé a Andres Furtado de Mendoça, Capitan de aquella plaça, que se preveniesse para un largo xitio que le podia venir; y sabiendo el la mucha cuenta que los Virreys de aquel Estado sempre luzieron de los avisos que venian por mi mano, se previno, recogiendo las municiones, y bastimentos, y fortificandose la ciudad con trincheras, por donde no estava cercada de muro; y derribó algumas casas que estavam sobre los muros de la fortaleza, y planto el artilleria; de ma-

nera que quando la armada enemiga llegó, y puso aquel sitio, estava todo prevenido; como parece del testimonio del dicho Andres Furtado, adonde dize, que si no fuera por mi aviso corriera mucho riesgo la fuerça de Malaca, cabeça del Sur» ([45]).

Os Holandeses, chegados a Malaca, tomaram e queimaram quatro navios portugueses que se encontravam desguarnecidos. Em 1 de Maio desembarcaram na ilha das Naus, a meio tiro de canhão da cidade, onde montaram uma bataria. O conselho de guerra, reunido na capitânia «Orange», decidiu, porém, aguardar a chegada do sultão de Johor e o reforço dos seus aguerridos malaios.

Pouco depois, em 6 de Maio, voltaram as duas fustas que tinham ido a cargo de Fernão da Costa ao estreito de Singapura a esperar os navios de Macau e que conseguiram entrar na cidade a salvamento, por entre o vivo fogo dos Holandeses. Dez dias mais tarde chegou o sultão de Johor, Raja Bongoen, com cerca de cinquenta navios de remo, tripulados por 3.000 homens. Quanto a navios de alto bordo holandeses e suas tripulações e número de embarcações e gente do sultão de Johor, as fontes portuguesas são exageradas. Não obstante, o grande cerco

([45]) Fernando Cron chegou à India em 1587, contando então 28 anos. Filho de família ilustre de Augsburgo, casou-se em Goa com D. Maria Leitão, fidalga portuguesa. Vivia em Goa e era irmão da Santa Casa da Misericórdia daquela cidade. De 1597 em diante recebia notícias e avisos de sua família e correspondentes na Alemanha acerca dos planos dos Holandeses, o que logo participava aos vice-reis e governadores da India. Além destes serviços, emprestou, por vezes, dinheiro ao Estado. Denunciado como agente dos Holandeses em 1619 foi enviado, preso, ao reino na nau *S. Tomé*, em 1624. Da cadeia do Limoeiro, em Lisboa, passou à corte de Madrid, onde em 1629 se encontrava ainda a diligenciar a sua reabilitação.

de Malaca, que durou quase quatro meses, constituiu para a sua diminuta guarnição — que nunca foi além de 200 homens, entre Portugueses e Japoneses — uma honra de que Portugal bem pode ufanar-se, havendo ainda a ter em conta que nada era forte, nem o muro de taipa nem a paliçada que defendiam a cidade. Fortes eram só os peitos que a defendiam.

Desembarcaram os Holandeses e Malaios, no dia 18 de Maio, sem resistência considerável, pois não havia quem a pudesse fazer eficazmente. Abriram valas, levantaram trincheiras e montaram vinte e cinco canhões de bater, diz com perdoável exagero o jesuíta Fernão de Queirós, «e foram continuando as baterias com toda a fúria e pujança».

Outro jesuíta, escrevendo, dois anos depois do cerco, contra os sucessos dele, diz sucintamente ([46]):

«Começaram os inimigos logo a bater a cidade com 25 peças de artilharia mui grossa, com que em breve tempo arrasaram quase todas as trincheiras e reparos que os nossos tinham feito para sua defensão; e assim abarbaram com os muros de feição, que mais efeito faziam as pedradas que a artilharia, ficando por muro os peitos desses poucos soldados e casados que na cidade havia. Os quais assim, ao desembarcarem os inimigos, como em varios assaltos que lhes deram por todo o tempo do cerco, saindo fora dos reparos e muros com muito esforço, esmerando se nisto e em tudo o mais alguns japões que neste tempo aceitaram estar na cidade, lhes fizerão muito dano, e mataram muita gente dos malaios e dos holandeses, mais de duzentos e cincoenta, tomando-lhes muitas armas e uma bandeira com

([46]) Fernão Guerreiro, S. J., *Relaçam Annual*, 1606-07 (Lisboa, 1609), págs 312-15 da reedição de 1936.

2025

seu tambor. Não se temiam os nossos, ainda que eram poucos, de os inimigos lhes tomarem a fortaleza por força de armas, nem de sua artilharia, posto que lhes deitaram dentro na cidade passante de cincoenta mil peloiros; mas o de que só se temiam era da fome, pela muita falta em que se acharam de todo o genero de mantimentos; pelo que lhes era forçado sairem a fazer freqüentes assaltos nos inimigos, para que enquanto uns pelejavam, outros fossem pelo campo colher algumas ervas com que se pudessem remediar».

A alma da defesa foi, como aliás era de esperar, o próprio Capitão André Furtado de Mendonça, que «venceo primeiro a fome, o sonno, a quietação, e repouso, nam descansando jamais, nem tirando as armas do corpo, por espaço de três meses e dezanove dias que o cerco durou» (47).

Entretanto, em 14 de Julho, recebeu Matelief o reforço de duas naus, «Erasmus» e «Geunicerde Provincien», que elevou o número de navios a onze. Na mesma ocasião regressou das Molucas a pequena força de João Rodrigues Camelo, que André Furtado enviara no ano antecedente de socorro a Tidore, que chegou lá depois da queda daquela fortaleza, arribando, por isso, a Cebu, encorporando-se na expedição de D. Pedro de Acuña e tomando parte importante na recuperação das ilhas de Ternate e Tidore, sob o comando daquele governador castelhano, em Abril de 1606.

Encontrando Malaca com cerco tão apertado, João Rodrigues Camelo desembarcou a sua gente nos matos vizinhos, mas só 25 dos 52 homens conseguiram alcançar Malaca, os outros foram mortos ou aprisionados pelos Holandeses e Malaios.

(47) *Sermão*, do P.e Frei António de Gouvêa (Lisboa, 1611); Guerreiro, *Ob. cit.*

As dificuldades dos cercados aumentavam dia-a-dia e havia fome, mas outro tanto sucedia aos sitiantes, pois as doenças e fomes os afligiam.

Com agradável surpresa para os primeiros e temida para os segundos, foi recebida a notícia da próxima chegada da armada de socorro de Goa, em que ia o próprio vice-rei. Com tais novas, viu-se Matelief forçado a levantar o cerco, reembarcando a sua gente, e a aprestar-se para dar batalha à armada do vice-rei D. Martim Afonso de Castro.

D. Martim, da família do grande D. João de Castro, fora do reino com ordem de socorrer Malaca, castigar os reis vizinhos e limpar os mares do Sul dos Holandeses. Não perdeu tempo em aprestar a grande armada de alto bordo e de remo e enquanto decorriam os trabalhos, conta o citado Fernando Cron, «tuve yo otras cartas en 15 de Março de 1606, por via de Venecia, de 5 de Julio de 605, con aviso de como eran partidas de Olanda para Malaca las naos de que el año antes tenia avisado a Andres Furtado, que eram onze com mucha gente, petrechos de guerra, artificios de fogo y materiales para fabricar cartillos: y communicando yo la carta al viso-rey, llamó al Arcebispo don fray Alexo de Meneses, y los tres consultamos sobre lo que se devia hazer. Entonces fue voto que luego se despachasen dos navios ligeros a reconocer la armada, y si el enimigo estuviese en Malaca, fuese el virrey à buscarlo, y no estando alli fuese al Achen, como llevava por intento, y por este mio aviso reforço el virrey su armada (48).

Partiu D. Martim Afonso de Castro de Goa em 22 de Abril, com dezoito naus e galeões de alto-bordo, uma caravela, quatro galés e 23 galeotas e fustas, tri-

(48) Papel impresso dos serviços de Fernando Cron (Madrid, 1629).

puladas com cerca de três mil homens, entre soldados e marinheiros, a mais pujante armada que nunca viu o mar da Índia até então. Deteve-se em Cochim até 19 de Maio, e, atrasada a sua viagem na monção, perdeu dois navios de alto bordo nas costas da Índia e Ceilão. Em vez de navegar em direitura a Malaca, o vice-rei cometeu o erro estratégico de ir fazer aguada no Achem, na ponta da ilha de Samatra, onde fez um desembarque difícil e desnecessário, que lhe custou muitos mortos e feridos, e não lhe deu nenhuma ventagem concreta. Deste erro, e de outros muitos que cometeu o brioso, mas pouco experimentado vice-rei, dão boa conta o padre Fernão de Queiroz, o antigo soldado da India, Francisco Roiz da Silveira, para cujas obras remetemos o leitor curioso ([49]). Enquanto se deteve nesta inútil expedição do Achem, recebeu D. Martim Afonso de Castro uma mensagem de André Furtado, informando-o da sua situação crítica e pedindo socorros. Com esta notícia, reembarcou logo o vice-rei a sua gente sob a escuridão da noite, e seguiu sua derrota no rumo de Malaca. Entretanto, o almirante Matelief, que pela detença que fizera Castro no Achem, tivera tempo para embarcar toda a sua gente e artilharia, navegava igualmente na sua demanda, e as duas armadas encontraram-se em frente do Cabo Rachado, no dia 18 de Agosto. Quando Matelief levantou o cerco de Malaca, dois dias antes, tinham morrido de fome e de doença cerca de seis mil pessoas na praça sitiada, ou quase a metade da população total da cidade e arredores.

([49]) Fernão de Queirós, S. J., *Vida do Venerável irmão Pedro de Basto* (Lisboa, 1689), págs. 334-344; Francisco Rodrigues da Silveira, *Discurso sobre o progresso dos Holandeses*, escrito na cadeia da cidade do Porto no ano de 1619. *Add. Mss.* n.º 25.419 do British Museum. Vide *Apêndices* — XII.

Ao travar-se o grande combate naval de 18 de Agosto, dispunha Matelief de onze navios de alto-bordo e 1.200 homens, dos quais 300 estavam doentes. A armada do vice-rei compunha-se então de 16 navios de alto-bordo, «e se nossos navios puderam pelejar todos, porque o não fizeram mais que cinco ou seis deles por a incomodidade do mar e maré lhes não dar lugar, os Holandeses acabariam ali sua jornada», diz-nos o Padre Fernão Guerreiro. Mesmo assim o combate foi dos mais renhidos, perdendo cada armada duas naus e muita gente.

«Se estas batalhas forão em outros mares», assegura-nos o padre Fernão de Queirós, «nenhuma das suas naus escaparia destes conflitos, porque a vantajem que levão ás nossas na ligeireza, por mais franzinas e no mayor numero de artilharia, se desconta em parte na fortaleza dos nossos baxeis e comumente no reforçado de nossa artilharia».

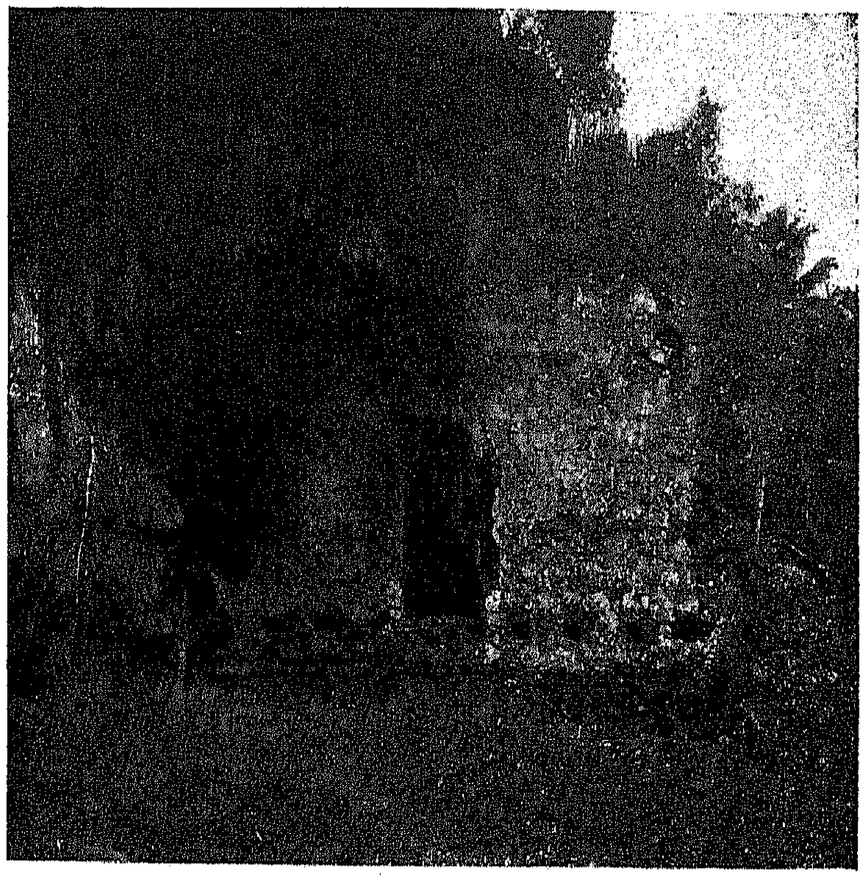
Travada esta batalha sangrenta no dia 18, seguiram-se alguns dias de escaramuças insignificantes, por remate das quais o almirante holandês se desviou de combater mais, e se foi à vela no rumo de Joor para refazer-se, deixando o vice-rei triunfante entrar livremente em Malaca([50]).

([50]) Fernão de Queirós, citada *Vida de Pedro Basto*, págs. 334-344; Guereiro, *Relaçam Annual*, e o *Journal* do almirante Matelief (ed. de 1648), págs. 29-31. Não concordam as fontes contemporâneas portuguesas e holandesas na descrição das armadas. A de Matelief compunha-se de onze navios de alto bordo com 1357 tripulantes brancos, mas não se sabe qual o seu armamento, pois o *Journal* daquele almirante não refere o número de peças que cada nau levava. Sabe-se, porém, que, geralmente, as naus holandesas tinham mais peças de bronze que as naus ou galeões portugueses. O P.e Queirós informa que Matelief se gabava da perícia dos seus marinheiros e que costumava dizer «que trazia

Chegada a armada portuguesa àquele porto, «André Furtado de Mendoça propoz ao Vice Rey: — Que convinha muito ao serviço de Deos, e de Sua Magestade, acabar de todo com o Inimigo; e que poys hia fugindo, e desbaratado por Sua Senhoria, era acertado seguilo com aquela armada vitoriosa; cujo dano em nosso porto, ou estava já de todo reparado, ou em breve tempo se refazia; e que ele se oferecia pera seguir a Cornelio, fiado nos sucessos que Deos lhe tinha dado em outras emprezas mays dificultosas que aquela, e no estado em que o Inimigo se achava. Mas puderão envejas tirar a André Furtado esta gloria, ao Estado da India este proveyto. Facil me fora crer, que o Vice Rey se não persuadira, hia o Inimigo tão desfeyto, e timido, se derão lugar a este pensamento as resoluções seguintes, cada vez menos acertadas; tão previstas por André Furtado, que não acabando comsigo ser delas testemunha, se sahio de Malaca; o que depoys lhe prejudicou, em lhe anteporem outro por esta causa no governo da India, porque tambem outros, com menor ocasião, o fizerão» ([51]).

150 capitães, 150 marinheiros e 150 artilheiros, porque os 150 homens tudo sabiam fazer». Queirós, *Conquista*, pág. 521. Diogo do Couto, no seu rol da armada, que enviou ao conde da Vidigueira, em fins de 1606 menciona dezasseis naus e galeões, uma caravela, quatro galés e vinte e duas galeotas e fustas, com a tripulação de 2.392 soldados e 227 marinheiros brancos. A relação da armada portuguesa de Matelief, no seu citado *Journal* refere dezoito galeões, quatro galés, uma caravela e vinte e três fustas, mas eleva o número de soldados e marinheiros brancos de 3.012 a 3.700, dos quais 2.934 eram soldados e 780 eram marinheiros. Além destes, diz ainda Matelief, havia mais de 3.000 lascares, mouros e escravos. De notar é ainda que o número de marinheiros brancos da armada portuguesa era diminuto, relativamente, e que a maior parte dos seus galeões e naus não armavam mais de 12 a 15 peças, enquanto que as holandesas contavam 20 a 30 peças.

([51]) Queirós, *Vida de Pedro Basto*, págs. 340-41.



Ruínas da antiga fortaleza e povoação dos Portugueses na ilha de Ternate

(Fot. tirada em 1933 por C. R. Boxer)

Não sòmente rejeitou o vice-rei à proposta tão acertada de André Furtado, mas cometeu demais o grave erro de dividir a sua armada, enviando a metade dela para comboiar as embarcações esperadas da Índia, deixando sete naus e galeões para esperar as naus de China. Informado de tudo, Matelief voltou a Malaca, onde atacou e destruiu três das embarcações que lá achou em 22 de Outubro, sendo as três restantes queimadas, por ordem ou desordem do próprio vice-rei, uma semana mais tarde. Depois desta façanha, navegou Matelief para a enseada de Pulo-butum, perto de Kedah, aonde se tinham refugiado os sete galeões de D. Álvaro de Meneses. Este repeliu uma tentativa dos Holandeses para atacar a sua esquadra, e logo depois de este insucesso o almirante batavo deixou as águas de Malaia, seguindo para Java e Maluco, convencido de que Malaca se não tomaria sem luta, como ele esperava ([52]).

Não presenciou André Furtado a destruição da esquadra do vice-rei, em fins de Outubro, nem a vitória de D. Álvaro de Meneses, em Dezembro, que salvou o comércio português no Extremo Oriente da última ruína, pois tinha já partido desgostoso para a Índia, conforme refere o Padre Queirós. Deixou, porém, boa memória de si em Malaca, onde a câmara, grata, mandou colocar o seu retrato na sala das sessões, com o título de *Defensor da Cidade*, ao lado do que lá estava, do *Conquistador*, Afonso de Albuquerque. E ali os Holandeses os acharam quando finalmente tomaram a praça trinta e cinco anos mais tarde.

Assim, «os Prelados e Bispos que lá estiveram de depois do cerco afirmam e juram por sua consagração,

---

([52]) Queirós, *Vida de Pero Basto*, págs. 343-4; Matelief, *Journal*, págs. 40-53; Guerreiro, *Rel. Annual*, págs. 315.

ser universal voz de todos, que só o esforço, animo, industria, e valor de tão excelente capitão pudera defender huma Cidade tão fraca, huma fortaleza de tão pouca resistencia como Malaca, principalmente tendo tão pouca gente». Mas o próprio André Furtado, como bom católico que era, afirmou, à hora de sua morte, «que Nossa Senhora lhe aparecera, e o confortara com a promessa de bom sucesso, tirando-lhe todo o receio que tanta multidão de inimigos e a fraqueza de seus muros podia causar» ([53]).

([53]) *Sermão do* P.e Frei António de Gouvêa (Lisboa, 1611); Relatório do comissário holandês Joost Schouten sobre Malaca em 1641, publicado por P. A. Leupe em *Berigten von het Hist. Gen. te Utrecht*, 1851, pág. 289. Não faltam fontes para a história da campanha militar-naval de Malaça, mas as melhores são as dos jesuítas Fernão Queirós e Fernão Guerreiro e a citada obra de Francisco Rodrigues da Silveira, quanto às portuguesas. Das holandesas, está em primeiro lugar o *Journal* de Matelief, edições de 1646 e 1648. Há ainda um bom resumo em holandês, *De Europeers in de Maleischer Archipel* (IV Reeks, Deel 8, Stuk I, págs. 59-68, Haia, 1884). Veja-se também C. R. Boxer — *The Affair of the Madre de Deus*, pág. 16-29 (London, 1929).

As narrações de Coelho Barbuda, *Empresas militares de Lusitanos* (Lisboa, 1924) e Faria e Sousa, *Asia Portuguesa*, Tomo II (Lisboa, 1675), como outras posteriores, são simples compilações, acrescentadas com considerações fantasistas. Por exemplo, Barbuda diz: «los Olandeses no son más que buenos artilleros, y fuera disto no valen más de que abrazar-se como deseperados hereges», o que contrasta com a ponderada opinião do jesuita Fernão de Queirós: «...e se a [nação] Olandesa obrara com bom título as empresas que conseguiu depois da separação do domínio espanhol, ninguém com verdade lhe poderá negar ter conseguido grande glória militar no mar e terra, e chegar no mar a tanta potência que se não lê cousas similhantes nas Histórias humanas». (*Vida de Pedro Basto*, pág. 334).

V

OS ÚLTIMOS TRÊS ANOS

(1606-1609)

Quando, em fins de 1606, ou princípios de 1607, André Furtado de Mendonça voltou de Malaca, encontrou em Goa, governando a Índia, na ausência do vice-rei D. Martim Afonso de Castro, então no Sul, D. Frei Aleixo de Meneses, arcebispo de Goa, que veio a ser depois vice-rei, em sucessão a D. Martim, falecido em Malaca, em Junho de 1607, e não um mês depois da destruição da sua armada em Outubro de 1606, como se lê em vários autores.

D. Frei Aleixo não se cansou nos esforços para socorrer Malaca, e, em Maio de 1607, conseguiu aprestar «hum grosso socorro de sinco naus e duas galeotas, carregadas de todos os apercebimentos necessarios e mantimentos, em que por lista gastei duzentos e sincoenta mil pardaos para o que andei escorchando toda a India», como ele mesmo escrevia a El Rei» ([54]). Não

([54]) Carta original do arcebispo-governador que se conserva na Biblioteca Pública de Braga, referida pelo P.e Avelino de Jesus da Costa, *Congresso do Mundo Português. Publicações* I, pág. 240

exagerou o arcebispo, pois os cofres do Estado estavam exaustos e teve, por isso, de recorrer a empréstimos. A Misericórdia de Goa de que era então provedor Fernão de Albuquerque, predecessor e émulo de André Furtado na capitania de Malaca, recusou-se a fazer empréstimo, escudando-se no estatuto, que não lhe permitia assim dispor do dinheiro existente no cofre dos defuntos. D. Frei Aleixo, não conseguindo, com pedidos e argumentos, convencer o provedor e os irmãos da Misericórdia, recorreu à violência, obtendo, por fim, o dinheiro de que necessitava, deixando de penhor as pratas da Sé e o próprio báculo arquiepiscopal, em 17 de Fevereiro de 1607 ([55]). O facto provocou grandes protestos e reclamações da parte da Misericórdia, apoiada pela Sé de Lisboa, o que levou el-Rei a censurar àsperamente o procedimento do arcebispo-governador neste particular, proibindo então que, em qualquer circunstância, se utilizasse o dinheiro da Misericórdia e determinando o reembolso do dinheiro tomado pelos rendimentos do Estado no ano de 1609. Seis anos mais tarde, porém, não tinha a Misericórdia sido ainda reembolsada e desconhecemos se o chegou a ser. É curioso, porém, notar que Fernão de Albuquerque, que tão acérrimo foi em defender o dinheiro pedido à Misericórdia para o socorro de Malaca, fez precisamente o mesmo que censurou e dificultou ao arcebispo, quando ingleses e persas cercaram Ormuz em 1622. Governando então a Índia, tomou dinheiro, por empréstimo e à força, à Misericórdia, apesar dos protestos do provedor e irmãos. Tratava-se do socorro destinado a Rui Freire de Andrade. Seria interessante saber-se a atitude de André Furtado perante a recusa da Misericórdia ao pedido do arcebispo-governador. Sabia ele muito bem quanto Malaca necessitava de socorro urgente, mas igualmente conhecia e considerava a situação da Misericórdia, de que havia sido modelar provedor nos anos de 1593 e 1597.

Em Janeiro de 1607, quando não tinham ainda chegado a Portugal notícias do cerco de Malaca do ano anterior, escrevia el-Rei ao vice-rei D. Martim Afonso de Castro, ordenando-lhe que, depois do seu regresso a Goa, deixasse André Furtado no Sul, por capitão-mor, tal era a confiança régia nas qualidades deste capitão *bem-afortunado*, não obstante haver recebido as más novas da infeliz jornada do vice-rei a Malaca. Assim, aprestou uma grossa armada de galeões de socorro para ir a Malaca, com o vice-rei D. João Pereira Forjaz, conde da Feira, em Março de 1608, acrescentando que, «para capitão-mor desta armada e general de todas as ditas partes do Sul tenho eleito André Furtado de Mendonça, fidalgo de minha casa e do meu conselho de Estado, pela muita satisfação que tenho de sua pessoa e a que me tem dado em todas as cousas de meu serviço de que o encarreguei, e a experiencia que tem das ditas partes, pello tempo que nellas andou».

Pela mesma ocasião fez-lhe el-Rei mercê de 6.000 cruzados de ordenado por ano, pagos no rendimento da alfândega de Malaca, ou em outra qualquer das partes do Sul ou da Índia.

A nomeação de André Furtado não chegou a ter efeito porque da armada do conde da Feira, que morreu na viagem, só três das catorze velas com que partiu do

([55]) Para o arcebispo-governador D. Frei Aleixo de Meneses, cf. José Ferreira Martins, *História da Misericórdia de Goa*, I, págs. 312-16; II, págs. 24-5; e III, págs. 253-7. (Nova Goa, 1910-14). Para Fernão de Albuquerque durante o cerco de Ormuz em 1621-2, cf. Luciano Cordeiro, *Como se perdeu Ormuz*, págs. 287-9.

Tejo, chegaram à Índia. As outras onze ou arribaram, ou naufragaram ou foram tomadas pelos Holandeses ([56]).

Em consequência de ordem do reino ou por iniciativa própria o arcebispo-governador, enviou André Furtado de Mendonça a Malaca. «E mandandolhe recado se fizesse prestes para ir com todos os poderes necessarios, por lhe parecer que, enquanto não estivesse nella, estaria a fortaleza em grande risco de se perder, pelas muitas naus inimigas que lá eram passadas, e para ir ao Norte, não passando o dito governador a elle, como determinava, por respeito da vinda do Mogor, para trazer de lá tudo o que o Estado pudesse, conforme ao em que as cousas estavam e pouca posse que nelle havia, lhe respondeu o dito André Furtado per escripto não só em respeito da dita jornada, mas tachando-lhe algumas cousas; e que houve entre elles outros recados e escriptos por meio do secretario desse Estado, de que cada hum me enviou representar sua razão e descarga», sobre o que el-Rei ficava indeciso na determinação a tomar ([57]).

André Furtado não voltou, contudo, ao Sul, como lhe fora primeiro ordenado por el-Rei e depois pelo arcebispo-governador. Tão magnânimo como valoroso, não atribuiu a recusa de aceitar a nomeação a faltas

([56]) Cf. *Documentos remetidos da India ou Livros das Monções*, publicados pela Academia das Ciências de Lisboa, sob a direcção de Bulhão Pato, tomo I, págs. 134, 210, 215 e 340. A cópia do *Regimento que se deo a André Furtado de Mendonça, Capitão Mor e Geral dos Mares do Sul*, datado de Lisboa a 3 de Novembro de 1608, encontra-se impresso no *Arquivo das Colónias*, Vol. I (Julho-Dezembro, 1917).

([57]) Carta régia datada de Lisboa a 20 de Fevereiro de 1610, impressa a págs. 340 do Tomo I dos *Doc. Rem. da India*.

ou culpa do arcebispo-governador. Pelo contrário, escrevendo pouco depois, quando por sua vez governava o Estado da Índia e fora encarregado de averiguar a verdade nas acusações feitas contra o «mau governo do Arcebispo», ele próprio escreveu a el-Rei:

«Acho que no tempo que governou o fez com muita prudencia e zelo e a não ser um pouco mais afeiçoado a seus criados do que cá se quer, não houvera quem escrevera delle o que escreveram, mais por inveja de não receberem o que se dava aos de casa que por outra razão. Da fazenda de Vossa Magestade tratou com muita inteireza e prudencia, e do que contra isto se escreveu acheio o contrario... e assim o como procedeu na morte do princepe Torunxa. Nas armadas ordinarias houve um pouco de descuido, com que o Estado recebeu algumas perdas, mas a sua profissão o desculpa», atitude esta tão nobre como rara entre os governadores da Índia para com os seus antecessores ([58]).

Da correspondência entre Goa e o Reino daqueles anos, constam muitas reclamações de André Furtado para conseguir da Fazenda Real o pagamento das dívidas que contraiu de sua responsabilidade durante o tempo da sua capitania-mor do Sul e de Malaca, sem socorro algum de Goa, em 1601-1606. É, no entanto, verdade, que lhe não faltaram despachos favoráveis, com mercês avantajadas de dinheiro prometido.

Anos depois, D. Francisco da Gama, IV conde da Vidigueira e vice-rei da Índia, em carta particular a um dos seus sucessores, insinuava que André Furtado «tinha hum irmão presente muito solicito e hum primo no Conselho de Castella, que fazia mais o officio de soli-

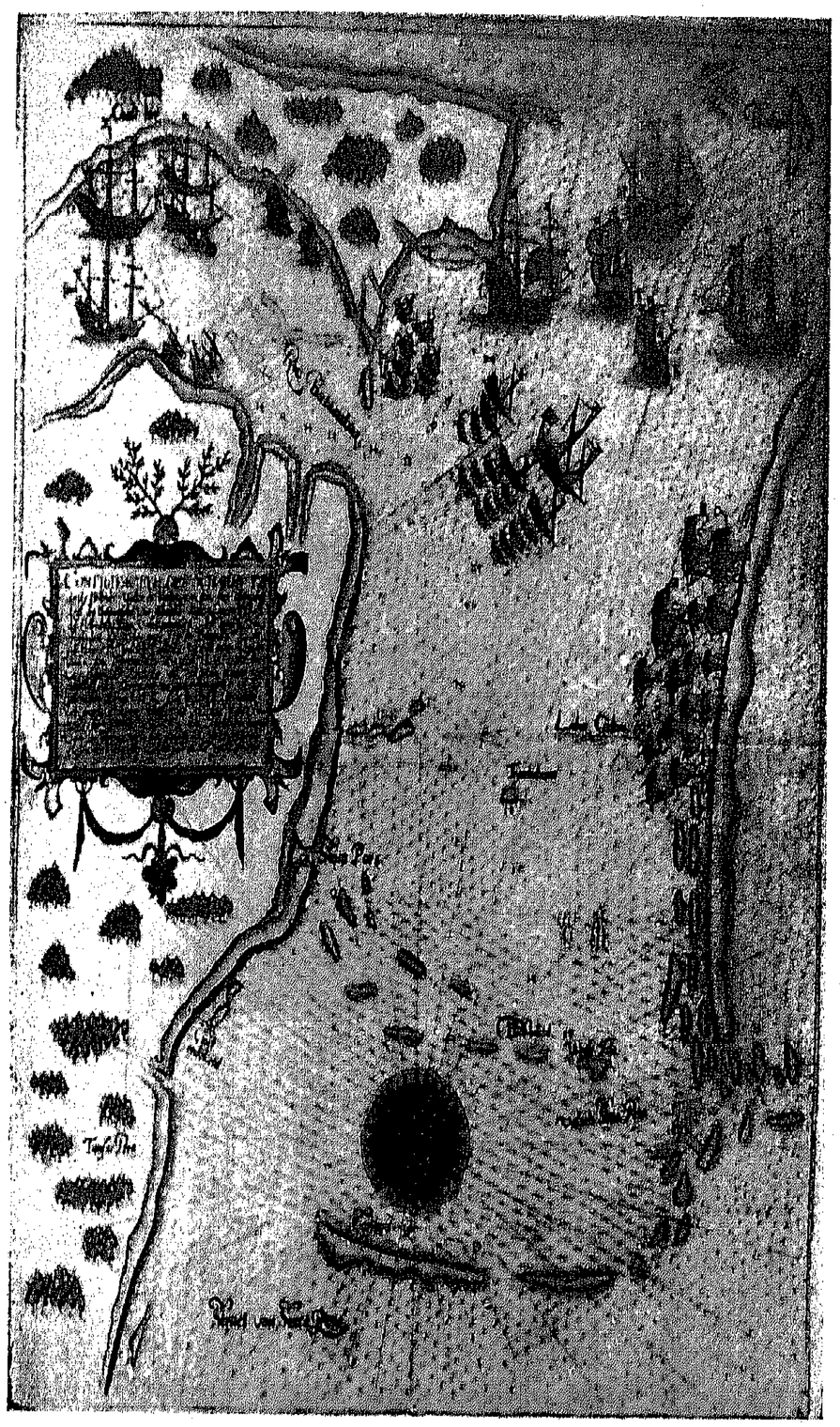
([58]) Carta de André Furtado a el-Rei, *apud* Avelino da Costa, *ob cit.*, págs. 343-4.

citador, que de conselheiro de el Rey». Assim, a influência de seu irmão Pedro de Mendonça Furtado, conselheiro da Índia, em Lisboa, pode esclarecer a mercê que então recebeu de sessenta mil cruzados, «que disse tomar sobre seu credito para meu serviço», e sobre o que na Índia «havia murmuração de se lhe fazer delles pagamento».

A verdade é que André Furtado nunca viu a cor deste dinheiro! Oito anos depois da sua morte, em 1618, a mesa da Misericórdia de Goa deliberou proceder à cobrança do dinheiro emprestado em vários apertos do Estado. O nosso comum amigo Ferreira Martins, conceituado historiador daquela Misericórdia, diz a este respeito: «Foi em retribuição de bons herviços prestados ao Estabelecimento que a Mesa se incumbiu da arrecadação dos seus créditos, a fim de os herdeiros não ficarem logrados». Dois anos antes tinha el-Rei escrito ao vice-rei da Índia que a providência que se tomou sobre André Furtado do tempo em que serviu a capitania de Malaca, «he nulla e por tal está julgada e mandada queimar, e por o dito André Furtado ser morto teem expirado as auções crimes que della podiam resultar» (59).

Como dissemos, o vice-rei D. João Pereira Forjaz, conde da Feira, morreu na viagem para a Índia. Abriram-se, por isso as vias de sucessão em Goa, em 27 de

(59) Torre do Tombo, Convento da Graça, Caixa 19, Tomo II E., pág. 255 — Carta s. d. n. l. do Conde da Vidigueira; *Hist. da Misericórdia de Goa*, I, págs. 487-9 e III, pág. 31; *Doc. Rem. da India*, II, págs. 347, 396-7; Doc. n.º 442, págs. 1132, fasc. 6.º, do *Archivo Portuguez Oriental* (Nova Goa, 1875), que prova que seu irmão e herdeiro João Furtado de Mendonça reclamava o pagamento da dívida de sessenta mil cruzados, que el-Rei, mais uma vez, mandou satisfazer.



Combate naval no rio Batu-Sawar, entre a frota portuguesa de Estêvam Teixeira de Macedo (não Teixeira de Matos, como se lê em alguns autores) e duas naus e um iate holandeses, comandados por Cornélio Pieterszoon, em 7 e 8 de Outubro de 1603. A acção é referida pelo almirante Botelho de Sousa nos seus valiosos Subsídios para a história militar-marítima da Índia, *Tomo I, págs. 553-4. Gravura contemporânea alemã do* Museu de Marinha *de Lisboa.*

(Ver *Apêndices* — V)

Maio de 1609, achando-se nomeado por governador André Furtado de Mendonça, a quem logo entregou o governo do Estado o arcebispo D. Frei Aleixo de Meneses. Fez André Furtado a sua entrada solene em Goa no dia do Espírito Santo. Na câmara daquela cidade, pronunciou eloquente discurso o velho Diogo do Couto, guarda-mor da Torre do Tombo da Índia, editado em Lisboa no ano seguinte, grande raridade bibliográfica, de que existe um exemplar na Biblioteca da Ajuda, para que chamámos a atenção do seu director, Dr. Francisco Garvazzo Perry Vidal, que o reproduziu em *fac simile* no «Mundo Português» e que, no fim, inserimos.

Que o regozijo e felicitações do velho cronista não eram apenas formais mostram-nos as relações contemporâneas de dois viajantes franceses que se encontravam em Goa: Francisco Pyrard de Laval e João Mocquet. Ambos conheceram André Furtado de perto e só dele dizem bem, ao contrário do que sucede com outros portugueses a quem se referem. «Todos os reis da India folgaram muito de que elle fosse governador e lhe enviaram embaixadores e presentes. Aprestou muitas armadas e fortificou muitas fortalezas, em suma este fidalgo era amado de Deus, do rei e do povo, e semelhantemente dos capitães e soldados, mas não da nobreza, porque não era ladrão nem ambicioso, e não era afeiçoado a quem roubava el Rei. Era homem solteiro, Em menos de três meses de governo aprestou muitas armadas para enviar a toda a parte onde era mister e fez mais que outros em muitos anos» (60).

Estes viajantes franceses não se enganaram ao escreverem que André Furtado era o capitão mais célebre

(60) *Viagens de Pyrard de Laval*, editadas por J. H. Cunha-Rivara, Vol. II, págs. 235-6 da edição de 1863.

e benquisto dos soldados da Índia. Francisco Roiz da Silveira, a quem já nos referimos, que militou sob a sua bandeira pelos anos de 1587-92, censor áspero do procedimento dos fidalgos portugueses na Ásia, fez excepção de André Furtado, exaltando suas proezas, «muitas, grandes e maravilhosas de um insigne capitão, que a infinita misericordia de Deus Nosso Senhor permittiu se achasse na India em tempo tão calamitoso e miseravel, para que com seu valor mais que humano animasse aquelle estado, com lhe mostrar ser cousa facil vencer e desbaratar todos seus inimigos, havendo zelo e fervor do serviço de Deus, do rei e bem universal da patria».

«Este é o valerosissimo e invencivel André Furtado de Mendonça, que com sua maravilhosa prudencia e magnanimidade tomou sobre seus hombros o peso das desordens daquelle estado, illustrando-o com maravilhosas victorias como a clara fama publica não só na India mas tambem por outras muitas regiões. Do que farei aqui uma menção, quanto somente faça a proposito da materia que vou escrevendo. E isto fique a cargo dos curiosos ingenhos; adonde acharão sujeito tão alto e sublime para nelle empregarem seu talento que, por mais que se apurem em seus louvores, não deixarão de ficar muito atraz de seus merecimentos».

«Com o curso destas victorias» — diz ainda Roiz da Silveira — «tomaram os portugueses novo alento, cobrando firmes esperanças de viverem numa felicidade grande debaixo do amparo deste illustre e valeroso capitão, a quem o Senhor Deus favorecera por suas raras e excelentes virtudes. Mas sendo os contrastes d'aquelle Estado muitos neste tempo, e elle não podesse achar-se presente a todos, ainda que aquelles a que asistia tivessem bom sucesso, os outros que não eram governados com tanta prudencia e valor, de necessidade haviam de correr naufragio» ([61]).

Da sua popularidade entre os soldados, diz outro escritor contemporâneo que, sendo bem pagos, se mantiveram sempre, durante o seu governo, disciplinados, não havendo duelos nem brigas, ao contrário do que anteriormente sucedia por andarem geralmente mal pagos e famintos.

Não queremos deixar de arquivar uma referência curiosa de Frei António da Conceição, de meio século mais tarde, de André Furtado não ter em grande conta a soldadesca ou, pelo menos, a gente da Índia portuguesa, afirmando: «em melhor tempo e em a melhor gente já o grande André Furtado, sendo governador, dizia era necessário, a quem o fosse, ter três partes de mouro e uma de cristão» ([62]).

Faria e Sousa, por outro lado, testemunha: «quando era solamente capitan, vianle todos adornado; quando le avian de ver como Gobernador ocupar con opas roçagantes el Trono, vianle de manera que ni aun Capitan parecia en el fausto. Sus frequentados salones, eran las officinas de las fabricas: su jardin la playa. Su adorno andar en cuerpo como qualquier comun soldado: en la cabeça un sombrero de paja; una bengala en la mano».

E comparando a modéstia de André Furtado com a altivez de outro grande capitão da Índia, seu contemporâneo, o ilustre Nuno da Cunha de Ataíde, escreveu, referindo-se a este:

«...El, y el grande Andres Furtado eran totalmente

([61]) Francisco Roiz Silveira, *apud* Casta Lobo, *Memórias de um soldado da India*, págs. 91-3 (Lisboa, 1877).

([20]) Carta do P.e Frei António da Conceição, Goa, 1-1-1654, *apud* H. Fitzler, *O Cerco de Columbo*, pág. 137 (Coimbra, 1928).

opuestos: y todavia hallandose este en necessidad de pagar ochenta mil ducados porque le executavan, pidiolos prestados a essotro: y el se les dió graciosamente, precediendo entre ambos, sobre esto, cavallerosos dichos. Con los mecanicos quando venian a hazerle alguna obra, no hablava; y teniendo los presentes, dezia a su camarero que les dixesse lo que deseava en la obra que cada qual le avia de hazer. Tenia los por incapazes de hablar-los». Não era assim o carácter bondoso de André Furtado que, Provedor da Misericórdia, foi eleito por ser «homem fidalguo e nobre, onrrado de authoridade, virtuoso, de boa fama e muito humilde e tal pessoa a que os principes e prelados e o povo tenhão respeito... e finalmente muito sofrido pellas disvairadas condiçoïs das pesçoas com quem elle ade tratar» (63).

Também noutro particular muito se distinguiu André Furtado do soberbo Nuno da Cunha; porque enquanto este era acusado de raptar uma dama de boa família, seduzindo-a sob promessas vãs de matrimónio, e forçando-a com ajuda de seus escravos cafres, aquele era universalmente reputado por casto, e até por virgem, numa idade dissoluta e de baixa moralidade. «Contase d'elle — diz-nos um seu biógrafo — «que offereçendolhe certa mulher hũa filha donzella, fermosa como hum Seraphim, o casto Capitão, não só lho estranhou grandamente, mas tirandolha de seu dominio, lhe deu competente dote, com que tomou estado» (64).

(63) Faria e Sousa, *Asia Portuguesa*, III, pág. 182 (edição de 1675). *Ibid*, pág. 251; Ferreira Martins, *Hist. Misericórdia*, I, pág. 235.

(64) Jorge Cardoso, *Agiológio Lusitano*, tomo II (Lisboa, 1657), pág. 580. Esta anedota é repetida por Faria e Sousa no tomo III da sua *Asia Portuguesa*. O caso de Nuno da Cunha

A sua castidade pouco comum — sobretudo talvez numa raça que celebra a memória de Rui Dias que *morreu por amor*, enforcado por ordem do grande Afonso de Albuquerque — foi igualado pelo seu espírito de fervoroso católico que era. Foi particularmente afeito ao culto da Virgem-Mãe, «de quem elle em vida foy tão devoto que nunca deu batalha, nem intentou empresa alguma senão em Sabado, ou Festa particular da Senhora, invocando-a sempre por este nome de May de Deos. Todos os dias do mundo lhe rezava o seu Sanctissimo Rosario com muyta devoção, não faltando neste exercicio ainda naquella ora em que estava pera romper com os imigos; e libertando hũa Ymagem sua de poder de Turcos nas Naos que tomou de Meca, a deyxava a seus herdeyros por cabeça de seu morgado como joya de mais estima». O padre Jorge Cardoso acrescenta que ele mesmo viu «o inestimavel retabolo da Senhora, com que teve os colloquios na morte; he elle de singular pintura, ornado de notaveis reliquias. E não he de menos estima a Imagem da Concepção, acompanhada de seus atributos, de meuda e delicada escultura, que resgatou das naos de Meca, encaxilhada num Oratorio de ouro excelentemente esmaltado, em cujas portas tem a Encarnação da mesma materia, mysterio hum, e outro, venerado neste reino de seu principio. E nas costas tem talhado o seguinte letreiro

Virginis arã, quæ nitet intus,
de rate Mechæ marte redemit
inclytus armis Andre Furtado» (65).

e D. Margarida de Mendonça vem descrito a págs. 442-3 dos *Doc. Rem.* Vol. II, (Lisboa, 1884).

(65) *Sermão do* P.e Frei António de Gouvêa (Lisboa, 1611); e Jorge Cardoso, *Agiológio Lusitano*, II (págs. 586-7).

Sendo André Furtado como era, tão popular com a soldadesca e povo de Goa, não é de admirar que quando uma armada de alto bordo, que todos presumiram ser holandesa, apareceu com a proa à foz do Mandovi, no primeiro dia de Setembro de 1609, o governador não achou dificuldade em levantar um grosso corpo de gente com o que se preparava embarcar numa armada de remo para a ir abordar. Cedo, porém, se reconheceu serem embarcações portuguesas, e «chegando à Barra de Goa o Vizorey Ruy Lourenço de Tavora, disse sabendo que elle governava, que se queria tornar para o Reino e dizer a El Rey que a India tinha o VizoRey que avia mister», diz-nos Pedro Barreto no seu «*Livro do Estado da India Oriental*».

A dar crédito ao biógrafo de Rui Lourenço de Távora, André Furtado não correspondeu de todo à atitude fidalga daquele. Assim, escreveu Álvaro Pires de Távora na sua *Historia de Varoens illustres do appellido Tavora*, que, «Em tres de Septembro tomou Ruy Lourenço posse do governo e começando logo a entender no apresto das armadas que achou principiadas as acabou de aviar de todo em poucos dias, nam inovando nem na nomeaçam dos Capitaens mores nem nos Regimentos que tinham, por guardar respeito à experiencia de André Furtado; pagou cincoenta e quatro mil xerafins que André Furtado tinha tomado emprestados pera o serviço del Rey. Julgando Ruy Lourenço pello maior socorro que podia meter naquelle estado a conservaçam do credito dos que o governavam. Mas nem se fez assi sempre, nem Ruy Lourenço o experimentou quando leixou o governo. Foi particularidade tambem em Ruy Lourenço na sua entrada nam se desavir com os Governadores que se acabavam, costume ordinario mas muito prejudicial. Achou na India dous Governadores (que nam socedeo

outra vez) com ambos se ouve de maneira que com o Arcebispo que ainda lá ficou hum anno, conservou amizade particular que lhe durou emquanto viveo. E com André Furtado, que, ou por prezunçam de seu valor, ou por natureza propria, era mais esquivo, e foi sempre pouco agradavel aos governadores com que concorreo se temperou de modo que se contava por louvor de Ruy Lourenço nam ter quebrado com elle, antes o satisfez em tudo o que pretendeo com rezam: e sobre algũas acçoens do seu governo que nam aprovou escreveo a El Rey com muita moderaçam, lembrando que hera merecedor de se lhe fazerem mercês por seus serviços» ([66]).

Não nos parece que se deva atribuir a soberbia de André Furtado a atitude que tomou, mas sim aos efeitos da doença de que sofria e de que veio a morrer. Depois de quase trinta anos de serviço contínuo no Oriente, muitos deles em guerras contínuas, e alguns passados em climas péssimos, como as ilhas Molucas e em Malaca, cercada e faminta, não é de admirar que a sua saúde se ressentisse, com efeitos psicológicos e morais. Sabemos, por Pyrard, que durante os breves meses do seu governo se encontrava doente e que embarcou para o reino gravemente enfermo, parecendo a algumas pessoas que não resistiria à viagem. Por determinação real não podiam os ex-governadores ou vice-reis da índia permanecer lá por muito tempo após a entrega do governo ao sucessor e, assim, André Furtado recolheu-se no convento da Madre de Deus, aguardando o dia da partida para Lisboa.

Conta Pyrard de Laval ([67]):

([66]) Álvaro Pires de Távora, *História de varoens illustres do appellido Tavora* (Paris, 1648) págs. 336-7.

([67]) *Viagens* de Pyrard de Laval (ed. Cunha Rivara), II, págs. 240-42 (1862).

«Enquanto pois se carregavam as náos cada um aparelhava a sua matolagem; mas deve-se notar que quando um Vice-Rei, Arcebispo, ou outro grande senhor passa de Goa a Portugal, todos os soldados pobres, e outros folgam com isso, porque estes grandes promettem sustentar um certo numero de homens, como cem, por exemplo, mais ou menos. Ora o Arcebispo de Goa fazia tenção de se embarcar em uma das náos, mas depois tomou outro accordo, e ficou ainda em Goa aquelle ano. Mas quando se soube que André Furtado devia recolher-se, cada um se foi a elle para ser posto no seu rol, porque elle tinha mandado metter mantimento para perto de duzentas pessoas com os seus servidores. Desconfiava-se que este fidalgo estava empeçonhado, porque muito tempo havia que estava enfermo, e na India dão-se venenos lentos, e que duram quanto se quer. Fizemos diligencia por nos embarcarmos na sua náo, mas não houve meio de o obter, porque o nosso passaporte trazia o nome de outra embarcação; e isso foi a nossa salvação, posto que nesta viagem tenhamos padecido tudo quanto se pode dizer de mal e necessidades. Houve quatro Inglezes que se embarcaram com elle vencendo as maiores difficuldades do mundo. Porque nós estavamos repartidos a quatro e quatro, entre Francezes, Inglezes, e Hollandezes. Mas aquelles pobres Inglezes ficaram bem espantados de lhes serem lançados ferros aos pés no mesmo ponto em que foram embarcados na náo. E ainda todos os estrangeiros que se embarcaram nas outras tres náos, que sairam antes de nós, sendo chegados a Lisboa, foram todos mettidos em prisão; mas nós fomos mais felizes no meio dos males que padecemos.

«A náo em que se embarcou André Furtado chamava-se «Nossa Senhora da Penha de França», o mesmo

nome que tem uma igreja de Lisboa. Foi a primeira que carregou e ficou prestes, e saio a 26 de Dezembro de 1609. Quando elle partio toda a gente de Goa se carpia e lastimava, porque havia trinta annos que elle estava na India, para onde viera mui moço, e onde fizera a guerra mui venturosamente. Era tão amado do clero, do povo, e até dos reis da India, que todos diziam que nunca houvera Vice-Rei, nem cabo que fosse tão grande capitão, tão esforçado, virtuoso, e amado, como tinha sido este Senhor Furtado. Quando elle se foi a embarcar e dar à vela, era a mais bella cousa do mundo ver como todos o hiam acompanhar até à barra, e despedir-se delle em suas manchuas cobertas, e feitas em forma de galeota, cheias de toda a sorte de musicas, refrescos de fructas, e presentes. E posto que todos mostrassem grande alegria e contentamento, não deixavam todavia de estar tristes, e magoados em seus corações de ver partir este fidalgo. El-Rei de Hespanha, desejoso de o ver, o mandara chamar. Na despedida prometteo aos moradores de Goa voltar depois de se ter avistado com El-Rei. Mas não acabou a sua viagem, porque morreo no mar junto das ilhas dos Açores, como eu depois da minha volta soube estando em Hespanha».

Mais feliz do que Pyrard, Jean Mocquet conseguiu embarcar na nau capitânia de André Furtado de Mendonça, como seu médico, a pedido do grande capitão. Antes e durante a viagem, Mocquet familiarizou-se com o secretário particular de André Furtado, um chinês chamado por ele João Pay (Pais?), o qual lhe contou muitas anedotas de seu amo e as suas proezas na guerra do Cunhale e cerco de Malaca, além de factos escandalosos da vida amorosa da Goa *dourada*, que Mocquet reproduziu no seu livro, hoje raríssimo.

Partiu a nau «Nossa Senhora da Penha de França» de Goa em 2 de Janeiro de 1610, e não a 26 de Dezembro de 1609, como erradamente diz Pyrard de Laval. Determinou André Furtado, contra o parecer dos oficiais, fazer a viagem *por dentro,* isto é, por entre Moçambique e a ilha de S. Lourenço, hoje Madagáscar. Era capitão da nau Ambrósio de Pina, piloto Manuel Leitão e sota-piloto Sebastião Prestes. Existe o *diário de bordo* desta viagem, escrito pelo sota-piloto, incluído num códice que pertenceu a D. António de Ataíde, fez depois parte da biblioteca dos condes de Castelo Melhor e se conserva actualmente no Arquivo Histórico Militar, códice muitíssimo valioso para a história das navegações portuguesas, que vai ser integralmente publicado, graças ao ilustre ministro do Ultramar, Sr. comandante Sarmento Rodrigues. Prefaciá-lo-á e anotá-lo-á, com a sua conhecida competência, o Sr. comandante Humberto Leitão.

«Party — diz Sebastião Prestes — na nao nossa sra de penha de França p.ª portugal e foi em hũ sabbado, a dous de Janr.º de 610 annos em hũa manha antes de sair o sol com o vento norte bonansoso» ([68]).

Diz Mocquet que no dia 11 de Fevereiro, tendo navegado com bom vento e próspero sucesso até à altura

([68]) Sobre este códice, vide C. R. Boxer, *Um roteirista desconhecido do século XVII — D. António de Ataíde, capitão-geral da Armada de Portugal* — comunicação apresentada em 18 de Fevereiro de 1934 ao Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, publicada no *Arquivo Histórico de Marinha,* do cap.-de-fragata engenheiro construtor naval Raul César Ferreira e Frazão de Vasconcelos, págs. 189-190 (Lisboa, 1933-36), e Frazão de Vasconcelos, *Diários da navegação da carreira da Índia nos séculos XVI e XVII* — separata da revista *Petrus Nonius,* órgão do Grupo Português de História das Ciências, Vol. II, fasc. IV, 1939.

da costa de Somália, sobreveio de repente grande temporal, dando a nau grandes balanços e fazendo muita água. Viu-se o capitão na necessidade de mandar deitar parte da carga ao mar, incluíndo mais de 300 quintais de pimenta. Cerca de 200 pipas de água doce ficaram prejudicadas pela água salgada e a pimenta molhada.

André Furtado, apesar de doente, deixou a cama e foi ao convés animar a tripulação, com suas palavras e exemplo, dirigindo pessoalmente trezentos escravos e alguns marinheiros, que durante três dias e noites contínuas não largaram as bombas, até que, averiguado por onde a água entrava, se tapou com grande trabalho.

Passado o perigo e abrandando o tempo, tomou-se terra na altura do Cabo das Correntes e viram a ilha de S. Lourenço a 15 de Fevereiro. «Em 3.ª feira 12 do mes... demos a hũ piloto engres hũ astrolabio pera tomar o sol por mandado do governador e tomou menos sol que todos os da nao». Dobrou o Cabo de Boa Esperança em 16 de Março com tempo bonançoso e, poucos dias depois, André Furtado, que até então, contra a expectativa geral, tinha melhorado, piorou. Em 27 de Março, Sebastião Prestes anotou: «Pelo g.ºr que vai mal primita Ds darlhe saude... e leuarnos cedo a Lixboa. Boa viagẽ nos dê Ds.».

Jean Mocquet refere que muitas pessoas fidalgas quiseram que a nau tocasse na ilha de Santa Helena, para fazer aguada e refrescar os doentes, mas André Furtado, apesar de ir de mal a pior, opôs-se, por contrariar as ordens reais, que proibiam tal coisa, para evitar os Holandeses.

Em 30 de Março regista o sota-piloto: «o nosso governador vay muito mal primita Dios darlhe saude». Tal, porém, não sucedeu, e quinta-feira, 1.º de Abril, escreve Sebastião Prestes:

«...tambem oie foi Deos seruido de leuar pera sy o gouernador André furt^do^ as 9 oras e meia do dia, morreo de hũa purga que tomou fazendo camaras de sangue, e uindo doente despois que a tomou nunqua teve hũa ora de saude antes foy pera pior e fazia muitas camaras de sangue de modo que disto acabou e todos tempos atras uinha muito bem, de que nos espantauamos melhorar no mar abrirão-o[e] se acharã o coração negro e os figados duros e as tripas inchadas não sabemos a que o atribuamos, hũs dissẽ que era peçonha mas eu não sey o que era primita Deos darlhe a gloria e a nos quando falecermos» (69).

Para não deitarem ao mar o corpo de homem tão insigne, tiraram-lhe as entranhas, encheram-no de cânfora e assim o trouxeram para Lisboa.

Veio depois a ser sepultado na igreja da Graça, onde já repousavam os restos mortais do grande Afonso de Albuquerque.

No dia em que faleceu André Furtado encontrava-se a nau em cerca de 15° de latitude sul e a umas 260 léguas da ilha da Ascensão que poucos dias passados — a 10 — foi avistada.

Alguns autores dizem que o falecimento de André Furtado se deu a 15. O registo do diário da viagem é que merece crédito. A narração singela do piloto é ampliada pelo licenciado Jorge Cardoso no seu *Agiologio Lusitano*, como segue:

«Embarcado então para o reino apertou o mal de morte com elle, que passando o Cabo de Boa Esperança,

(69) Códice referido na nota anterior, fls. 57; 59; 77 *v.* 78, 94 e 130.

tendo-a mui certa de sua saluação, se armou pará a morte com os ultimos Sacramentos, na qual lhe assistio o R. P. F. Manoel de Monte Olivete, seu Confessor, que naquella trabalhosa hora o animaua com a doçe lembrança da Paixão de Christo, e de Maria Sanctissima, cujo excellente retratto de pincel tinha diante; pregados então os olhos nella, disse com alegre sembrante, e perfeito juizo, rebatado do spiritu: *Não sois vós Senhora a que me aparecestes, e fallastes duas vezes na Fortaleza, e cerco de Malaca, onde eu não pudera obrar nada sem vosso especial auxilio, e fauor; pessouos agora que me ajudeis neste tranze, e batalha, mais arriscada, e perigosa, que todas aquellas que empreendi*».

«E repetindo outras palavras de grande consolação e edificação para os presentes, pronunciando: *Iesu seja com a minha alma*, se desatou seu invenciuel e generoso spiritu dos corporeos vinculos, cumulado de triumphos e victorias gloriosas» (70).

O seu médico e amigo, o francês Jean Mocquet, fez embalsamar o cadáver com tanta perfeição e cuidado que nunca cheirou mal, até que a «Nossa Senhora da Penha de França» chegou a Cascais, em 3 de Julho de 1610. No dia imediato, o cadáver foi desembarcado, ao sol-posto, na mesma tumba que tinha sido feita a bordo, estando a nau surta no Tejo. Na praia, junto ao Terreiro do Trigo, se organizou um fúnebre cortejo, acompanhando os restos mortais, que seguiu em direcção à

(70) Cardoso, *Agiológio Lusitano*, II, pág. 580 (Lisboa, 1657). É de notar que Cardoso, baseando-se sem dúvida no *Sermão* do P.^e^ frei António de Gouvêa, coloca a morte de André Furtado no dia 15 de Abril, mas o sota-piloto da nau, e o médico Mocquet, que embalsamou o corpo do defunto, ambos dizem categòricamente que foi no primeiro dia daquele mês.

igreja da Misericórdia, precedido pela cruz desta irmandade, de cujo ramo em Goa ele tinha sido tão modelar provedor.

Foi seu corpo levado por seis religiosos e doze clérigos, como ele havia ordenado, acompanhados de «inumeravel povo» e a fidalguia toda da Corte. Chegado o préstito à igreja da Misericórdia, foi a tumba depositada na capela de D. Simoa, dobrando por essa ocasião os sinos em quase todas as torres da cidade. Ali permaneceu o cadáver, velado por parentes e amigos do finado, onde toda a manhã do dia seguinte se gastou em dizer missas e responsos por sua alma.

Na tarde de 5 de Julho, «leuarão-no descoberto vestido no habito de Cavalleiro da Ordem d'Aviz, quatro fidalgos seus parentes, que forão Garcia de Mello, Monteiro-Mór, Francisco de Mendoça, Alcaide-mór de Mourão, Aluaro de Sousa, Capitão da Guarda, e Pero de Mendoça, seu irmão, acompanhado de muito pouo, fidalguia e religiosos. À frente iam 40 pobres com tochas acesas, logo depois 66 cruzes de diversas irmandades, a que se seguiam os Meninos Orfãos, os frades terceiros, os de Enxabregas e da cidade, os do Carmo, da Trindade, da Graça, e do Santo Elói; oito freguesias com suas cruzes e clérigos, seguindo-se-lhes a cruz da Misericordia», acompanhada de seus capelães, precedendo o cadáver doze criados do finado com tochas acesas.

Entrado o acompanhamento na igreja da Graça, ali ficou a tumba depositada, sob a tribuna do altar-mor, até o dia 16 de Outubro, em que tiveram lugar solenes exéquias dirigidas por Fr. Lourenço de Távora, irmão da mulher de João Furtado de Mendonça. Findas elas, pregou o Padre frei António de Gouvêa, religioso Agostinho, seu contemporâneo na Índia e particular amigo,

que largou as vellas de sua eloquencia em louuores e panegericos do defunto Gouernador» ([71]).

Mas talvez mais eficaz que as palavras eloquentes do sagrado Bispo de Cirene, para rebater a insinuação do historiador do século passado, de que André Furtado de Mendonça não passava de um *Moloch ferino das batalhas*, são as seguintes palavras, escritas de seu próprio punho, quando ainda governava a Índia:

> *Pareçeme que visto Francisco Lopes pedir tantas vezes misericordia a essa Santa Caza que deve de se lhe conceder, porque ninguem pode dizer da Santa Caza que lhe prejudique nem a Santa Caza pode tomar satisfaçaõ de ninguem, porque ao tomar não poderá ter este nome tão realçado em todo o mundo, e per este respeito tem de fazer bem a quem lhe fas mal. Isto me parece como irmão dessa Santa Caza e como protector della. Nosso Senhor guarde a Vossas Merces, Goa 3 de Julho 1609.*
>
> *André Furtado de Mça*

([71]) Cardoso, *ob. cit.*, págs. 580-6; Carta do cónego Severim de Faria a Diogo do Couto, Évora 28-2-1611 (*Cód. CIII* a fl. 7 *v.* da Bibl. Púb. de Évora); artigo do P.e Ernesto Sales, *A Igreja da Graça, jazida de três Governadores da India*, em *Revista de História*, págs 121-2.

([72]) Citado por G. F. Ferreira Martins, *Hist. Misericórdia de Goa, III*, pág. 518 (Nova-Goa, 1914).

APÊNDICES

1

CERTIDÃO PASSADA POR ANDRÉ FURTADO DE MENDONÇA SOBRE A EMPRESA DO CUNHALE, EM 26-XII-1600

André Furtado de Mendõca Capitão mor da ymp^a^ do Cunhale e costa do Malauar e das mais impresas q̃ se ofereçarão sertifiquo que tendo o dito Cunhale ymigo capital do nome cristão e deste estado de 33 anos a esta parte f^to^ guerra e estraguo e dano asy nos vasalos de S Magestade como ẽ suas fortalezas por lhe empedir a Nauegação comũa Neste mar da yndia notaueis perdas de suas alfandeguas por ser maior corsarjo ou pirata q̃ nesta parte Nunqua ouue en fazer grosas armadas q̃ comitião e esperauão as de sua Magestade cõ que tinhão f^to^ muytos males prejudiqando muito a onrra e credito do estado e nome cristão plos mtos que tinhão mortos ẽ seus crueis catiueiros e postos en diversos tromentos ẽtytulandose zelador da seyta de mafamede e derramador do sangue cristão e se ter ymestado e confederado com todos os Reis mouros e vizinhos deste estado pera çe lhe faz^er^ guerra p^a^ o que tinha mandado e recebido embayxadores com copia de dinheiro e con pertensão de emxaltar a dita seyta e destruir e estinguir do nome cristão Nestas partes p^a^ o que se tinhão fortalesido Na Costa

Costa do malauar nas terras do samorim ẽn luguar de la mais apropiado pª o mesmo proposito (?) Mandarme o Vizo Rey Dom frco da gama desta cydade de guoa a tres de dezembro do 99 cõ duas gales e doze Nauios e quoatro manchuas e chegar a barra do Cunhale ẽ quinze do dito mez achey hũa gale e dezasete Nauios ẽ que ẽtrauão simquo piriches eu juntej a minha armada de costa yunta pretemdy loguo fazer a guerra ao ymigo, o que achej aleuatada por Rey e obedecia de toda a mourama pela vitorya que contra Nos tiuera o ano pasado e pela q̃ teue Neste prezente antes que heu chegase em Curiche aonde estando armada fazendo aaguoada mandou dar o ymigo hũ asalto e fizerão enbarquar os portuguezes desordenadamente entrando hũ Nauio de Pero Luis lhe leuara o fato q̃ en sy tinha e bandeiras a vista dos mais Nauios de que os recolherão triunfando estando este ano mais fortificado e entranqeyrado com mais gente que o ano passado asy plo mto tempo q̃ ouue pª o jmigo se refazer de la como por saber que eu hia à dita empresa couza que tanto temia e areceaua porque o ano que socadeo a dezauentura Não perguntauao de noyte e de dia outra couza senão se eu auia de hir a dita empresa pretendj loguo fazer guerra ao ymigo de modo que tiuese efeyto a sua destruyção plo mto que conferia a onrra e credito deste estado e como o primcipal fundamento pª esta empresa ter efeyto estaua no consentymento do samorim e arrioles Não ser amiguos leais en que auia tanta duuida pla pouqua verdade e lealldade com que os seus antepasados tratarão sempre as couzas deste estado me uj com o samori e principes regedores e todos os gouernadores do seu Reyno os apresuady ao que cumprja ao seruiço de S. Magde e pª seguransa deste arreseyo tão antiguo me prometeu que por nenhun modo seria o ynimgio por suas terras soquorrido como ordinario que hera

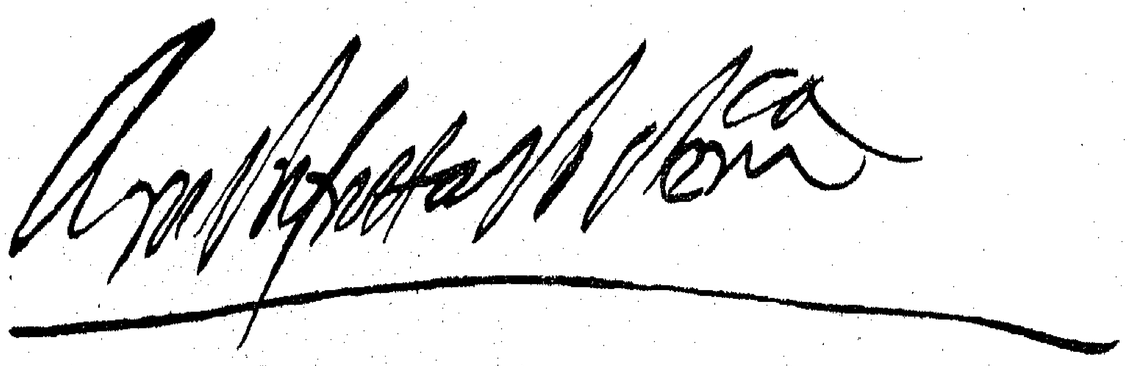
por seus regedores todos darem suas jangadas e que de ordinaryo auia de ter no campo simcoenta mil homẽs pª este efeyto e que destes me auia de dar uinte mil pª os eu poder mandar dentre elles enlygir capitaens a quem obedesese e assi me darya dezoito aljfantes pª o seruiço do campo todo os portadores oficiaes madeira e palmeiras e mais fabriqua que Me fose Nesesarya e com meu prometymento prometido acabej com ele me dese por arrafems o principe de Tanor e seu Regedor maior Canaues (?) e outras pessoas primcipais pera os mandar a sydade de cochin o que consedido loguo fis e satisfeyto o samorin e principes e Regedores com muyta dadiva e pesas me vy loguo com os Arioles sõres que Não reconhesesem outro senhoryo os quoais se me obrigarão por arrafimes bastantes a me serem leais e me darem todo o fauor e ajuda que deles e de seus estados ouvese mister e que não comsenterião que por suas terras nem delas proprias fose o ymiguo socorrido satisfazemdo com muytas dadivas couza que os mais ynsita e move aguardar fe a lealldade que todas as outras yuntas isto cõmcluydo eluydo que era o esencial mandej reformar a pero Luis da mais gente plo achar presidendo Na banda do ariola por modo e ordem do arcebispo quoando de cochim veio pª em parte se repayrar os muytos mantymentos q̃ de ordinario entrauão ao ynimigo semdo de grande efeyto a preuẽsão que o arcebispo ordenou Neste particular e plos muytos soquorros que soube estarem prestes pera soquorrerem ao ymigo ordenej a minha gente pondoa em terra fortalesydo e emtranqueirado da banda do norte peguado com a barra do ymiguo o mesmo fiz da banda da ariyole de fronte da sydade do ynimigo eñ que pus maior força da gente bem guarnesida de artelharia por fiquar varejando a sydade pola dita fortaleza ter de fronte hum alto a modo padrasto fis nele duas

forsas hũa no allto e outra ao lomgo daguoa bem guarnecydas de artelharya com que fis notauel destruisão por todas as partes ao ynimigo e porque emportava por guarda no Rio que uinha da terra por aonde o ynimigo hera soquorrido pla barra estar impedida com mastros e Naos e cadejas de ferro muyto grosos atrauexados varey pla costa braua ao Rio sete nauios e quoatro manchuas e algũs embarqaçois lygeiras de menos porte que pus em vigia e guarda deste Ryo e tanto q tiue os Nauios dentro loguo desempedej a barra com asaas de trabalho pera os soquorrer semdo Necesaryo mandando loguo emtrar hua manchua pla barra porque vise o ymigo que a toda a ora podia a armada fazer o mesmo e porque Na outra punta da arreya da bamda do sull tinha o imyguo duas tranqueiras guarnesidas de muyta gemte e artelharia asim pera sua defemsão como pera me empedir sitialos por aquela parte a varejar os Nauios e cheyguauão a terra plo quoall respeyto o jmigo hera por ellas soquorrido à formigua sem se ele poder empedir com de ordinaryo se arriscar a armada e semdo auizado plo Capitão de cochin estar o ymigo comfederado com o nayque de trauancor pera o ele dar en suas terras hũa fortaleza ele detreminaua a enuestisse por esta põnta pera o quoall effeyto a defemdej sertificamdome por espias dinas de fee ser esta pertensão do ynimigo todas as couzas e a suas esperanças acudio a defẽdela de modo que trauada a brigua à lansa, e espada durou dous quartos Na quoall morrerão semto e simcoenta mouros em que entrauão quoatro Capitaens e duzentos ferjdos sendo a frol dos mouros que Cunhale tinha em sua companhia de nossa parte morrerão dous Capitais e corenta soldados fiqamdo setemta feridos e algũs Capitaens e as tranqueiras fiquarão guanhadas ás quais mandej loguo fortifiqar e por gemte e artelharya bastante auizando loguo ao Vizo Rey do Estado em que estaua e que me soquorrese com monisois e dynheiro pera despeza e prouimentos ordinarios da armada pla gramde falta que deste tinha o primeiro soquorro que veyo a este empreza foy o da cydade de cohim de simquo Nauios muy bem aparelhados de gente e de todos os prouimentos Necesarios os quoias vierão a tempo e em todas estas couzas se acharão e asi me socorreo sempre a dita cydade com muytas monisois e por vezes a ele mandej pidir por cheguar em estado de não ter monisois com que ofemdese Nem me defemdese do ynimigo domde me vierão duas embarquasois que lla estuão do ano pasado as quoais mandey loguo petrechar pla necesidade que delas tinha e asy se ajuntou mais à minha armada hũa gale que o Vizo Rey mandou as vias a cochim o prymeiro soquorro q tiue de guoa forão uinte Nauios que vierão do norte de ffydalguos particulares a se acharem Nesta empreza às suas custas que cheguarão a doze de feuereiro e a dez aseis do dito mez chegou hũa Nao que mandou o Vizorey com quatro pessas de artelharya grosas e quatro pipas de poluora de bombarda e duas de espinguarda e asim pelouros de ferro (ilegivel) e a Vinte e seis de feuereiro chegou o derradeiro soquorro de hũa gale e onze Nauios e algũs fidallguos e pessoas particulares que de todas as partes açodião e se acharem nesta empreza a sua custa, a copia de embarqasois que se nela ajuntarão forão oytenta e tres e simquo gales reais com a cheguada Desta artelharya pus Na barqasa grande hum camelo por não ter mais que hum (ilegível) em uma ponta d'arreia que ficava mais apegado ao baluarte branquo da barra fiz hũa tranqueira en que pus as tres pesas com que se batteu o baluarte comesando a batarya a dezanoue de Feuereyro e durou até sete de março com que se lhe fiz hũa tão grande (ilegivel) com felicidade

(?) sobjo por ela quoamdo se cometeo ao dito baluarte desde uinte de feuereiro ate sete de março não fis mais que emquietar e quebramtar o ymigo de noyte e de dia por ter prometido ao Samorim que Não rompiria com ele ate vir de hũa festa de mandeiyra (?) onde lhe foy forsado hir obrigado de seus Ritos e costumes neste meyo tempo com dadiujdas e peytos persuadj a sete Capjtaems e trezentos mouros deyxarem ao Cunhale o que elles fizerão asim plo emterese que lhe resultou como plo aperto ẽ que se uião todo o tempo que o serqo durou Tiue da bamda do Samorim dous capitaems com sua gente que de ordinario uigiauão com gemte do samorim e tão apertado fiz o serquo des que lhe tomej a pomta ate que se comcluio a empreza que Não somente não foy soquorido nenhum genero de soquorro nem auizo mandou por uias aos regedores do samorim Nem aos mouros particulares nem dos partjculares pera ele que não ouuesse a mão em tão grande aperto os pus que o que dantes lhe custumauam dinheiro e trabalho me uj a conseder por a (ilegível) comsedendo seguro (ilegível) de cada masaa (?) com mais duzentos mouros e suas familias com as quoais se vierão pª o samorim e com a sua cheguada que foy a quoatro de marso e a sete comytj os baluartes tranqueiras de pedra e as mais tramqueiras e sydades por tres partes foy nosso sõr serujdo fiquar sõr de tudo mandando naquele instante por foguo a sydade o ymiguo cõstrangido a se recolher a fortaleza plos Capitains e soldados que forão em seu sigimento os quoais se fizerão fortes nua misqita de pedra que estaua pegado com a fortaleza Na quoall mandej loguo fortifiquar e fazer hũa tranqeira ate o rjo em que pus hũa guarnisão de oyto sentos soldados e algua artelharia mehuda e posto que era Necesaryó outra tranqueira pera o jmigo fiquar sercado de mar a mar a mamdej com breuydade

fazer pomdo nella hũa guarnisão de gente bastante metendo loguo as barqasas dentro com a grande comesej a bater a fortaleza e em seis dias de baterya se lhe tinha hum lamço do muro arruynado, ao que uisto plo ymigo e os m.tos ferydos e qeymados que demtro na fortaleza tinhão e a pouqua esperança que tinhão de se poder saluar se emtregou aos dezaseis de marso noqual o metj à banquo na minha gale e algũs capitaems e cõ esta vitorya que me deos deu aqerida cõ o valor dos fydalguos e soldados que se nela acharão recuperou a perda pasada cõ as armas e emsiniais que la fiqarão não custando mais da dita empreza a ffazenda de sua magestade asim no prouimento como no ordenaryo e estrordenaryo que uinte e quoatro mil e seis sentos xerafines e por achar feyto em comtrato com o samorim q̃ tomando o estado e fortaleza se arrezaria e se lhe daria a metade de toda a fazenda que se nela achase e a metade da artelharya dos Nauios e lhe comprj e arrezej loguo a fortaleza e por nela ser a fazenda pouqua e de menos valia a dey toda ao samorim em Nome de sua magestade, asj se lhe comprj o prometido como por euitar os emconuinientes que na partilha emtre os naires e soldados de forsado auia de auer e lhe dej a metade da artelharya nos Nauios Não ouue comprymento posto q herã muytos porque a todos Mandej por foguo e isto fto Mandej loguo a armada ordinarya ao Cabo de Comorim e heu me uim recolhemdo pera guoa prouendo aas fortalezas do Canara deyxando na barra do Canharato seis Nauios mandando oyto na volta do norte pera framquearem a Nauegação aos mercadores chegando a barra de guoa escreuej ao Vizorey como estaua nela prestes pera hir tomar a fortaleza de el Rej de trauamqor q fez peguado com a do culam e tudo o mais que se oferesesem Naqelas partes do seruiso de S. Magestade que me mandasse outra a armada de mãti-

mentos ordenarios e as mais couzas Nesasarias ao que me respondeo que me recolhese pª guoa e que dentro em pangim esperase plas festas que tinha mandado me fizese mandandome que entrasse em dia asynalado o que fiz leuando o Cunhale uestido com hũa Cabajo de ueludo das cores do Vizo Rey pª asy o lhe emtreguar surjimdo No quais diante de todo o pouo que nele estaua pera me nele reçeber Mandou ao ouuidor gerall com dous meyrinhos me entrassẽ a guale e elle tomase o Cunhale o que fizerão, e heu me fuy na minha manchua e me fuj pª o meu recolhymento de Racholl domde enviarão fazer esta empreza a quoal fis a minha custa sem me ser feyto merçe algũa da fazenda de sua Magestade Nem me darem o meu ordenado nem receber mantym.tos ordinarios da gente que leuej na minha gale, leuãdo hũ Nauyo meu a minha Custa em que forão as monisois e porque mcll frz bramdão amdou em hũa gale da minha companhia e se achou em *todas as couzas asyma ditas comprindo muy inteiramente com a obrigação de sua pessoa a tudo o que se oferesese do seruiço de sua magestade e me acompanhou atte tornar a esta zidade de guoa* por me pedir a prezemte pera bem e justifiqasão de seus seruisos o lhe mandej passar por mim asynada o que juro aos santos auangelhos passar o comtheudo nela Na uerdade e ser o sinal abayxo meu ẽ guoa aos vinte seis de dezẽnbro de dezẽnbro de 1600 anos



Fac-simile da assinatura de André Furtado de Mendonça
(Da colecção de C. R. Boxer)

II

EXCERTOS DO EXEMPLAR ORIGINAL DOS CINCO LIVROS DA «DÉCADA XII», DE DIOGO DO COUTO

A — *CAPITOLO 9 DO QUE MAIS PASOU O CAPITÃO MOR CÕ O ÇAMORI, E SE PARTIO PARA GOA, E DO QUE LHE SOÇEDEO CÕ O CONDE ALMIRANTE*

Comcloido aquelle negoçio, os capitaïs das armadas que alli forão de socorro, pedirão licença a Andre furtado para se partirẽ pois não avia que fazer, E estarẽ ja faltos de tudo, a qual lhe elle deu, E con todos teue grandes cõprimentos, e palauras de agardecimentos, E as çidades E capitaïs dellas escreueo cartas do mesmo e asy se partirão hũs para o norte, outros para o sul, E dispedio dom fernando de nrª com hua galle E seis nauios, para hir dar guarda a tudo o que hia ate cochĩ E as barcasas que ja não podião hir para goa, E de lá passar ao cabo do Comorĩ, a Recolher as naos da china Malaca, Maluco, bemgalla, E as cafillas da Costa de choromãdel o que tudo fez cõ muito cudado E diligencia, e tudo pos em cochĩ a seu tempo seguramente. E para a costa do canara dispedio por capitão mor a dom francisco de Souza cõ a sua galle, E outros sinco ou seis nauios, para Recolher aquelas cafillas de mãtimen-

tos, E leualas a goa, o que tudo fez muito bẽ. E que uendo ultimamente partirse para goa, foi se ver cõ o çamorĩ, E a dispedirse delle, E ẽtre elles se passarão grãdes comprimentos E ofereçimentos, E o camorĩ lhe mãdou passar em hũa folha douro batido, algũas cousas que lhe prometeo que herão as seguintes / *obrigouse per sy, E seus* suçessores que emquãto o sol, E a lua alumiasẽ o mũdo terião sempre pax E amizade firme cõ o estado da jndia, obrigou se mais que por espaço de vinte annos se não tornaria a pousar aquele sitio de nação algũa, E mouros nũca / que isso mesmo se não tornaria aleuãtar fortaleza que a todo tempo que naquele Rio entrasẽ nauios de corsairos, seria o Ariole obrigado a os entregar a qualquer capitaõ del Rej de portugual que andasse por aquela costa. cõ jsto se dispedirão, E o çamorĩ mãdou embarcar em sua companhia algũs embaxadores cõ os capitullos das pazes para o cõde as jurar. E aos vinte e sinco de março a hũ sabado fez o capitão mor vella, E ao outro dia chegou a cananor, porque detriminaua de não passar dalli por ser ẽ somana de ẽdoenças, E ao desembarcar foi reçebido do capitão e pouo E as festas que a fortaleza, podia dar de sy, E alli se confeçou e comũgou elle E todos os da armada *aqui lhe derão cartas do cõde* almirãte em que lhe mandaua os agardecimentos da vitoria que o conde festejou em goa muito bẽ, E lhe pedia, que cõ toda a armada voltase a coulão, E desfizese hũa fortaleza que o Rej de trauancor hia fazendo vizinha a nossa por ser afronta do estado desimular cõ ella. Andre furtado ajũtou logo os capitaẽs a cõcelho, E nelle leo a carta, e propos sobre isto o que comvinha ao seruiço del Rey naquele negoçio, E votando todos, disserão, que estauão quebrãtados da guerra, E despejos de tudo, E mais, que o tempo hera gastado, E que não podia aquela

armada tornar a jnvernar ẽ goa, E que se tornase, seria ja taõ tarde, que vissẽ aRiscados *a se perderẽ. E vendo elle que todos tinhão Rezão* e justiça, deu a vella para goa, E de caminho foi visitando e prouẽdo as fortalezas do canara, E arecadãdo daqueles vasallos as pareas que devião E Recolheo as cafillas que ali achou carregando de aRos, E aos onze de Abril deste Anno de seis centos chegou a barra de goa, donde escreueo ao conde almirante de sua chegada, E lhe mandou o asẽto do conçelho que se tomou sobre tornar a Coulão como lhe escreuera, mas que por sima delle, estaua prestes para voltar aquele negoçio, e prouẽdolhe a armada que trazia desbaratada E falta de tudo se ofereçia a jnvernar naquela fortaleza, E desfazer a que aquelle Rej fazia, como dexava desfeita a de cunhalle polla boa ventura delle Viso Rej a isto lhe respõdeo elle, que entrase ẽ boa hora, porque ja não avia tempo para nada que la lhe ficaria outro para fazer tudo *E que descansasse em Pangim ate se lhe aparelharem as festas que tinha mandado á cidade lhe fizessem.* (*a*) a cidade, parecendolhe obrigação fazer algũas honrras a este capitão pelas boas venturas que lhe deos dera tanto ẽ proueito E honrra do estado, derão disso conta ao conde almirante, que lhe disse que hera bẽ que se lhe fizesse algũas festas. cõ jsto mandarão os vreadores visitar a Andre furtado, E a dar lhe os perabẽs daquela grãde vitoria, e a pedir lhe que se ditiuese tres ou quatro dias emquanto lhe preparauão algũa festa para o Receberẽ, por lhe ser tudo o que se lhe podese fazer muito menos do que merecia, porque todos confeçauão que libertara o estado daquelle corsairo que tão oprimido E derubado o trazia com suas arma-

(*a*) O referido no itálico encontra-se à margem no original e em letra diferente.

das. Andre furtado lhe mãdou agardeçer aquela vontade, E que por lhe fazer a sua esperaria os dias que lhe pedião E asy tanto que tiuerão tudo preparado o mãdarão auisar E emtrou cõ toda a sua armada embandeirada E cõ muitas outras embarcasoĩs que acodirão da çidade, E de bardes mui ẽRamadas cõ o que o Rio ficou quoasy entulhado. E por elle dentro se vierão desfazendo com bombardadas, he grandes estrondos destrumentos belicos, E alegres, de tambores, pifaros, charamellas, trõbetas e outros. E asy nesta forma, surgio no cais defronte dos apozẽtos dos Viso Reis, E da borda dagoa ate a se, onde avia de hir primeiro dar graças a nosso senhor tinha a çidade tudo cuberto de aruores E Ramos verdes, E a porta da çidade, estauã os vreadores E o Arçebispo esperando por elle, E o conde almirante por estar naquele tempo em cama alejado da sua gota, não foi posivel saillo a reçeber. E estando Andre furtado ultimamente para desembarcar, estando o cais E as Ruas todas entulhadas de povo E as janellas alcatifadas de damas, para verẽ o cunhalle que tanto dano tinha feito a jndia emtrou o licenciado luziarte caeiro da grã ouvidor geral do crime [que hera cazado cõ hua molher do Reino do apelido dos mẽdonças parenta do mesmo] a Andre furtado, E lhe deu hũ Recado da parte do Viso Rej, em que mandava, que lhe entregase o cunhale para o levar ao tronco, porque não hero lisito que dezẽbarcase cõ elle, nẽ se fizese tãto caso de hũ pirata; recado de que este bacharel se podia escusar, pela Rezão que dise, se elle entendera tanto de hũ primor como de hũ texto tinha Andre furtado vistido o cunhalle em hũa cabaya de veludo azul, sua touca preta. E cõ elle seu sobrinho, E chinalle, para os levar diante de sy; E os entregar ao conde Almirante como cativos, E todos os da sua armada estavão cõ o mesmo

alvoroço. Andre furtado ẽ lhe damdo o recado, cegou se tanto da paixão que não Respondeo na forma que devia, que hera, que elle hia dezembarcãdo E que em terra o entregaria E lançaria aos pés delle Viso Rej, reposta que eu cudo elle estimara muito, E não cudo que mãdase elle fazer aquela diligençia tão secamẽte. mas este capitão como se embaraçou E cegou da colora, logo lhe entregou, E mãdou dizer ao Arcebispo E çidade, que lhe tinha em merçe as honrras que lhe querião fazer, E cõ isto se embarcou em hũa mãchua E se foi pelo Rio açima meter na caza dos capuchos da madre de deus *heis aqui hũ espectaculo do mũdo, E hũ espelho em que* se avião de ver todos os que a fortuna alevãtase a grandes honrras, para se temerẽ de seus Reveses, E trazerẽ aquela sentença da sabedoria escrita na alma que dis, que o pezar ocupa os estremos da alegria. E asy nũca o mũdo dá hũ gosto, que logo jũto delle não tenha outro mor desgosto. E fellipo pai de Alexandre entendendo isto como prudẽte damdo lhe tres boas novas juntas em hũ dia, pos os olhos nos çeos, E falando cõ seus deoses, dise, pesovos deoses, que premitais que o Reves destas novas, não seia jgual a elas, senão muito moderado E cõ que eu possa E dexando isto, os soldados estiverão mui allevados e a mĩ me afirmarão que detriminarão de deitar o ouvidor geral ao mar, mas Andre furtado que os entendeo acodio aos quietar, que para aquilo só lhe deu a paixão lugar. muito sintio o povo, isto que se fez a este capitão, porque hũ momẽto se desarmarão todas aquelas preparaçõis, e derão os Rapazes cõ as arvores e Ramos por esse chão E o Arcebispo E çidade se recolherão com grande desgosto de soçeder aquilo estando elles cõ aquele alvoroço [algũas peçoas de credito me disserão, que algũs fidalguos que aquela hora se acharão cõ o conde Viso Rej, que fica-

rão em Goa passeando e levãdo boa vida, lhe aconçelharão que não consentisse ser Andre furtado reçebido cõ aquela pompa, (*b*) nẽ entrar trehũfando cõ o cunhalle diante, cõ outras cousas que acresentarião e se tal foi, devia de lhe fazer dizer aquilo a grande força da jnveja que lhe entrou vendo que lhe dera deus aquela boa ventura E outras muitas que lhe tinha feito, pelas quaes sempre ficou ẽvejado E odiado a muitos, não lhe dexando a este ver aquele Reçebimento que a Cidade tinha preparado a este capitão, hera mais feito ao mesmo Conde que a elle, porque todas] as vitorias, socessos, E feliçidades, dos capitãis, são gloria dos seus Viso Reis, porque elles são os que hordenarão as jornadas, E que Elegẽ os capitãis, e que lhe dão os Regimentos pelos quaes elles se governão, E alcãsão as victorias, E que pelo contrario dos casos adversos sempre se atrebuẽ a má fortuna dos Viso Reis, E não ha dos capitãis. E não se pode crer de hũ Viso Rej tão prudente, E que tẽ mais obriguação que todos os do Reino, a desejar os bẽs deste estado, E semtir os malles delle, por ser bisneto daquela valeroso conde que o discubrio, que não estimase E grangease muito esta vitoria, como algũs fidalguos que não herão seus amigos diserão algũas vezes, que porque a seu jrrmão dom luis da gama a negou deos, não quisera que a dera a outro. E he isto tanto ao Reves, E asy estimou o conde esta vitoria, que depois na hera de 610, pedio de merçe a El Rej que ouvese por bẽ, festejarse na çidade de goa, no proprio dia em que se alcãsou como se festeião outras o que se fez logo cõ proçissão solene, mista E pregação, de seus

(*b*) Nota à margem em letra diferente; «não foi assi e o Conde não houvera de ter, ver e rever esta sua decada para pôr o que quis e riscar o que lhe pareceo».

louvores, porque elle foi o que mais procurou a destroição daquele pirata que todos, jnsistindo E cõtinuãdo nisso hũ e outro ano con tanta prevẽsão, regimentos advertimentos, E mais couzas, que podia cõ muita Rezão dizer, que elle pelejara cõ as mãos de todos os que se acharão nesta jornada, como se conta de são paulo, que para mereçer mais diante dos deoses, tivera as capas de todos os que apedrejarão santo estevão por ficarẽ mais desẽbaraçados por aver que asy o apredrejava cõ as mãos de todos porque o ouvidor geral levou o cunhalle E os mais mouros ao tronco, E os ẽbaxadores do çamorĩ, forão dezembarcados E agazalhados muito bem, E depois os ouvio o conde E lhe fez muitas honrras e jurou as pazes, e logo os dispedio para sua terra nos periches que mandou jnvernar a cananor. E lhe deu muitas peças. E ao çamorĩ mandou muitos agardecimentos de sua perseverãça, E trabalho que naquela jornada teve.

(Torre do Tombo — Ms. 537 da Livraria
Liv. IV, cap. 9, fl. 92 v.-94 v.).

Nota — O que vai entre parênteses quadrados está riscado no texto.

É curioso confrontar este texto, original, do amanuense do próprio Couto, com o da versão impressa em 1645, na qual se vêem claramente as alterações feitas por indicação da censura ou de qualquer amigo ou parcial do Conde da Vidigueira.

B—*CAPITOLO 12 DE COMO FORÃO ÇENTÊÇIADOS POR JUSTICA O CUNHALLE & CHINALLE.*

Dexamos o cunhalle no tronco de goa E cõ elle o chinalle, E os mais mouros que dissemos, sobre os quais avia muita vegia E boa guarda, E como na jndia não faltão perturbadores E não ja dos piores della, que custumavão. a esgrauetar acçõis aos Viso Reis, E fazerẽ lhe delles, Elefantes E bazaliscos, E deitarẽ lhe papeis contra sua hõrra ẽ partes publicas E pregarẽ lhe outros pelas portas das jgrejas jmfamatorios, E cõtra suas conçiençias de quẽ os lança, porque lhe ficão ẽ Restetuição de sua fama E honrra, pelo que se tẽ pasado na jndia muito façilmente, sẽ aver mãdar se devasar deste caso que hera digno de grande castigo por ser de grande escãndallo. E de que poucos E nenhũs Viso Reys escapão por muito justificadamẽte que viverão, posto que não faltarão outros que derão grandes ocaziõis para isso, E nesta materia que direj, posso afirmar, pelo que entendi deste conde Viso Rej, que nũca lhe emtrou tal no pensamento, E asy lhe alevãtarão publicamẽnte, que tinha o cunhale no tronco sẽ o querer sentençear E justiçar como suas culpas mereção, porque estava cõsertado cõ elle ẽ hũa grande soma de dinheiro para que lhe desse geito a fogir de tronco para mais disimulação por que soçedeo estar este mouro prezo nũa torre onde

estava hũ soldado jndiabrado, do qual o cunhale pareçe se quis valer para fogir porque lhe teria prometido dinheiro. E acharão no telhado da torre lançados hũs mohõis ou Cordas como que por alli queria fazer sua fogida do que tomarão ocasião para fallarẽ o que disse, não vẽndo que se elle ouvera de fogir dalli por hordẽ do conde não avia de ser cõ tanto Risco, como por çima de hũa torre, tendo para jsso outros modos mais suães se hũ Viso Rej os quizera. E asy se falava nisto tão soltamente pollas cõversasõis e ajuntamentos, que chegou o negoçio a noteçia do conde que não dexava de entender a natureza dos homẽs da India que são algũs como aqueles que atirão a pedra E escõdẽ a mão, E muitas vezes as culpas que elles tem, a descarregão cõ outros que estão bẽ jnoçẽtes dellas E he mui ordinario aquilo que elles querẽ dizer fazerẽ nolo vos de o alizarẽ, por estes termos, la se falla nisto, la tachão estoutro, acodi por isso como vosso servidor E este foi o que lhe meteo a lança ate o conto, emfim pasando disto tãto que o conde soube das murmuraçõis que avia, por desamaginar estes, disse aos dezembargadores, que se sentiasẽ o cunhalle E chinalle, E se executasẽ logo porque cumpria asy, pelo que se formarão autos contra elles, e o prometor da justiça veo cõ seu libello que provou bastantemẽte, E pelos meriçimẽtos dos autos, E da verdade sabida E notoria, foi çẽtẽçiado que moReçe degolado, E que seu corpo fosse feito em quartos, e postos, pelas praias de bardez E pagĩ, E que a cabeça, fosse salgada E levada a cananor, E arvorada na praya sobre hũa astea para teRor E espanto dos mouros, para que vissẽ em que veo parar hũ tirano que trazia soppiados e tiranizados a todos, E o dia dantes que se avia de fazer esta execusão, mãdou o conde fazer hũ cadafalço de madeira no teReiro do paço, E

foi posto sobre elle, o cunhalle que mostrou naquele auto muito animo, mas nũca se quis mover a Reçeber o Santo bauptismo cõ o qual foi convidado muitas vezes no tronco, asy pelos padres da companhia como de outras Religiõis que trabalharão bẽ, por trazerẽ aquela ovelha perdida e diabolica a manada de christo: porque esta nação de mouros Arabios desta casta naiteas, que cudo este hera, de maravilha aseitão Rezõis cõtra a falsidade de de sua crẽsa. posto o cunhalle ẽ çima do cadafalço estando o teReiro do paço emtulhado de gente, que cõcoreo a ver aquele espectacullo, alevãtou hũ portr° (?) a vos declarou a Rezão porque moRia o cunhalle Moria, por corsairo, pirata, alevãtado, persiguidor dos christãos, E pelos martizar, E outras culpas diabolicas E logo foi posto ao çepo ate onde chegou cõ muito acordo E lhe cortarão a cabeça fora dos ombros como tredor, depois dahi a muitos dias se tirou o chinale para delle se fazer a mesma execusão mas como este, ẽ moço se criou emtre os purtuguezes, foi mais façil a se Render e a pedir que o baptizasẽ, declarando lhe os padres que nẽ por se fazer cristão avia de deixar de padeçer, por que as leis do Reino se avião de executar, mas ja que perdia a vida não quizesse perder a alma, a que Respondeo que muito bẽ sabia aquele negocio, que o bautizasse que elle só por amor de Deus queria ser christão, E não por temor da morte, nẽ porque cuidasse que lhe avião por isso de dar a vida. E assy foi bautizado E se chamou Bertolameu mostrando elle no extirior vontade E gosto, E depois foi tirado a justiçar, E levado ao pilourinho acompanhado da santa mizericordia E dos mininos orfãos, que forão Rogando a deos por elle, E seu corpo foi emterrado ẽ sagrado. Estas cousas todas deixou o Conde almirante aos ministros da justiça, pera que fossẽ executores dellas. O sobrinho

do Cunhalle E outrros mouros que vierrão prezos a goa, no tronco delle i que se cõsumirão, poucos E poucos, porque os ajudarão E pasarão de 30 entre cristãos E mouros os da casta do Cunhale que o conde Viso Rey tirou do mundo E nenhũ que ouve a mão lhe escapou.

(Torre do Tombo — Ms. 537 da Livraria Liv. IV, cap. 12, fl. 98 v.).

Nota — A sentença final *E pasarão... lhe escapou* foi acrescentada ao texto original por mão alheia, talvez a do Conde da Vidigueira, ou algum parcial seu, mas vem contudo incluído no texto impresso de 1645, que, aliás, em outros lugares deste capítulo é muito diferente do deste códice original.

III

CÓPIA DE UMA CARTA DE ANDRÉ FURTADO DE MENDONÇA, CAPITÃO GERAL DAS PARTES DO SUL, PARA O PADRE NICOLAU PIMENTA, DE AMBOINO A 10 DE MAIO DE 1602 (1)

Afirmo a Vossa Paternidade que estive (soposto a obrigação tão devida) para não fazer esta, pois nella não posso tratar senão de miserias e desaventuras; pareçe que o primitte assy Deos nosso senhor por meus peccados, sera elle louvado comtudo. Eu parti de Malaca e me vim na volta de Sunda, e posto que toda a Jaoa esta levantada e Rebelada contra nos, por este respeito, sendo o primeiro ElRey de Palembão que foi traidor, e se confederou com a Sunda, onde avião os capitães de Malaca e os casados della que acharia eu todo o favor e aynda bastante para tomar a Sunda; e ainda que no prinçipio deu mostras disto, no fim concluio con de todo me ser traidor; Deixado isto, como na Sunda era morto o Quiopale (2), tratei de me negociar com os pretençores que querião ser Rei, e tinha as cousas em tam bons termos, que com a Sunda ter em sy trinta mil homens que lhe tinhão vindo de socorro de toda a Jaoa, com facilidade ouvera de ser senhor della; chegando a Sunda e estando surto na barra para entrar, pareçerão

sette naos; as sinco dellas pelleiarão com o galleão de Thomé de Sousa d'Arronches, e com o de Francisco de Silva de Meneses, as quais fizerão nas naos dos Inimigos estrago notauel, ainda que Thomé de Sousa ficou com todo o velame roto de modo que não pode mais navegar; e indolhe dando caça hum pedaço, pella nao de Thomé de Sousa ficar desta maneira, e não ter outro velame pera meter nas vergas, e as naos ingresas (3) serem tão ligeiras que com o papafigo de proa sem outra nenhuma vella dado, hião desapareçendo de nos, surgi em paragem em que ainda pudera cobrar o porto de Sunda; visto estar desenganado que a mais ligeira nao de minha companhia em comparação da dos Ingreses (3) fica sendo o morro d'Angediva; mas ao que Deus ordena não ha poder fugir — francisco de Sousa Teive e André Roiz com suas galeotas se meterão entre os Olandeses de modo que lhe não pude eu ser bom, ainda que acudi com tanta brevidade que lhes torney a tomar a galleota de Francisco de Sousa com a mor parte dos soldados e lhe mandey por o fogo: André Roiz acabou em seu officio vendendo a vida bem; e nisto fiquei discorrendo de todo o ponto da Sunda, e posto que muitos dias estive surto sobre a Amarra com temporais muy grandes, a ver se o podia tornar a cobrar, não foi possivel; mas como tudo isto vem guiado de cima, me deliberey sem provimento nenhum vir a este Amboino, o qual achey em estado que entendi claramente que foi promissão divina o da Sunda: Tam penhorados estavão os olandeses e tam resolutos no seu particular, que com verem que eu me fazia a vella para estas partes, fizerão c mesmo nas minhas costas; eu cheguey a este Amboino, e como ouve que elles me ficarão na Sunda, tratei de desapreçar esta fortalesa de Amboino da afflição em que estava da gente da terra; e por alguns soube da

confederação que avia entre elles e os olandeses pará tomarem esta fortaleza e a de Maluco, e que na entrada de Março esperavão por dez Naos; eu me fui a Itto que tam soberbos e arrogantes estavão com os olandeses, porque esperavão que em pondo os pees em terra me desbaratarião: foi Deus nosso senhor servido dar-me vitoria em huma çerra inexpunhavel onde se elles acolherão; que os que lá vão dirão muito que nella avia, e quam poucas esperanças humanas pudia aver pera esta çerra e sitio poder ser entrado; duas veses a acometi, — a segunda foi Deus por sua misericordia servido de enxerir asas aos capitães e soldados desta armada para que o podesse com ellas entrar, porque d'outra maneira não podia ser, e assy foi elle servido dar-me huma vitoria muy grande. Morrerão os mais dos prinçipais e o capitão, e captivey o Taleta Rej de Ito; e assy senhoriey o baluarte que os Olandeses tinhão feito, que a estar dentro outra nasção, impossivel fora podesse extinguir; a qual arrasey, e pus por terra; à entrada da porta tinhão ia as armas do prinçipe Mauricio, e pellos negros que captivey soube como nestas naos vinhão cem homens de presidio para aquelle forte, e outros cem para o de Varanulla: Em menos de hum mes foi Deus servido de senhorear e conquistar todas as povoações que estavão reveldes ao serviço de Sua Magestade, as quaes todas ficão avassalladas com as cabeças prinçipaes nesta fortaleza de Amboino; isto feito (suposto Varanulla ser huma çidade muito prospera chea de Ternates, e ter hum forte inexpugnavel que os Ingreses tambem tinhão feito (4), passey là) foi Deos servido darme victoria, a cidade mandei saquear e queimar e o forte arrasar, tomandolhe a artelharia que tinha; os Ternates mandey hir em seu seguimento atee a cidade de cabelo, onde se embarcarão em quatro

ou cinco corocoras e outras embarcações, e se acolherão caminho de Ternate.

As naos não falharão com o prometimento que tinhão feito aos Itos e a todos os mais lugares alevantados e rebeldes contra esta fortaleza; porque a des de Março arrebentarão as dez Naos a vista dos Ilheos de Rosatelo; e com guarnição no forte delle, se forão na volta do Burro, e de alli segundo as novas que tenho são passados a Maluco; e as sette se fizerão na volta de Banda, e destas sette tinhão jà vindo do Maluco tres, nas quais foy Francisco de Sousa Teive que de Banda me mandavão a esta fortaleza com nove portugueses que captivarão; delle soube como se ficavão fazendo prestes para hirem a Maluco, e conforme ao miseravel estado em que a fortalesa esta, e o muito que estes corsairos e os Ternates fazem pela tomar-me, he muito necessario socorrela; suposto chegarem-me meus peccados a estado que nem de sagu posso sustentar esta maquina; mas permittio Deus darme taes companheiros, assy por capitães como por soldados, que estão offerecidos quando nos faltarem ervas e folhas do campo, sustentar menos com os proprios Ternates: Eu mando a Malaca pedir socorro e ás Manilhas, e ainda que quando chegar sabe Deus os que de nos serão vivos; mas como hum homem morre contribuindo com o que convem a Ley de Christão e de Vassalo de Sua Magestade tem menos que sentir. Ao Senhor Visorey escrevo o estado em que fico, e que me socorra ao de menos com a fabrica necessaria pera levar estes galeões a Goa; no mais não trato porque he elle tambem christão, e tam honrado cavaleiro, que não avera falta ao fazer no que se la offereçer; extimarey fazer-me Vossa Paternidade as merçes que lhe mereço e sempre saberey merecer: Ao de ca me remetto ao que escrevem os padres a Vossa Paternidade;

e como fico no cabo do mundo sem outras nenhumas esperanças mais que as divinas, nas quais eu estou muito confiado, Vossa Paternidade por quem he, me mande encomendar muito particularmente a Deos, porque sendo assy vivirey mais confiado em me não faltar com a sua Divina Misericordia.

Ainda que seia notorio com muita façilidade poder-se-me por sospeição nos particulares da Companhia (soposto isto) ainda que Vossa Paternidade me tenha nesta conta, não deixarey de manifestar a Vossa Paternidade o grande proçedimento dos Padres Brisio Fernandes e Sebastião da Veiga, por que não trato de seu proçedimento e exemplo (que isto he cousa rara) senão o modo em que me ajudão em meus trabalhos; porque se elles não forão, afirmo a Vossa Paternidade que empossivel fora não ter eu largado a armada, mas elles são os que me consolão, e animão em todas as cousas que se offereçem [e] me alivião os trabalhos, e isto me da esforço para poder com elles ([5]).

Mas o padre Brisio Fernandes não ha quem possa com elles depois que na batalha lhe derão aquella espingardada, que afirmo a Vossa Paternidade foi das mais venturosas de quantas tenho visto des que ando na guerra, mas ia que nesta paragem elle derramou seu sangue nella, confio em nosso senhor auemos d'arborar huma cruz da volta de Ternate, e pode ser que seião mais se aos padres pareçer.

Acabo esta com pedir a Vossa Paternidade que avendo occasião não deixe de dizer ao Vizorej que se lembre quão arriscadas estão todas as cousas deste Sul, se não forem de ordinario socorridas com poder muito bastante; porque este anno passarão a estas partes desanove naos, afora as que nos não sabemos, e o que vem tenho por Nouas auerem de vir sesenta, e prasa

a Deus que não sêra com fundamento de fabricarem, porque se o for ueia o que custara ao Estado podellos extinguir; o que sinto neste tempo, he verme em huma armada tam deçepada, que o quererem pelleiar ou não esta nelles, e a mim fica-me só a magoa de ver que lhes não posso chegar. Acabo esta com tornar a pedir a Vossa Paternidade me mande encomendar a Deos muito particularmente, a 10 de Mayo de 602.

---

(1) British Museum. *Additional* Mss. 28.432 a fls. 51-3. É cópia em letra do século XVIII. Confrontando esta carta com os capítulos relevantes da obra do Padre Fernão Guerreiro S. J., *Relaçam Anual... de 1602 e 1603* (Lisboa, 1605), em págs. 276-283 da reedição de Coimbra (1931) não resta dúvida que Guerreiro utilizou o próprio original para elaborar a sua relação, que, aliás, ele mesmo diz quando escreve: «...porei aqui um capitulo de uma carta que sobre esta matéria escreveu ao Padre Nicolau Pimenta, Visitador que foi da Índia, o próprio General André Furtado». (*Ibid.* p. 282).

(2) *Quiopale*; provàvelmente erro do copista por *Quiopate*, quer dizer o título malaio ou javoa *Ki-Patih*, ou Regente, sendo o então Regente de Bantam (=Sunda) Ki-Patih Djajanagara.

(3) Erro do copista por *olandesas*, como, aliás, vem emendado na *Relaçam*.

(4) Assim estava; posto que este edifício não era uma fortaleza inexpugnável, senão uma simples *feitoria* fortificada mas sem gente de guarnição alguma naquele tempo.

(5) A história da missão jesuítica na ilha de Amboino acha-se relatada, com muitos pormenores interessantes, na obra do Padre C. Wessels S. J., *De Geshiedenis der R. K. Missie in Amboina, 1546-1605* (Nymegen, 1926).

IV

CÓPIA DA CARTA DE NICOLAU DE MONTALEGRE A ANDRÉ FURTADO DE MENDOÇA, GRISSÉ, 20-VI-1602

Simão Serrão chegou a este porto aos 17 de Junho e em sua companhia o padre frei Pablo de Mesquita e por elle escreveo esta e com elle mando a Vossa Merce hum papel em que vão pintadas as ilhas de Banda, que como já tenho escrito a Vossa Merce as tirei da traça de jaos que as sabem muito bem, e fermoseadas na pintura por Manoel Godinho lla trace Vossa Merce na sua companhia e homens que esta rezão nellas, principalmente Francisco de Maris que quando eu fui a ellas com Diogo de Zambuja estava elle lla. A principal e de mais fazenda é Lontor e logo Nera e Labataca e as duas de fora Pulo Rum e Pulo Ai — Saranguni que esta detras de Lontor — Pulo Piçam e de suas ortas e vinhas onde tienen figos e outras cousas. Pulo Capal es huma pedra á feição de huma Nao dada a costa; o Gunonapi, pela banda de norte tambem tiene algunas ortas e vinhas e algumas arbores de facenda e alegarei muito de Vossa Merce a vêr este papel para que veja Vossa Merce antes de entrar nellas o lugar e sitio para se facer fortaleza qui en Nera que de tien de rentrada que

ès a principal que pola banda do SulEste no entrá ó senão os que vieren de Serão [Ceram] que tanbien se los puede defender.

Estou apostado a me auenturar si Deos me diera vida para o ano yr a Banda em algum junco de aqui ou de Tubão para ver repouso a sombra de Vossa Merce neste derradeiro quartel alcançar algum remedio para mandar ou levar a minha molher e filhos criados de Vossa Merce, aos 27 de Mayo entra com este porto duas naos de Olanda e logo passarão gente em Terra com muita roupa e estes proprios em Dama [Damak] lhes quiserão tomar as naos, todavia receberão notauel dano porque a gente que tenjão em teuão que eran mas de 50 hombres, lestó moró con la facenda que auian lhevado para vender, destos hombres resgataron los mas principales y otros les mataron y algunos doze que daron — eu llevi al padre frei pablo a uma dellas que estava aqui para que pudiese dar a Vossa Merce raçon de como andan tam bem negociadas; particularmente perguntan si la armada de Vossa Merce trae artilheria ao lume dagua e tambem roncar com dizer que de sua terra ade vir para estas partes armada muita grossa, com muita gente de guerra, queixandose de que elles são mercadores e que por não ter onde poder buscar sua vida por les tener fechados os portos em Espanha passam a estas partes. Deos remedeo tudo como pode a Vossa Merce lhe conceda ate o fim muitos prosperas victorias em defensa de sua santa fé Catholica como pode ... de Guerce [Grissé] aos 20 de junho de 1602.

Criado de Vossa Merce

Nicolao de Montalegre

A André Furtado de Mendoça Capitão-Mor e Geral do Mar do Sul e de sua conquista (1).

(1) Cópia, numa mistura de espanhol e português, impressa por P. A. Leupe na revista *Bydragen Kon. Inst. Taal-Land-en-Volkenkunde*, 3.ª série, Tomo XI (1876), com a carta das ilhas de Banda do cosmógrafo Manuel Godinho de Erédia. Esta carta foi tomada pelos Holandeses, poucos dias depois de ter sido escrita, quando aprisionaram um navio de André Furtado, de caminho de Solor para Malaca, na rede de Grissé, morrendo o próprio Frei Paulo de Mesquita O. P. na refrega. (Carta de Paulo van Heemskesck d. 13-VII-1602). Grissé ou Griseh é um porto de Java, perto de Surabaia.

V

CERTIDÃO DE DOMINGOS DA COSTA, ESCRIVÃO DE MALUCO (TIDORE)

Certifico eu Domingos da Costa escrivão que fuy da feitoria de Maluco em tempo do capitão della Pedro Alvarez de Abreu o anno de 1602, tomar Estevão Teixeira de Macedo [1] Capitam moor da armada de Caracolas do capitam geral do mar do Sul André Furtado de Mendonça que no dito Maluco estava, hum junquo grande de inimigos Ternates carregado de sagu mantimento da terra; o qual junquo por a muita fome e falta de mantimentos que avia na terra e na armada os capitãis que o tomarão e outras pessoas, descarregauão em Tidore sem o capitam geral o saber. O que sabendo o capitam da fortaleza Pedro Aluarez de Abreu mandou logo tra-

---

[1] Tinha sido capitão da fortaleza de Amboino. Em Outubro de 1603 chefiava uma esquadra que bloqueava o rio de Joor (Batu-Sawar), onde travou combate com duas naus e um iate holandeses, a que se refere a gravura do Museu de Marinha de Lisboa, que reproduzimos. Estêvão Teixeira de Macedo foi capitão do galeão *Todos os Santos* que comboiava a «nau da prata» para China e Japão em 1615, mas foi morto duma catanada que lhe deu um soldado em Malaca, conforme refere António Bocarro, *Década XIII*, cap. LXXXII, págs. 360-1.

zer o dito junquo na mesma ora que o soube pera a fortaleza e deu ordem ao feitor da fortaleza Thomé Gonzalvez, e a mim escriuão da feitoria pera descargarmos o dito junquo e agazalharmos em almazem real todo o dito mantimento por conta de Sua Magestade, remetendo-o pera remedio da armada toda: E logo avizou o dito capitam da fortaleza Pedro Alvarez de Abreu ao capitam geral pera prouer no caso como fez avendo que fizera grande serviço a Sua Magestade o dito Pedro Aluarez de Abreu; do qual mantimento se proveo e sustentou a armada do dito capitam geral mais de dous meses sem o qual pereçera antes de chegarem as fragatas com o arroz de Manila, o que se deve a advertencia e diligencia e zelo do dito capitam Pedro Alvarez de Abreu etc.,... Tidore, 15 de Novembro de 1603.

(ass.) *Dõs da Costa*

(Papéis dos serviços de Pedro Álvares de Abreu, 1579-1610, do arquivo particular do Sr. D. Gil de Castro, Conde de Nova-Goa, a quem, pela amável condescendência na publicação, ficamos muito gratos).

VI

TRECHOS DE UMA CARTA DE D. PEDRO DE ACUÑA, GOVERNADOR DAS ILHAS FILIPINAS PARA PEDRO ÁLVARES DE ABREU, GOVERNADOR DE MALUCO (TIDORE), DATADA DE MANILA, A 11 DE OUTUBRO DE 1603 (1)

Dos cartas me han dado de VM, la una de 22 de Mayo y la otra de 13 de Jullio y por ellas y la relacion que Juan Xuarez Gallinato me ha hecho hi intendido el sucesso de la armada del General Andres Hurtado de Mendoça en essas partes y el estado en que queda lo de Terrenate que no me da poca pena, assi, por la poca dicha que temos tenido en esta faccion como por el dano que pueden hazer en estas islas (de que ya nos amençan segun VM me avisa) y no dudo que teniendo como tienen el favor de los holandeses le ha de tocar a VM su parte de cuidado .....

He olgado de que el socorro que embie al General

(1) Como é sabido, uma expedição organizada por D. Pedro de Acuña, governador das Filipinas, retomou as ilhas de Ternate e Tidore no primeiro dia de Abril de 1606, com ajuda de Pedro Álvares de Abreu e outros soldados portugueses, expulsos da ilha de Tidore, no ano anterior, por uma forte armada holandesa.

Andres Hurtado huviesse llegado a tan buen tiempo como VM me escrive y que la personna de Gallinato fuesse tan a satisfacion de los Portugueses .....

(ass.) *D. Pedro de Acuña*

(Papéis dos serviços de Pedro Álvares de Abreu, do arquivo particular do Sr. D. Gil de Castro, Conde de Nova-Goa).

VII

ROL DOS CAPITÃES DA ARMADA DE D. MARTIM AFONSO DE CASTRO, ENVIADO POR DIOGO DO COUTO AO CONDE DE VIDIGUEIRA EM 20-XII-1606

Relacão da armada do Viso Rey dom martim afonco de castro que foy ao sul.

Capitaes das naaos e gualeões dalto bordo

Manoel mascarenhas capitão da naao do Viso Rey
Aluaro de carualho
dom francsco de n^ra^
dom henrique de n^ra^
guoterre de monrroy (1)
dom francisco de souto maior
duarte da guerra
dom Luis lobo (2)
sebastião Soarez dallverguaria
Jacome de moraes (3)
Antonio de sousa falcão
dom fernando mascarenhas

João pinto de moraes armado pela çidade
dom aluaro de meneses armado pela çidade (4)
bertolameu fernandez guaguo da carauela que do Reino veo

Os capitães que sarmarão en cochim

Manoel barreto coutinho
Jeronimo botelho

Os da armada de Remo das guales

dom Nuno alurez pereira capitão moor (5)
pedro de mendanha (6)
pedro dalmeida cabral
dom fernando mudeliar de çeilão (7)

Das gualeotas e fustas

belchior pita
João de salazar
Manuel dallmeida
estevão dalboquerque (8)
dom Luis de meneses
Luis dantas lobo (9)
francisco de faria lobo
martim afonso coutinho
dyogo de melo de castro
dom miguel da silva
christouão de melo
francisco lopez carrasco (10)
martim afonso de monrroy
francisco de faria de caldas
gil fernandez de carualho

Antonio pereira freire
gaspar de valadares
Manoel dalboquerque (11)
Vrbano de pina
Antonio de miranda
Dom Nuno de souto maior (12)
Jorge de castilho

★

vão nesta Armada — 3012 homẽs que forão paguos pela matricula en seus titulos a tres quarteis a saber — 2392 soldados — 109 — pagens dos capitães das naos gualeões guales e fustas — 21 — pilotos — 15 — mestres — 14 — contramestres — 4 — estrinqueiros — 128 — bombardeiros — 23 — calafates — 17 — carpinteiros — 8 — tanoeiros — 227 — marinheiros — 12 sorgiões — 6 barbeiros sangradores — 4 — patrões — 4 — sota comitres — 5 — meirinhos — 3 Atambores — 20 — sota capitães de gualeotas e fustas que fazem a dita copia dos ditos — 3012 — homẽs
despendeose na pagua deles — 104605 xerafins — 3 tangas — 20 res (?)

(Torre do Tombo — Convento da Graça Caixa 16 D. — Tomo VI — Fol. 188).

NOTAS

(1) Guterre de Monroy tinha sido capitão de Dio no vice-reinado de Aires de Saldanha. Era natural de Beja e foi do reino com o Conde-Almirante em 1596.

(2) O galeão *São Martinho* de 800 toneladas, um dos melhores da Armada, naufragou nos baixos perto da fortaleza de Manar, Ceilão, «aonde se desembarcou o capitão d'elle [D. Luís Lobo]

com toda a gente, e sem haver causa mandou pôr fogo ao galeão, que ardeu com tudo o que tinha...», pelo que El-Rei mandou tirar devassa do caso (*Doc. Rem.*, tomo I, pág. 166. Lisboa, 188).

(3) Jácome de Morais Sarmento foi almirante da Armada Real em 1618, e capitão de Moçambique em 1620.

(4) D. Álvaro de Meneses, capitão da cidade de Goa em 1600, morreu em Malaca a 14 de Junho de 1607.

(5) Filho do Conde da Feira, serviu muitos anos no Oriente, onde ocupou os postos de capitão da conquista de Monomotapa (1608-10), capitão-geral da ilha de Ceilão (1616-18) e mais duas vezes de Monomotapa (1618-22 e 1627-30), morrendo em Quelimane com suspeitas de envenenamento neste último ano (Teixeira Aragão, *Desc. Geral Moed.*, t. III, p. 424).

(6) Veio à India com o seu irmão Manuel de Mendanha, que foi morto no primeiro e malogrado assalto à fortaleza do Cunhale, em 1599.

(7) Príncipe Sinhales, que prestou grandes serviços à Coroa de Portugal, *v.* P.e Fernão de Queirós, *Conquista de Ceilão*, Livro III, cap. 28, fl. 268. Tinha sido capitão de Goa e faleceu despachado com Ormuz.

(8) Filho de Fernão de Albuquerque (Governador da India em 1619-22). Morreu em Malaca de doença, depois de ter servido seis anos na India de soldado. (L. Marinho de Azevedo, *Discursos*).

(9) As suas certidões de serviços foram publicadas por Luciano Cordeiro, *Dois Capitães da India*, pp. 123-148.

(10) Filho de Mem Lopes Carrasco e de Catarina Preta, naturais de Goa, foi capitão de Macau em 1616-17.

(11) Outro filho de Fernão de Albuquerque. Foi morto na última batalha naval contra Matelief, «de hũa pilourada que lhe levou a cabeça, sendo sua morte geralmente sentida».

(12) Enviado do Senado da Câmara da cidade de Macau ao *Xogun* Tokugawa Ieyasu em 1611, conseguiu restabelecer as relações luso-japonesas cortadas pela perda da nau do trato *Nossa Senhora da Graça*, capitão-mor André Pessoa, afundada no porto de Nagasaki, 6 de Janeiro de 1610. Esta nau aparece designada em vários autores por *Madre de Deus* e da sua perda se ocuparam C. R. Boxer e Frazão de Vasconcelos.

VIII

ARMADAS PORTUGUESA E HOLANDESA NA CAMPANHA DE MALACA, 1606

(a) *Armada Portuguesa*

Navios	Capitães	Ton.	Canhões	Soldados	Notas
1. *Nossa Senhora de Conceição* (Capitânia)	D. Manuel Mascarenhas	1.000	24	180	Queimado pelos portugueses, Malaca, 30-X-1606.
2. *São Salvador* (Almiranta)	Álvaro de Carvalho	900	18	180	Queimado na luta de Cabo Rachado, 18-VIII, 1606
3. *São Simão*	D. Francisco Soutomaior (morto ele, André Pessoa)	900	18	160	Tomado pelos holandeses em Malaca, 23-X-1606
4. *São Nicolão*	D. Fernando Mascarenhas	800	22	160	Queimado pelos portugueses, Malaca, 30-X-1606
5. *Todos-os-Santos*	D. Francisco de Noronha	800	?	130	Tomado pelos holandeses, Malaca, 22-X-1606
6. *São Martinho*	D. Luís Lobo	800	22	150	Naufragado nos baixos de Cardiva, Ceilão, Maio de 1606
7. *Nossa Senhora do Socorro*	Guterre de Monroy	800	15	140	—
8. *Nossa Senhora das Mercês*	D. Álvaro de Meneses	800	14	120	—
9. *Santo António*	António de Sousa Falcão	280	10	47	Queimado pelos portugueses, Malaca, 30-X-1606
10. Galeão	D. Henrique de Noronha	900	14	160	—
11. Galeão	Duarte de Guerra	600	15	160	Queimado na luta de Cabo Rachado, 18-VIII-1606.

Navios	Capitães	Ton.	Canhões	Soldados	Notas
12. Galeão	Jácome de Morais Sarmento	800	14	80	—
13. Galeão	João Pinto de Morais	800	15	140	—
14. Galeão	Jerónimo Botelho	500	12	150	—
15. Galeão	Manuel Barreto Coutinho	500	12	100	—
16. Uma nau do Trato da China	D. Paulo de Portugal	1.200	12	?	Queimado pelos portugueses, Malaca, 30-X-1606
17. *Santa Cruz*	Sebastião Soares Dalbergueria	600	10	80	Tomado pelos holandeses, Málaca, 22-X-1606
18. Uma nau do Trato da China	D. António de Meneses	1,000	12	?	Naufragado na costa de Tuticorim, Maio, 1606

(b) *Armada Holandesa*

Navios		Tonelagem	Tripulação	
1. *Oranje* (Capitânia)	Almirante Cornelis Matelief	700	163	—
2. *Mauritius*	—	700	144	—
3. *Amsterdam*	—	700	179	—
4. *Middelburgh*	—	600	131	Queimado na luta de Cabo Rachado, 18-VIII-1606
5. *Swarte Leeuw*	—	600	127	
6. *Witte Leeuw*	—	540	104	—
7. *Groote Son*	—	540	156	—
8. *Erasmus*	—	540	143	—
9. *Geunieerde Provincien*	—	400	100	—
10. *Nassauw*	—	380	85	Queimado na luta de Cabo Rachado, 18-VIII-1606
11. *Kleyne Son*	—	220	67	

IX

CARTA DE DIOGO DO COUTO PARA O CONDE ALMIRANTE, GOA, 27-XII-1607

Bem sabe V. S. as grandes obrigações que eu tenho a Dona Ines freire molher de Dom dioguo Coutinho a qual criej como filha porque sua mãj e minha molher erão mais que jrmãs; e assy foi Crescendo esta obriguação na senhora dona luiza da silua molher que foi do senhor Dom paulo de purtugual por se Crescentar mais sua Criassão e ser molher do senhor Dom paulo primo com jrmão de V. S. que he a outra Rezão de per sy, alem deste fidalguo que deus tem em gloria ter todas as partes que em hũ muito bom fidalguo se pode desejar a quẽ me eu afeiçoej tanto depois de se fazer este Casamento que puramente era seu catiuo quis a furtuna que lograsse esta senhora tam pouquo hũ Casamento tam emvejado que não forão des mezes prefeitos per que Nelles se embarcou em companhia do Viso Rej Dom marty Afonso de Castro para hir fazer a viagem de japão que foi do senhor Dom francisco seu pai em hũa nao de mais potentes que vinha a jndia que lhe Custou mais de trinta simquo mil Crusados posta a vella E nesta jnfelice jornada do Viso Rey se achou com elle na dezembarcassão do dachẽ ẽ que ninguẽ se adiantou

delle, e na batalha naual que tiuerão com armada de Cornelio sempre andou no meo della e trabalhou tudo o que pode por abordar hũa das naos ate por a proa na poupa da Capitania dos Rebeldes que polla grande corrente das agoas e descudo de seus ofiçiais deixou de se atraquar e depois de estarẽ a malaca mandou o Viso Rey por fogo a tres naos que estauão no porto polas não Leuarẽ os olãdezes em que entrou a do senhor Dom paulo e como diz o Italiano, que no cunichia fortuna mas per poco, dalj a poucos dias veo este fidalguo adoeçer de huãs febres malinas cauzadas de desgostos e trabalho que leuou em huãs forteficassõis que fez o Viso Rey em que quiz acarretar tudo as costas, veo a faleçer con grande sentymento de todos deixando sua molher sem o grande dote que lhe derão sem a viagẽ da china e con trinta e simquo mil crusados de diuidas de dinheiro que tinha tomado a Responder para a sua nao, per onde pode V. S. julgar qual estaua esta proue molher e mais não tendo nesse Rejno ninguẽ que se forão viuos seus thios fernão da silva e alexandre de souza poderão acodir com suas cousas e ja que perdeo seu marido, não he bem perder tudo, que he moça E Rezão que case, posto que ella esta segu... disto e com pençamentos de frejra, que quando não tiuer comodo para se passar a este Rejno a jsso, não deixara de o fazer nesta cidade. pelo que a alma de seu *(sic)* lhe deue duas cousas muj grandes, como são esta, E desejar de uender athe os cabellos para lhe paguar suas diuidas.

E Porque eu espero que quando V. S. não tornar a este estado, esteja nesse Tribunal da jndia, luguar que Sua Magestade tem guardado para os Viso Reis della, lhe peço de merçe particular, alem das obrigaçõis que V. S. para jsso tẽ, que tome a sua conta as cousas desta

senhora, e averlhe de sua Magestade a mesma viagẽ que o senhor Dom paulo hia fazer no mesmo tempo em que foi feita a merce, ou para quẽ casar com ella, ou para ella mãdar fazer por quẽ quizer para ajuda de paguar as diuidas de seu marido e que lhe mãde pagar a sua náo pelo que lhe custou posta a vella que se vera pelo conhecimento das partes a que se tomou o dinheiro a qual pagua se lhe faça na penção que os capitãis de moçãbique pagão a sua magestade depois de paguas as ordinarias da dita fortaleza, com pena ao Viso Rej que jmpedir a tal pagamento que o pague depois de sua Casa.

Tem mais Sua Magestade obrigação de lhe satisfazer a morte de seu marido pois morreo em seu seruiços e de lhe fazer merçe de hũa fortaleza muito honrrada para o seu Cazamento por via do padre frej Adeodato escreuo a V. S. Larguo e lhe mando os papeis que mo pidio que elle tera cuidado mandar a V. S. e porque he velho Como eu e pode ser morto e minhas cousas ficarẽ desamarradas Peço a V. S. me faça Merçe de mãdar Recadar os maços de minhas Cartas em nossa Senhora da graça per esta minha E abrilo e mandar dar as Cartas para que vão e os mais papeis Recolhellos V. S. e as minhas petições que haj vão feitas mandar lançalas no trebunal da jndia como for tempo e dar carguo a algũ Criado seu homẽ de negoçios para saberẽ a seu tempo como me Respondẽ e tirar as prouisõis do que for que V. S. por amor de deus mãdara paguar que pola neçessidade de não ter Lá ninguẽ me aRisco hũ grande escrupolo como fiquou a elrrej Dom joão o segundo do pucaro da nata que a velha lhe deu pelo que afirmou que ja não poderia ser seu juiz.

Tambem peço a V. S. abra as Cartas do meu Cunhado para ver o que nellas digo E folgue V. S. de ser só o

que me honrre e faça merçe porque algũa ora avera em que eu sirua as todas E falar a esses senhores do Consselho em my para que ponha os olhos nos meus negoçios porque este he o deradeiro legado sobre esta materia faço Nosso Senhor a peçoa de V. S. guarde e defenda e lhe dee erdeiros para que erdẽ essa Casa tambẽ benemerita ao mũdo todo de goa oje 27 de dezembro de 607.

Não dou a V. S. nouas de nada asy porque não custumo dalas como porque sempre judiçiais neste tempo.

dioguo do couto

(Torre do Tombo — Convento da Graça Caixa 19 — Tomo I-II-E — Fol. 377).

Foi impressa com muitos erros tipográficos na *Revista Literária do Porto*, Tomo XII, pp. 463-466, mas não foi reproduzida pelo Dr. António Baião (*Décadas. Selecção*, 1947) nem pelo Dr. Rodrigues Lapa (prefácio à sua edição do *Diálogo do Soldado Prático*).

É o próprio original, mas só a assinatura é autógrafa. Foram desdobradas as abreviaturas.

X

DERROTA QUE FEZ A ARMADA DE DOM MARTIM AF.º DE CASTRO VIZORREY DE COCHIM PARA P.ª O SUL

De Cochim partio o vizorrey na forma ẽ que todo mundo sabe chegou as ilhas de sincubar (1) em vinte de junho logo em tres ou quatro diaz se lhe ajuntou toda a armada dalto bordo tirada a nao de Dom ant.º de malaqua (2) e o galiam em que vinha o capitam Dom luis lobo (3) que aribarão, a armada de Remo ja estava estava nas ilhas toda mas pasaram seis diza sem dare com as naos.

Partiose toda a armada em conserva p.ª Achen onde chegou a surgir em 12 de junho e en 29 que foi hua quinta fr.ª dia de S.º Paulo desembarcou com seu araial en terra tomou hũa [tranqueira] e en termo de 34 oras se tornou a embarcar com toda a gente.

Partiose pera malaqua en 10 de julho fazendo caminho ao longo de çamatra e indo tanto avante como os

(1) Ilhas de Nicobar.

(2) A nau de D. António de Meneses que naufragou na costa de Tuticorim, Maio de 1606.

(3) O galeão *São Martinho* que naufragou perto de Manar na ilha de Ceilão.

ilheos de Polutinhas se soube como malaqua estava de serquo p.r ser fora de monsao fez o caminho m.to devagar p.or faltarem ventos, sobre a cidade estavao onze naos olandezas e alguns patachos digo pataxos que dizem trasiam mil e quatrocentos homens olandeses e elRey de Johor com todo seu poder, e todos os mais Reis mouros que p.a aqui haa. Puserão seu aRaial en terra parte da banda do ilheo e outra da banda de malaqua com m.tta artelharia de bater em terra, e a cidade opremida de fome e peste pque morrerão assi de gente da terra como por do serco tantos que não ha numero. O serco durou 3 mezes e 18 dias e se a armada tardara mais que se perdera digo tardara mais que se perdera a Terra.

(Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, Cód. CIII, 2-26, a fls. 313).

XI

CAPITULO DE HUA CARTA QUE ESCREVEO DE MALAQUA O PADRE BRAZ NUNES EM 10 DE OUTUBRO DE 1607

Novas da terra he estar bem ao prezente saa e farta de aroz que naõ he pouquo, dentro en 28 dias morreram as tres cabesas que qua estavão o visorey a [?] de junho, Dom Alv.ro de menezes capitam da forta.a digo capitão da armada dalto bordo a 14 Dom Ant.o de menezes, capitam da forta.a ao primeyro de julho e com mortes tam apresadas que o vizorey durou 4 dias Dom alv.ro o levou as costas a sipultura don ant.o estava sam quando morreo dom Alvaro. Ho Vizorrey se enterrou na nossa capella mor onde se abrirão as vias em que sayo o arceb. primaz. aqui nos fiquou o estandarte Real sobre sua sipultura, dos nossos morrerão o p.e m.el carvalho e o p.e ant.o Simoes que hia p.a a china, manoel mascarenhas sayo p.a capitam geral nas vias de alv.o de carvalho que se abrirão tambem depois da morte do vizorrey.

O Capitam geral mandou sinquo galioens pera a çhina em companhia da nao do japão capitam mor andre pessoa e elle com sete navios e hua gale e obra de hua duzia de bantis anda pellos estreytos fazendo guerra aos vesinhos: o Rey digo fazendo gerra aos vesinhos; o Rey de

jor mandou pedir pazes en vyda do visorrey mas como vyo que naquelle comenos em que se matava dellas morreo ho visorrey e os dous capitains depois mandou seu enbaixador pera estrovar que nao saise a nossa armada mas como ella estava aviada sayo m^{el} mscarenhas o dia en que em malaca se juravam... o embaixador jurou de entregar os olandeses que estivessem ainda em jor m^{el} mascarenhas se lhe foi por na barra e lhe mandou dizer que as pazes estavão juradas em malaqua e que entrava nos capitollos hũ era que avia de entregar os olandezes mandou dizer o Rey que os não avia de entregar m.^{el} mascarenhas lhe tornou a mandar dizer que elle estava aly esperando pello seu embaixador e pello de malaqua pera tambem em jor se jurarẽ as pases e então viria o que o seu embaixador tinha prometido e jurado em malaqua, o Rey sospeitando que manoel mascarenhas queria dar em Jor queymou a cidade e suas palhotas esperando ter sua salvação no matto que pera elles hera mayor fortaleza que ha e reteve hu homẽ do geral depois foi o nosso embaixador sem se encontrar com o geral e o Rey o deteve obra digo e o Rey o deteve laa obra de hũ mes e formou as pases sem comprir as condisois dellas e assi estao feitas como se senão fisesem.

O Cornelio foi p.^{a} Asunda e dahy pera Amboino donde passou a maluquo com oito naos quiz dizenbarquar em Tidore defenderanlho os espanhois e entre outros lhe matarão o almirante e daly se forão a Ternatte e vendo que na fortalez^{a} não podiao fazer nada ajuntandosse com elles alguns Ternates que ainda não estavão a obediencia dos espanhoes fizerão hu forte na mesma ilha da quoal os não poderão lancar os espanhoes e p.^{a} defeza delle deixaram aly 4 naos das outras não se sabe de serto onde são lançadas dizem que partiram dia de S. Juam pera a china em busca da nao do japão ou tor-

questaa o Cornelo na Asunda esperando outras naos novas para ir sobre malaqua com o Mestre de campo de Ternate mandou pedir socorro de galeoes com aquellas quatro naos ..... aly não lhe pode vir nada da manilha este Req^{to} tomou o geral no estreyto ainda se não sabe sua determinasão e com o poder que tem não poderia hir para aquella parte por que sera necessr.^{o} deixar malaqua sem nada, se vier algua couza do Reyno podera a sair athe asunda mas ir a malaqua donde não pode vir tam de presa, a malaqua em tempo que se areceyão novos serquos não sey quan asertado sera a mas elles o tem e o entendem e o certo hee que as couzas de maluquo estão fradosas e tanto quanto os framengos fazem mais cabedal do cravo que de nenhua outra couza fiqua p.^{a} capitao de malaqua sebastião de Tavora.

(Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, Cód. CIII, 2-26, a fls. 315 *v.*).

XII

DISCURSO SOBRE O PROGRESSO DOS OLANDESES, ENTRADOS NOUAMENTE NA INDIA: EM QUE SE DESCREUEM ALGUNS ADVERTIMENTOS, QUE SE DEVE OBSERUAR, PARA LHES PODER AQUELLE ESTADO FAZER A NECESSARIA RESISTENCIA. COMPOSTO EM O ANNO DE 1619 POR FRANCISCO ROIZ SILVEIRA, ESTANDO PREZO NA CADEA DA CIDADE DO PORTO.

...Isto nos mostra bem claro o subçesso da impresa que no anno de 606 se cometeo em Malaca contra estes inimigos: que por careçerem os Portugueses de militar experiencia pera se saberem approueitar da ocasião contra elles, deixarão de auer a mayor e mais illustre victoria que souberão desejar, ou pedir por boca; com a qual nunca jamais, lhes passara pello pensamento nomearem a India, quando mais tornarem a ella: o que os proprios Framengos confessão hoje: dizendo que se nossa armada se não detiuesse no porto de Achem, e nauegara logo a Malaca, lhes tomaua sem algum trabalho toda a sua, por ter a mayor parte da gente e artelharia em terra, ocupada em bater a Fortaleza. E assi tanto que ouuesse perdido a armadà, em que não auia resistencia, nenhum remedio de saluação lhes ficaua aos de terra. Mas não foi esta a

primeira nem ultima desordem, que por falta de experiençia e bom gouerno se cometeo nesta impresa: sobre o que farei aqui huma piquena digressão que sirua de advertimento e balisa; pera que outra hora, não tornemos a incalhar nestes mesmos baixos.

De maneira que partimos de Goa com dezaseis galeões potentissimos; duas naos, quatro gallés e vinte e tres fustas, contra os Olandeses, que se tinha por noua çerta serem passados a Malaca: e para effeito de lançar estes inimigos da India, se fez esta armada; e no prospero subçesso della consistia o remedio e feliçidade daquelle estado, pois se para negocio de tanta importancia saymos de Goa a 22 de abril, com que fundamento nos detiuemos em Cochim até 19 de Mayo, deixando passar baldio o tempo prospero, pera proseguir a viagem, e esperar pello contrario? pondo a manifesto perigo aquella armada, de não poder, por ser já tarde, dobrar o punto de Gâlle; e assi como por esta causa se perdeo huma nao e hum galeão, se poderão perder os mais.

Chegamos despois ao porto de Achem; quero que não fosse muito mal considerado, yr a elle primeira que a Malaca; porque se podia presumir, estar ahi inimiga armada, mas não estando, certissima cousa era, estar sobre a nossa Fortaleza de Malaca, conforme ao aviso que jà disto se tinha; Pois com que razão de guerra nos deixamos Adormeçer naquelle porto, usando de mil comprimentos com o mayor e mais cruel inimigo que nunca tiverão os Portugueses, nem hé possiuel terem jamais? Que era o que pertendiamos delle? Queriamolo pella ventura converter à Fé catholica; ou que nos ajudasse contra os zelandeses, seus amigos e confederados? Se tinhamos falta de agua (que a faz de grande desordem foy tella em tão breve jornada) não fora mais acertado matar a sede com o sangue dos inimigos, que fazer agua na

terra do Achemv Faltara-lhe pella ventura rosalgar, ou qualquer outro veneno mais eficaz para nos misturar com ella? E se tinhamos os seus embaixadores em nosso poder e mandado a terra os bateis e manchuas a fazer essa agua ou essa peçonha; como primeiro de tornarem, e os termos seguros, lhe largamos os seus Arrefens; pera o inimigo despois de os ter em saluo mandar meter à espada todos os nossos que andavão fazendo agua? E com esta aleivosia nos obrigar, a que desembarcassemos em terra, despois de lhe termos dado tempo bastante pera se poder fortificar, e podermos em lhe ganhar huma trincheira, sem algum fructo, duzentos dos melhores soldados, ficando mais de quatro çentos feridos? Não era esta na verdade a impresa pera que huma tal armada partio de Goa, nem ouvera de ser se nella fora por cabeça, homem criado com o leyte de disçiplina militar, que então ainda que tivera por çerto, tomar ao Achem pella barba tanto que desembarcasse em Terra, o não ouvera de fazer, por não arriscar a vida de hum so capitão, ou soldado seu, em quanto se não vinha às mãos com o inimigo principal. Estavão neste porto quatro Naos de Turcos com todo o recheo, acertada cousa fora lançar-lhes o arpeo, e seguir com ellas a derrota pera Malaca. E o Achem ficasse em paz por aquella vez, que tempo viria em que se lhe fizesse guerra. Ainda que todas estas desordens fossem grandes e direitamente contrarias ao fim que se pertendia, contudo não forão as que nos impossibilitarão a victória; porque sem embargo dellas, ainda atequi a ventura nola tinha guardada; se não ouvera outras de novo, especialmente huma, que não só nola tirou das mãos por aquella vez, mas nos levou as esperanças, de vir ate pera o diante algum bom subçesso. Esta foy, que levandosse nossa armada do Achem pera Malaca, man-

dou diante huma caravella que lançasse dois soldados no cabo rachado, distante sete leguas da fortaleza, pera lhe darem aviso de sua yda. O ceo piedoso, como não permitiste, que obre aquella caravella caysse hum rayo que a subvertera, pera que não posera em execução hũa desordem tão grande, e tão perjudiçial.

Que sejão os Portugueses tão valerosos, e de tanta industria e conselho na guerra, militando entre outras nações, e que em suas proprias guerras, não enxerguem inconvenientes mayores que grandes montanhas pera os saberem evitar? Sabia esta armada estar Malaca em aperto, pella terem os inimigos cercada por mar e terra; pois como lhes não passou pello pensamento aos que nella hião embarcados, que não podião escapar estes soldados de cayr nas maos dos cercadores? E quando fora muito possiuel entrarem na Fortaleza sem que fossem sentidos, que proueito de ahi se podia seguir, que se podesse comparar ao damno que resultaria de virem a poder de seus contrarios? O qual não foy menor que perderem totalmente hũa vitoria tão grande e tão segura como lhes estaua aparelhada, se com esta inconsideração, a não largarão das mãos, com darem aviso aos inimigos, pera se recolherem outra vez á armada, com trinta e seis peças de artelharia que tinhão em terra (1). E sem esperar que fossem accometidos, sayrão ao encontro á nossa com mui boa consideração militar; sabendo auer nella muitos feridos, e que o bom era accometella, antes de se poderem ajudar delles. Pelejouse

(1) Há aqui engano: o almirante Matelief não descobriu a vinda da armada portuguesa (que aliás já sabia estava em viagem) por tomar qualquer soldado em terra, mas por aviso da nau *Kleyn Son*, que tinha destacado a cruzar na altura do Cabo Rachado, precisamente para o avisar quando a armada portuguesa aparecesse.

entre huns e outros com varia Fortuna e pouca ordem, e menos ventura de nossa parte: E despois de largo contraste, e se pelejar seis ou sete dias, sempre de fora por andarem escaldados de hũa e outra parte, do primeiro dia em que somente se pelejou de bordo a bordo; se retirou o inimigo, por respeito de remediar os feridos, ao porto de Jor, aonde se refez do neçessario. Não parando ainda aqui as desordens e inconsiderações de nossa parte: por que Auendose, em boa razão de guerra, de aperçerber toda a Armada, para com ella junta e unida, tornar a perseguir o inimigo, pois estaua ainda em pé e com não pouca vantagem, por ter os Reys vizinhos em seu favor e ajuda, a dividiram em duas partes, hũa de sete galeões, pera yrem esperar o mantimento que se esperava de Bengala e India: outra de cinco, para com a mais armada de remo ficarem naquelle mar, metendo com isso (como per força) a victoria nas naos ao Inimigo. Por que aproveitandose da occasião de se aver dividido a nossa armada, sahio com nove naos e hum pataxo contra os çinco galeões, dos quaes não somente ouve a victoria por sua industria e trabalho mas ainda nós mesmos, lha favoreçemos de nossa parte, em modo que nos ficasse sendo muito mais perjudiçial e danosa; porque escapando ainda hum dos çinco galeões, e indo surgir ao porto em que tambem estava outro ancorado, avia muitos dias, com huma nao da viagem de Japão, os mesmos Portugueses, por os inimigos victoriosos se não approveitarem delles, lhes poserão a todos tres o fogo, com lastimoso e miseravel expectaculo. De maneira que nos mesmos em nossas guerras, somos os mayores e mais crueis inimigos que contra nós temos; por onde com muita razão cada hum de nós pode dizer com João de Mena

En la guerra que posseo
siendo mi ser contra si
pues yo mismo me guerreo
defende-me Dios de mi.

(Museu Britânico. *Mss. Adicionais* N.º 25419 a fl. 185 *v.*)

XIII

MERCÊS A ANDRÉ FURTADO

(*a*)

Rüy Lourenço de Tavora do conselho de estado de Sua Magestade seu Viso Rey e capitão geral da India etc. faço saber aos que este alvará virem que avendo eu respeito a André Furtado de Mendoça outrocy do conselho de estado do dito senhor hir este anno para o Reino ey por bem e me praz que se paguem a custa da fazenda de Sua aMgestade os gasalhados do capitão da nao *Nossa Senhora de Penha de França* para sua pessoa, e manda ao Thesoureiro Tristão d'Abreu da silva lhe faça o pagamento delles, e por este e certidão dos officiaes da Ribeira da avaliação dos ditos gasalhados que o Veedor da fazenda mandou fazer e conhecimento da pessoa a quem o tal pagamento fizer e assento feito no livro das merces de dinheiro mando aos contadores levem em conta ao dito Thesoureiro, o que se no dito pagamento montar. Notefico o assi aos Veedores da fazenda de Sua Magestade do estado da India, carga das naos, e contos, mais officiães e pessoas a que pertencer e lhes mando que assi o cumprão e guardem e inteiramente fação cumprir e guardar da maneira que

se neste conthem sem duvida nem embargo algum, Miguel de Saa o fez em Goa a tres de Dezembro de 1609 E eu o Secretario francisco de sousa falcão o fiz escrever

Ruy Lço de Tavora

(Documento da colecção C. R. Boxer).

(*b*)

Ruy Lourenço de Tavora, do Conselho do Estado de Sua Magestade, e seu capitão geral e Viso Rey da India etc. Mando a vós Domingos Sequeira, feitor del Rey nosso senhor nesta cidade de Goa, que pagueis a Ambrosio de Pina, capitão da nao *Nossa Senhora da Penha de França,* tres mil e quinhentos xerafins, por em tantos me concertar com elle pellos gasalhados do capitão, que El Rey meu senhor manda comprar para se acomodar nelles o governador André Furtado de Mendoça; por quanto o dito Ambrosio de Pina não quiz estar pela avaliação delles, e por este com seu conhecimento, e registo no livro e titulo da dita nao, mando aos contadores que vos levem em conta os ditos tres mil e quinhentos xerafins. Paulo Pereira o fez em Goa a 22 de Dezembro de 1609. Duarte da Cunha d'Abreu o fiz escrever. —*Ruy Lourenço de Tavora.* (Livro de Registo da Fazenda, fol. 369).

(Documento n.º 104, publicado a pág. 840 do *Archivo Portuguez Oriental.* Fascículo VI. Nova Goa, 1875).

(*c*)

Dom felipe etc faço saber aos que esta carta virem que havemdo respeito aos serviços que neste Reynos e nas partes da Indya me tem feito amdre furtado de mendoca fidalgo de minha casa e nas ditas partes me serviu nove anos de soldado e capitão e capitão mor ey por bem e me praz de lhe fazer merce da capitania de Rachol e terras de sallcete em quanto não entrar na capitania de malaqua de que lhe ora fiz merce per houtra carta pelos mesmos Respeitos na qual fortaleza de Rachou *(sic)* entrara na vaguante dos provydos antes do primeiro da fevereiro deste anno presente de b^c^lxxxbiij (1588) em que lhe della fiz merce que pera aver efeyto jraa este mesmo anno a Imdya e averaa em cada hum anno que ha servjr C̃ (100:000) reaes de ordenado e todos os prous e percalços que lhe diretamente pertemcerem o qual ordenado lhe seraa paguo nas mesmas Rendas de sallsete pello Remdymento dellas e servjraa a dita capitania de Racho *(sic)* como dito he sem embarguo de lhe fazer merce da dita Capitania de mallaqua e de huma vyajem da china de que lhe mandey passar provysão. Notificoo assy ao meu vjso Rey ou governador das partes da Imdya que ora he e ao diamte for e ao vedor de minha fazenda em ellas e lhe mando que tamto que ao dito amdre furtado de mendoça pela dita manejra couber entrar na tall capitania de Rachou lhe dem a posse della e lha deyxem ter e servjr em quanto não entrar na fortaleza de malaqua e aver o dito ordenado proees e percalços que lhe diretamente pertemcerem como dito he sem lhe a jso ser posta duvjda nem embarguo allgum porque asj e minha merce e o dito ordenado lhe sera paguo pelos oficiaees e pessoas a que pertencer arrecadação das di-

tas Rendas e elle gozara de todas as primjnencias liberdades de que gozam e podem gozar os capitaees das outras fortalezas das ditas partes e em tudo se cumpra está carta como se nella comthem e jurara na chancelaria aos santos evamgelhos que bem e verdadeiramente sirua a dita capitania guardando em tudo meu serviso e as partes seu direito de que se fara asemto nas costas desta carta que seraa Regystada na casa da jmdia dentro de quatro meses e antes que hentre na dita fortaleza de Rachou fara preyto e menagem por ella nas maaos do meu vyso Rey ou governador das ditas partes segundo uso e custume destes Reynos de que apresentara sertidão de meu secretarjo da jmdia João de lopes a fez em lixboa a xxiij dias de março Ano do nacimento de nosso senhor Jesus Christo de jbclxxxbiij (1588) e por quanto pedrallvarez pereira meu secretarjo passou ao dito amdre furtado de mendoça huma portarja desta merce que diz que pedio sendo caso que por ella se lhe pasase outra carta huma dellas soomente haveraa efeito e se cumprira inteiramente e eu diogo velho a fiz escrever

(Torre do Tombo — Chancelaria D. Filipe I
Livro 15, fls. 459 a 459 v.)

XIV

CARTAS DEL REI PARA ANDRÉ FURTADO DE MENDONÇA (1602, 1603 e 1604)

Amdre furtado de mendoça eu ElRej vos emvio muito saudar: Vi a vossa carta de cochim de 24 de Set.º do ano de 600. E por ela E pelas de Visrej Aires de Saldanha emtendj particularm.te a Vitoria que tivestes na tomada da fortaleza de Cunhale semdo capitão mor desta ympreza de que tive muito contentam.to E Vos o deveis de ser taobem, dése Restaurar o credito que tinha perdido esse estado com o máo sucesso que teve a armada de Dom luis da gama que Vos agradeço E me ey por m.to bem servido de Vos E por estes Respeitos tive [...] de Vos fazer a merçe que saberejs.

Folgei de saber o que dizeis que o arcebp.º de goa fora m.ta parte para se efeituar esta empreg.a de q̃ eu tenho emtemdido tudo que me sinificais. E de seu bom proçedim.to nas cousas de serviço de ds E meu.

Tive contentom.te de Vos nao embarcardes para este Reyno E Vos deix.ardes ficar nesse estado, omde he necess.º vossa assistençia E Vos emcomendo q̃ das materias de q̃ me daes conta em vosa carta sobre o mogor coussas do Sul provimento das fort.as façaes todas as lembr.as q̃ vos pareçerem necess.as ao Vissorej de que

comfio fara a conta que he Rezão e das pessoas sobre que me escreveys a terey para por seus serviços lhe fazer a merçe que ouver lugar quando estiver em despacho da Imdia e me forem apresentadas suas petições temdo taobem Respeito a mo Vos pedirdes, E Vos emcomendo vossa obrigação em meu serviço em que espero comprireis com ela Intr.ªm.te como temdes feito ategora e de Vos comfio E o VisoRej vos dira taobem em conformidade desta carta o que dele saberejs escrita em lix.ª a 31 de jan.ro de 1602.

(Arquivo Histórico Ultramarino — Códice n.º 282, fls. 58 e 58 v. — Ano 1601 a 3).

★

Assy he como dizeis que por cartas do conde almirante que vierão por terra fui avissado da destroição da fortalez.ª de Cunhale e de como ele fora aly tomado: mas sempre me averej por bem servido que posto que as novas E avissos da jndia se me emvião por terra, venhão taobem plas naos que dessas partes vierem, E por a destroição deste cossairo ser tão Inportante a comservação E Reputação desse estado, o tive por merce de deos m.to gramde, porque com a tomada daquela força ficara esse estado mais quieto E em paz, ajmda q̃ senpre sera necss.º aver nele armadas no mar pois elas são o meio de comçervação dele.

(A. H. U. — Códice n.º 282, fl. 74 v., cap. 4 — Ano 1602).

★

Andre furtado de m.ª Eu elRej vos ẽvio m.to saudar R.l vosa carta da bara de Cochim de 18 de maio de 601. E vi as cousas de que por ella me dais comta E

como me hieis servir por general da armada do sul comtra os olamdezes de que vos emcareguara Aires de saldanha Em que espero prosedais com o zelo e prudencia com q̃ sempre prosedestes nas coussas de meu serv.º esta particularm.te uos Emcom.do pla Importancia della E comfio que seia esta vossa ida de tanto Effeito q̃ nas naos q̃ se esperão me escrevaes q̃ tivestes nesta Impreza tão boms suçessos como tivestes em todas as mais de que fostes emcarregado e de uosos serv.os E comtinuação deles terey lembr.ª para nos fazer a m.e que a calidade E modo em que o fazeis mereçe E no q̃ toca a Irem naos deste reino Em direiturra a fortz.ª de malaca sobre q̃ taobem me escreveo o arrsebispo de goa por ser matr.ª de comsideração a fico vemdo p.ra nella tomar a Resulucão q̃ mais comvier a meu serv.º:

E asi me dizeis que os capitais E m.res de malaca estarem emteresados em seus particulares Imtereses uos parecia q̃ compria a meu serv.º mandar q̃ ñhũ capitão nem out.ra algua pesoa daqla fortz.ª vemdesce suas Roupas E out.ras fazemdas aos yaos a troco de Reales como de algus anos a esta parte custumavão senão a troco de droguas que elles devião de trazer a mesma fort.ª como dantes fazião lembramca do zelo q̃ tendes a meu serv.º q̃ uos agracesso *(Sic)* m.to sobre o q̃ tenho mandado passar provissão em comformidade do q̃ me apontais q̃ mando ao VRej Aires de Saldanha a faca dar a Execussão E vos emcom.do o comprim.to della depois q̃ emtrardres naqla fortz.ª de que sois provido. tambem me dais comta q̃ se podia a Recear dos olamdezes por terem ja visto a gramdeza do dachem E a façelidade cõ q̃ se pode senhorear aquella jlha e de della todo o sul Emtemtaremse fazerem-se snõrs dela E que deseiaveis vernos com o dachem E comservalo na amisade do estado q̃ taobem vos agradeco E tenho Em serv.º E vos em-

com.do m.to emcaresidam.te que trabalheis por todas as vias posiveis de o presuadir que me largue a fortz.a que tem na barra do dachem q̃ elle comsede Em outras parttes q̃ não comvẽ E offereçemdovos o tempo ocasião de a poderrdes aver a mão o façaes amtes q̃ os olandezes o fação E asi não se offereçe mais q̃ Emcomendarvos uosa obriguacão Em meu serv.o Em que comfio prosedereis tão bem como atequi o temdes feito E eu de vos Espero Escritta Em Lx.a a 20 de fev.ro de 1603.

(A. H. U. — Códice n.º 282, fls. 171 e 171 v.).

Andre furtado de mendoça. Eu elRey vos enuio mujto saudar. Pelas naos que chegarão a este Rejno, o ano passado, não Receby carta vosa do que deuia ser causa vossa ocupação na arrmada, com que fostes as partes do Sul E da boa vontade com que vos despusestes a me jr seruir nela: e do qe ategora tiue notiçia. que com ela tinheis feito, assy em maluco. como em outras partes me hei p. bem seruido de vos. E confio pela experiemcia que tenho de vosa pessoa. nas materias de meu seruiço que estas vos seião sempre tão presentes como a mim mo Hé. a neçessidade que elas tem de vosso valor; E pesoa nessas partes E que assy as amteporeis a todas as que se ofereçerem particulares de jmteresse de vosa pessoa ficamdo çerto que continuando nas de meu seruiço como fazeis, vos farej eu as Homrras E merçes conforme a boa vontade que por vosos seruiços E merecim.tos vos tenho E porque pla esperiençia que temdes das materias dese estado alj tocantes ao bom govêrno E administração da justiça como a conseruação dele e especialm.te do que conuem para ele se asegurar dos Cossairos que o jmqietão estes anos, avermehey por bem seruido de vos em me escreuerdes sempre sobre todas estas materias. Escrita em Valhedolid a 23 de março de 1604 —

(A. H. U. — Cód. n.º 282, fls. 223 v. e 224).

XV

CARTAS DEL REI PARA AIRES DE SALDANHA, VICE-REI DA ÍNDIA (1602-1603)

Aires de Saldanha visorej amigo Eu elRej vos emvio muito saudar em outra carta minha que vaj nestas vias vos escreuo sobre a mercê que ouue por bem de fazer a andre furtado de mendoça. E porq̃ue ele me mandou pedir lha fizesse de mandar despachar a vimte e qatro criados seus E pessoas de sua obrigaçã q̃ com ele se acharão na empreza do Cunhale e a mim me pareçe isto justo vos emcomendo que despacheis as ditas 24 pesoas que vos ele nomear com os oficios dessas partes que eles mereçerem conforme a seus seruiços constando porem q̃ se acharão com ele na dita empreza E serão os ditos cargos dos que menos providos estiuerem para que emtrem neles mais breuem^te E dos que lhe derdes emuiarão a Reqerer comfirmação minha escrita em Valhedolid a 18 de março De 1602.

(A. H. U.—Códice n.º 282, fl. 133 v.).

(Ver n.º XX).

★

... ...

naquellas partes. e q̃ cõ a que leuaua Andre furtado se ficaua acudindo aquella neçesydade e q̃ ẽ Amboyno estaua por capitáo esteuão Teix.ra q̃ na ocassião do çitio q̃ lhe puserão os olandeses e naturaes da terra mostrara homrra e vallor e que mereçia q̃ lhe mandasse eu fazer merçe e agradecerlhe Per carta minha seu bom procedimento no dito serquo como o faço nestas vias e tanto q̃ elle sayr da dita fortz.a e tiuer dado sua Ressidençia tratareis de seu despacho comforme a voso Regimento e me avissareis da merçe q̃ lhe fizerdes pera lha comfirmar e com Isso poder escussar vir a este Rn.o pois sua asystencia nestas partes he util a meu seruiço.

(A. H. U. — Códice n.º 282, fl. 140 v.).

★

... ...

folgei de não comcederdes licença a Andre furtado de mendoça para se vir para este Rejno Reqerer satisfação de seus seruiços posto que me escreveis que vos fizera sobre ysso mujtas ynstançias pelo muito que jnporta sua assistencia nesse estado e porque assy por seus seruiços passados como pelos que fez na destroição de Cunhale. He Rezão que lhe faça merçe que por todos mereçe. E em outra Carta minha que yra nestas vias vos avisarej da merçe que ouuer por bem de lhe fazer, E Vos emcomendo que de seus conselhos E lenbranças facaes mujta conta. E a tenhaes tambem de sua pessoa como he Rezão escrita en lxa a 7 de feur.o d 1602.

(A. H. U. — Códice n.º 282, fl. 83, cap. 24).

★

Tive contentam.to da tomada da fortz.a de Cunhale, por se restaurar com isso o Credito q̃ tinha perdido esse est.do em q̃ sou informado que Andre furtado comprio ynteiramente com sua obriguação (e alem de lho significar por minha carta que vay nestas Vias) me pareseo deveruos emcomendar, de minha p.te lho agradesaes e assy aos fidalgos e soldados, de nome q̃ se acharão nesta empreza, e q̃ terey lembr.a de lhes fazer e m.e q̃ ouver lugar.

(A. H. U. — Códice n.º 282, fl. 68, cap. 9 — Ano 1602).

★

VRej Ett. temdo Resp.to aos seru.os de andre furtado de mendoça fidalgo de minha cassa E aos que particularm.te fez na tomada E fortz.a de Cunhale Ei por bem de lhe fazer merce da Cap.a da fortz.a de Sofala ou de ormuz ql dellas escolher por tempo de tres anos na vagamte dos prouidos antes do prim.ro de Janr.o deste ano prez.te a ql merce lhe faço alem da fortz.a de malaca E viagẽ da china com que esta despachado Emcomendouos q̃ lhe declareis logo esta merçe q̃ lhe faço E aseitamdoa lhe mandeis passar certidão vossa Em q̃ se tresladara este cap.o q̃ mandara a este Rn.o p.ra se lhe pasar patente Em forma de hũa destas fortz.as q̃ acceittar.

(A. H. U. — Códice n.º 101, fl. 83, cap. 1).

★

1 — Visso Rey Amigo Eu elRey vos imuio muito saudar nas vias do Anno pasado me daes conta que chegando a esse estado e vendo quão haRiscadas estauão as

partes do sul com ho grande comercio de naos olandezas que herão la pasadas, ordenareis pondo a parte todas as deficuldades q̃ se vos offerecção hũa armada poderossa de seis galliões hũa gallé e *18* gallyotas com *1200* portugueses os maes deles experimentados afora dous mil de seruiço de q̃ hia por general Andre furtado de mendonça pla muita experiencia q̃ tinha da guerra e bõns subçesos q̃ lhe deos tinha dado nas emprezas de q̃ fora emcarregado e q̃ esta armada partira de goa em Abril de *601* Indo provida de mantimentos por oito meses e q̃ dereis Regim.to ha Andre furtado do modo em q̃ se avia daver naquellas partes cuya copia me emuiastes com os nomes dos capitaes desta armada a q̃ tanbem dereis Regimento pera em casso q̃ haRibasem fosem a ceillão e ficasem a obbediençia de dom Jr.mo dazeuedo capitão gneral daquella comquista e q̃ Indo ha armada na altura do cabo de comorim lhe dera hum temporal com q̃ aRibarão todos os nauios de Remo a çeillão Manar e a cochim e q̃ hum se perdera nos baixos de chilláo e q̃ hos gallioẽs sofrerão milhor a vella e o tpõ e hum dos nauios de Remo q̃ hos acompanhaua e q̃ tinheis mandado q̃ duas gallyotas q̃ forão ter A manar partisem pera Malaca no primeyro de setr.º daquelle Anno como fezerão e q̃ de çeillão partirão outras duas q̃ ally forão ter e q̃ de goa despedireis dous nauios de Remo com Recado ha Andre furtado de como sinquo naos olandezas pasarão pellas Ilhas de maldiua em *20* de Julho do mesmo Anno e forão tomar a ponta de galle em *10* dagosto dele e q̃ dally se fezerão a vella na volta do mar e q̃ não podião escapar ha Andre furtado e q̃ tambem escreuereis a garçia de mello capitão de cochim despedisse pera malaca os dous nauios q̃ ally forão ter q̃ pellos não mandar e terdes entendido q̃ fazia maes off.º de mercador q̃ de capitão ho despuzereis do cargo

e prouereis nelle cosme de lafecta de q̃ me ouue por muy.to bem seruido de vos e volo agradeço e emcomendo muyto q̃ de todos os subcesos q̃ Andre furtado tiuer nesta Jornada / q̃ permetera noso sõr / q̃ sejão todos os q̃ se desejão me auiseis muyto particullarmente e das *culpas q̃ se acharão a garçia de mello* de quem tinheis mandado deuassar e da caussa q̃ tiuestes pera não fazerdes em pessoa esta Jornada contra os olandeses como volo tinha mandado.

2 — tanbem me daes conta de alguas naos olandezas q̃ Jnuernarão nas Ilhas de maldiua e chegarão a Sunda em quatro de setr.º de *600* e se ajuntarão com sete q̃ ajnda la estauão e q̃ a banda forão ter quatro e a ternate duas q̃ partirão todas em dez.ro daquelle Anno carregadas e q̃ trez destas se comfederarão com os Jãos e Amboinos e chegarão a fortalleza de Amboino com m.tas naos Juncos e gente e q̃ de malaca fora de socorro per ordem de guterre de monRoy hum gallyão e duas gallyotas tendosse asentado em comselho q̃ fosse elle em pessoa com Martim Afonso de mello mas q̃ ouuera q̃ satisfazia com sua obrigação com mandar estas embarcaçoes e se viera pera ha Jndia pello q̃ o mandareis prender e q̃ se liurase da culpa q̃ tiuera em não jr em pessoa socorrer a fortz.a de Amboino como se tinha asentado e q̃ como a Just.a pemdia de test.as que se dauão elle as dera de man.ra q̃ na Rellação de goa ho derão por solto e liure, e q̃ os olandeses por todas haquellas partes Deixauão feitores com dr.º sedas e velludos com que Resgatauão com os naturaes e com algũs cristaos de malaca q̃ lhe vemderão as drogas e maes fazendas q̃ tinhão feitas pera trazerem aquella fortz.a sobre o q̃ mandareis passar hũa prouissão pera q̃ nenhũa pasasse aquellas p.tes e dereis ordem como ho ouuydor geral q̃

hia com Amdre furtado deuasasse dos culpados, (de q̃ tanbem me ouue por muito bem seruido de vos) e vos emcomendo me avisseis se se tirou esta deuassa e se se proçedeo contra os culpados nella e não estando nisso feito a demõstração que conuem ha mandeis loguo fazer de maneyra q̃ fiquem castigados os culpados e se de exemplo a outros pera não cayrem nesta culpa tanto contra meu seruiço e de sua obrigação nelle —

... ...

4 — tanbem me dizeis q̃ dereis poder ha Andre furtado pera do Rendim.to dalfandega de Malaca poder prouer aquella Armada Reseruando as ordinarias da fortz.a e q̃ em neçesydade orgente se pudese valer do crauo de maluqo e q̃ sobretudo ho avieis de jr prouendo comforme as necesydades do estado desem lugar e q̃ mandareis fazer orçamento do q̃ podia gastar cada Anno com *7* galliões e *10* nauiosde Remo e se achara q̃ herão neçessarios *80* mil pardaos pagandosse soomente dous coarteis aos soldados. de q̃ tambem me ey por bem seruido de vos e vos emcomendo muyto emcarecidamente o provimento desta armada pois della consyste a segurança e quyetação de malaca e das mays partes do sul —

5 — e asy me dizeis que as coussas do sul ficauão prouydas bastantemente e q̃ desejaueis poder mandar naquellas naos nouas dos bons subçessos q̃ tivese Andre furtado e q̃ não podendo vir nellas mas mandarieis por terra e q̃ lhe dereis ordem pera prouer mallaca de poluora e munições e asy a fortz.a de Amboino e tidore e q̃ tinheis mandado fazer execussão nos capitães q̃ tirarão A artilheria da fortz.a de mallaca e q̃ deua de mandar agradecer por mynhas cartas aos capitães da armada de Andre furtado o seruiço q̃ me fazião e a çidade

de malaca q̃ ha ajudasse em suas neçesydades a q̃ mando escreuer as cartas q̃ vão nestas vias emcomendouos q̃ lhe deis ordem como se lhe entreguem e trabalheis por tirar ha artilherya q̃ se tiuer tirado das fortz.as dese estado dando ha verdadr.a execussão a prouisão q̃ mandey pasar no Ano de *89* sobre ha artilherya q̃ se tiraua das fortallezas e me aviseis particularm.te do q̃ em tudo isto estiuer feito e se fizer.

... ...
... ...
... ...
... ...
... ...
... ...
... ...
... ...

13 — tambem me dizeis q̃ todo o cabedal q̃ vos mandasse deste Rn.o pera ha armada do Sul, o poneis na comquista de çeillão pera de todo se poder conseguir e lhe mandareis hũa nao com trigo e biscouto he muitas munições e q̃ descorrendo a Ilha fora ter ha bemgalla e q̃ por aquella comquista estar en grande falta permitira Deos q̃ dera a costa naquella Ilha hũa nao de cochim em q̃ hião dez mil cruzados q̃ dom Jeronimo tomara, pera seu prouimento e q̃ dos nauios de Remo da Armada de Andre furtado q̃ haRibarão a manar hera hum do capitão Luis Dantas Lobo q̃ se ofereçera leuar a sua gente por terra; a ceyillão e *12* mil cruzados q̃ Luis barbalho pvedor da fazenda na pescarya mandaua pera prouimento daquella conquista com q̃ se animarão todos os soldados della e por q̃ e por este seruiço de Luis Dantas ser notauel mereçia lhe fizesem merçe da fortz.a de mombaça ou de mascate e tendo Respeito ao q̃ me delle

dizeis e a seus seruiços ey por bem de lhe fazer merçe da dita fortz.ª de mascate por tpo de tres Annos na vagante dos providos antes de doze de outubro do Anno pasado de *1602* de q̃ lhe mandareis pasar çertidão pera a mandar a este Rn.º pla ql se lhe pasara patente da dita capitanya de Mascate —

14 — e asy me daes conta q̃ en todos os navios q̃ forão ter aquelas Ilhas de Manar e çeillão darmada de Andre furtado se acharão *250* homens com os quaes ficara Dom Jr^mo^ Dazeuedo tão satisfeito como q̃ forão dous mil por serem soldados velhos e q̃ com eles Reformara o seu campo em q̃ averya melhorya de *800* homens Portugeses e tres mil Lascaris afora *8* mil com q̃ dom fernando mudellyar andaua na ponta de galle sometendo aquella gente a mynha obediençia e q̃ dom Jr^mo^ fora marchando pera candia e q̃ em fim de setr.º daquelle Anno ficaua com hũa fortz.ª feita em Banane a vista De candea; vendosse a obediençia muyta gente por leuar tudo a ferro e a fogo e q̃ andaua com elle por capitão do campo saluador p.^ra^ da Silva q̃ naquella comquista me tinha seruido bem a q̃ os negros temyão muyto q̃ hera fidalgo de muytas esperanças e q̃ Dom Jr^mo^ mandara Recado a dom fernando fosse cometendo candea pello Rn.º de Vua (?) pera se tomar ho aleuantado dom João em meo e ho obrigarem a se entregar ou fugir q̃ seria o mais çerto q̃ folguey de saber e q̃ se hia comcluindo aquella comquista e tendo Respeito aos seruiços do dito Saluador p.^ra^ e a Informação q̃ delle me daes, ey por bem de lhe fazer merçe do abbito da ordem de noso sõr Jesu cristo com *30* mil rs de temça de q̃ lhe mandareis pasar as provissões neçessarias pera poder Reçeber o dito abbito fazendosse p.^ro^ as delligençias

ordenadas comforme as definições da ordem em q̃ Ira tresladado o particular deste capit.º q̃ trata dele —

... ...

... ...

... ...

Lix.ª a 15 de fev.^ro^ de 1603 —

(A. H. U. — Códice n.º 282, fls. 118 a 124).

...E uendo o q̃ me Escreuestes sobre o bom acolhim.^to^ q̃ ElRej de polimbão fez a Andre furtado de mc.ª E o socorro q̃ me dizeis q̃ lhe deu de gente e embarcações pareçeome q̃ lho deuia agradeser per minha carta E da mesma man.^ra^ a ElRej de tidore o q̃ me Escreueo q̃ fazia depois q̃ sucedeo naquelle Rejno, conçedendo q̃ a fortz.ª q̃ nelle tenho se alargue, e fortifique como Eu ouuer por meu seruiço, e com esta se uão as copias das ditas cartas para conforme a ellas, Escreuerdes a estes Reis inuiandolhe juntam.^te^ as minhas. E asegurando a ElRej de tidore q̃ sempre folgarei de deferir a seus Requerim.^tos^ e terej lembrança de o fazer breuem.^te^ ao sobre q̃ me tem Escrito por não dar o tpo lugar a se fazer com estas naos e no q̃ toca a de largar mais, e fortificar aquella fortz.ª (o q̃ Entendo tera feito Andre furtado no tpo q̃ esteue naquellas p.^tes^) encomendouos q̃ estando jnda no estado dantes deis ordem para se fazer como mais conuier conforme a neçesidade q̃ ella tem disso, com a contynuação dos Rebeldes nas ditas partes Escrita em Valhedolid a *23* de março de *1604*.

(A. H. U. — Cód. n.º 282, fl. 209).

✱

Viso Rey amigo vi o q̃ me Escreuestes sobre as naos q̃ Esperaueis q̃ deste Reino partisem em direjtura a malaca cõ gente para se prouer della a armada de Andre furtado q̃ anda naquellas partes, e porq̃ os contratadores não comprirão o q̃ com elles se tinha contratado para este Efeito o não teue a ida das ditas naos, mas de presente se ficão fazendo tres na Ribr^a de Lx^a, e sem nhũa falta partirão duas dellas Em nou.^ro *e tenho* ordenado q̃ se fação cadano tres para jrem duas dellas Em direitura a malaca. E pella confiança q̃ de uos tenho espero q̃ avereis prouido a Andre furtado como me Escreueis q̃ detriminaueis fazer em Jan^ro do ano passado, e q̃ com iso, e o prouem^to q̃ fellipe de Britto vos prometeo de lho mandar não aueria faltas naquella armada, e poderia Andre furtado fazer com ella tão Bons efeitos como Eu de seu animo E esforço confio, E tereis lembrança de mandar prouer as ditas duas naos de carga de pim^ta Em malaca, escrita em Valhadolid a *23* de mc^o de *1604*.

(A. H. U. — Cód. n.º 282, fl. 211).

XVI

CARTA DE EL-REI D. FILIPE II PARA EL-REI DE POLIMBÃO [PALEMBANE]

Muito nobre Rey de polimbão eu dom felipe ett.^o vos emvio m^to saudar o meu Visso Rey desse estado me avissou do gazalhado cõ que uos fora Recebido andre furtado de mc^a que elle avia mandado a essas p^tes por capittão mor de hũa armada E do cocorro de gentte e embarcacois q̃ lhe destes E desejo q̃ mostrastes de q̃ entre vos E esse meu estado aja toda a amizade E boa comRespomdencia E uendo eu tudo isto q̃ de vossa partte temdes feito me pareçeo q̃ vollo deuia agradeser por esta minha carta lembramdouos Juntamente cõ ella q̃ nas ocasiois q̃ se vos offereçerem folgarej semp^re de uos com prazer E ao meu Visso Rey mando q̃ nesta comformidade esteia promto para o q̃ vos comprir desse estado muito nobre Rey de polimbão nosso s^or vos alumeie Em sua graca E cõ ella aja vossa pessoa Em sua goarda Escrita Em Lx.^a a *23* de marco de *604*.

(A. H. U. — Códice n.º 282, fls. 233 v., e 234).

XVII

CARTA DEL-REI AO GOVERNADOR DA ÍNDIA, FERNÃO DE ALBUQUERQUE

fernão dalbuquerque eu ElRej nos einvio m^to^ saudar Recebi vossa carta de malaca de seis de feur.^o^ de *601* E ui as cousas de que por ella me dais conta q̃ são comforme a uosa obrigação E a cõfianca que de uos tenho e uos emcom.^do^ ma deis semp^re^ de todas as q̃ emtemderdes. q̃ deuo ter Emformacão de q̃ tambem fareis as Lembramcas necessr^as^ ao VRej q̃ de nossa pemdemcia E experiemcia dessas p^tes^ deue fazer a comta q̃ he Rezão.

De os olamdezes comtinuarem nessas p^tes^ do Sul cõ tamta frequemtacão E em diferemtes tempos vi o comercio q̃ tem nellas cõ tanto cresim^to^ como me seneficaes tenho desprazer espero q̃ andre furtado q̃ he jdo a ellas por general de hũa armada lhe tenha dado o castiguo que meresse seu atrevim^to^ E asi não se offerece mais q̃ emcomendaruos uossa obrigação na goarda E defemcão dessa fortz^a^ de malaca em q̃ comfio prosedereis tão Jmtr^a^ m^te^ como de uos comfio escrita ẽ lix^a^ a *15* de feur.^o^ de *1603* (?).

(A. H. U. — Cód. n.º 282, fls. 173 v. e 174).

XVIII

MERCÊ A ANDRÉ FURTADO PARA PODER DISPOR DA COMENDA DE BORBA, DA ORDEM DE CRISTO

Ev El Rej como g^or^ ett^a^ faço saber q̃ auendo Respeito aos seruiços que frej Andre furtado de mc^a^ do meu cons^o^ do estado caualr^o^ professo da dita ordẽ me tem feito te agora e está fazendo nas partes da jndia e á calidade e importancia delles, e ao bom procedim.^to^ que sempre nelles teue e m.^ta^ despesa de sua fazenda com que os fez hej por bem de lhe fazer mc.^e^ que fallecendo sem ter f.^o^ legitt.^o^ que lhe aja de suçeder na Com.^da^ de Borba da dita ordem, de que he puido, possa ficar a d.^a^ com.^da^ para seu casam.^to^ de hũa sua f.^a^ legitt.^a^ quoal elle nomear ou a João furtado de mendoça seu jrmão, ou que possa deixar a d.^a^ Comenda a hum seu sobrinho filho legitimo do dito seu jrmão, a quoal mc.^e^ lhe faço allem das mais que pellos ditos resp.^tos^ lhe fiz: E para cada quoal destas subcessões auer effecto se auerá dispensação de sua s.^de^ cõ a quoal lhe mandarej intr.^a^ m.^te^ comprir este alu.^a^ que para sua guoarda e minha lemb.^a^ lhe mandej dar, o quoal quero q̃ valha como carta sem embargo de quoalqr puizão ou Regim.^to^ em contr.^o^ sendo passado pla chria/luiz penedo o fez

em lx.ª a doze de junho de mil seis centos e dez / Jorge Cº dandrade o fis escreuer//.

(À margem)

Em comprimento deste Alu.ª se pasou a carta de Comenda Referida nelle a fr. frc.º furtado de mendonça a onze de Janeiro de 1631.

P.ra

(Torre do Tombo — Chancelaria da Ordem de Avis — Livro 10, fl. 313 v.).

XIX

A *Fala que fez* Diogo do Couto..., a que aludimos a págs. 79, é um cimélio de extrema raridade, de que só conhecemos o exemplar que se conserva na Biblioteca da Ajuda, e para o qual chamámos a atenção do então seu director, Dr. Frederico Gavazzo Perry Vidal, que o reeditou na revista *O Mundo Português*, precedido de descrição bibliográfica.

Segue a reprodução *fac similada*.

FALA,
QVE FEZ DIOGO DO COVTO GVARDA MOR DA TORRE DO Tombo da India, em nome da Camara de Goa, a Andre Furtado de Mendoça, entrando por Gouernador da India, em successaõ do Conde da Feyra Dom Ioão Pereyra.

EM LISBOA.
Com licença da S. Inquisição, & Ordinario: Por Vicente Alvarez.
Anno de 1619.

ESTA He a hora da mòr confusaõ em que me nunca vi, porque sendo elleito por esta famosa, & leal Cidade para este aupto de tanta alegria, & cõtentamẽto, como era rezão mostrasse, assi nas palauras, como no coração, quem ouuesse de dar a Vossa Senhoria Illustrissima os perabẽs desta tam ditosa successaõ, que seja pera seruiço de Deos, & bem deste miserauel & affligido estado, vejo que me he necessario ser outro do que cuidarão, & que em lugar desse aluoroço, que em todos com tanta rezão vejo, eu sò ey de mostrar lagrimas de dòr, & tristeza, porque se me representou neste instãte, quão poucos annos ha que neste lugar exercitey outro aupto semelhante na entrada, & rescebimento de hum VisoRey de tanto brio, & valor, & que nossos peccados consumirão com toda a potencia deste estado com tanta insolencia dos mòres immigos que oje ha de nossa Sancta Fê Catholica, pera assi virem a cuidar que elles saõ os que merecem tantos bõs successos por suas torpezas, & falsidades, & que aquillo que nòs nelles vituperamos, achou Deos em nos pera nòs castigar.

POis logo Capitão valeroso, Gouernador tão desejado, que vos direy, mostre embora esta Cidade esses aluoroços, nesses arcos, nessas danças, nessas saluas, mostrenos esses cortesaõs em seus trajos, & louçaynhas, que eu sò imitarey aqui Marco Antonio, quando querendo no Senado persuadir aos Romãos a vingança da morte do seu Emperador Iulio Cesar, leuantou Mario seu manto trespassado de vinte & tres punhaladas, & tinto em seu fresco sangue, pera com isso os mouer mais: assi eu renouarey aqui a lembrança do mais piadoso expectaculo que a India vio, que nũca se auia de perder da memoria de todos, até não tomar hũa muito grande satisfação, de hũa armada tão potente, tantas Nàos, tantos Galleões, tantas Gallès, & Galleotas, a mòr parte consumidas, & abrasadas em viuas chamas, tantos Fidalgos, tantos Capitães, & mais de tres mil Soldados consumidos, assi nellas, como espedaçados de furiosas bombardadas, sobre tudo hum VisoRey qual todos conhecemos, & a que nossos peccados tantas vezes arrancarão das mãos hũa tão gloriosa victoria, tambem consumido, & acabado em tão breues dias de enfermidades, & desgostos, com tanta dòr, & desconsolação deste Estado, pera vos mouer o peito que sempre tiuestes prompto pera estas cousas, a tomardes hũ muito grande satisfação de todas, trabalhando muito pera aplacar o furor, & ira diuina com desterrar deste Estado as abominações, & peccados, que ha tantos annos lhe trazem aguda espada desembaynhada, que não sò nos tem cortado nas vidas, & fazendas, mais inda na honra, na fama, & no credito do nome Portugues tam famoso ja no mundo, fazendonos tão outros daquelles que ja fomos, que ja não sey se nòs mesmos damos ouzadia a estes fracos rebeldes, pera se nos mostrarem mais potentes contra nós, pera nos impedirem a nossa nauegação, & senhorearse de nosso comercio, & pera nos entrarem, & cercarem nossas fortalezas, pondo fogo às nossas nàos, incendios às nossas Pouoações, derribando os Templos, & profanãdo as Ymagẽs de nossos Sanctos, vituperando nossa Religião, & pera com tanta soberba, & arrogancia todos os annos nos virem afrontar sobre a barra desta Cidade sem auer cõ que lhe poder resistir, sendo sempre tam prospero este Estado, que nunca passarão à India poderosas armadas de Turcos, que os nossos não sò as desbaratassem, mas inda lhe entrassem pello Estreito de Meca, dentro atè a temida fortaleza de Suez onde nunca Gregos, nem Romãos chegarão com mão armada, deixandolhe suas Cidades abrasadas, suas Villas destruydas, & seus Portos assolados, com tanto estrondo, que tẽ dẽtro em Constantinopla meterão terror.

¶ Pois donde vinha aquella potencia donde tantas armadas grossas a socorros de Dio, & Ormús, & Malaca, & donde todos os annos tantos Galleões, & Fustas a tomar as portas desse Mar Roxo, assi a defender a romagem da casa de Mafamede, como o trato das especiarias de que os nossos Reys sempre foram tam ciosos, & donde vinha aquelles antiguos VisoReys, & Gouernadores andarem todos os Verães por esse mar embarcados em potentes

tentes armadas com as espadas arrancadas sobre os pescoços de seus immigos, pera nam ousarem a bulir consigo, donde vinha as armadas do Norte, & Malauar sem recearem as inclemencias do furioso inuerno sayrem por essa barra fora muitas vezes em Agosto, como V.S. fez, & tornaremse a recolher no cabo do verão carregadas dos despojos, & de armadas immigas de que eu vi muytas vezes estes estaleyros cheos, dõde vinha tãtas mesas, & pagas gèrais a todos os soldados por essas fortalezas, dõde todos os almazẽs tã prouidos de todas as cousas em abastãça, & dõde essas trecenas, é toda essa Ribeira chea de madeira pera todas as armadas, & dõde queimarése neste estaleyro catorze Galleões por hũ desastre, & dahi a anno & meo achar o valeroso Dom Constantino de Bargança outros tantos nouos tam prestes, & prouidos sem oppressões dos vassallos, que nam fez mais que embarcarse nelles, & ir tomar a Cidade de Damão, & donde vinha de continno nessa Ribeyra das armadas cytocentos Portugueses homens do mar, Bombardeyros, Mestres, Pilotos, & outros sempre pagos & contentes, & donde as liberalidades daquelles antiguos Visoreys, & Gouernadores, q̃ de cõtino andauaõ espreytãdo as necessidades dos fidalgos soldados pobres pera lhas remediaré, & donde vinha todas estas cousas senam da Christandade, da Verdade, da Iustiça, da Pureza, & pouca cobiça daquelles antiguos Visoreys, & Capitães, que nam traziam o intento em mais que no seruiço do seu Deos, & do seu Rey, & no desejo de sua Gloria, & Fama, que estes eram os thezouros que bulcauam.

¶ Ora com isto cesso, com isto faço fim a meu pranto, quero me tambem alegrar com todos, porque espero senhor, que vòs nos aueis de restituir âquella potencia passada: por isso vòs Capitães famosos, vòs Cidadães valerosos, vòs Soldados belicosos, vòs Pouo, & vòs todos os que me ouuis, alegrayvos, que aqui temos hum Gouernador, qual todos desejamos, o mais temido, & venturoso de nossos dias, hum Capitam que de moço aprendeo desda primeira Cartilha, & foy sempre sobindo por todos os degraos da milicia até subiar, & se fazer tam famoso, que nam sey Scipiões, Fabios, Decios, Minucios, & Lentulos, que lhe auentajassem em nada. Se vòs senhor nacesseis entre os Romãos, q̃ estatuas vos nam auiam ja de ter postas pellos templos, a quem se deuia melhor que a vòs as coroas Siuicas, que se dauão a quẽ liurara Cidades. A quem com mais rezão, as coroas Nauays, que se dauão a quem desbarataua armadas de enemigos, como vos a qual destes vos. Que coroa Mural se deu nunca a nenhum Romão, por ser o primeyro em subir os muros imigos, que a merecesse tambẽ como vós. A qual delles se deu nunca coroa Castrance, por derribar, & razar repayros, trincheyras, fortes, & bistiões? q̃ vòs a não mereçais melhor: Que todos somos testemunhas de vossas proezas. Ninguem ygnora aquelle brio & valor, com que em moço começastes seruir a vosso Rey por esses Catures, em que sempre vos auentejastes de muytos. Quem deyxa de saber as grãdes victorias que por discurso de todo hũ inuerno alcançastes dos Chatis de Barcelor, que se aleuantarão cõtra a nossa fortaleza. A quem lhe esquece a famosa victoria que ouuestes das naos de Mẽca do Samori casi nas suas barbas, & na mòr força do inuerno, q̃ mór perigo passastes em vencer as tempestades, que não aos imigos. Quẽ não sabe a grande prudencia, & industria com que apaziguastes o aleuantamẽto de toda a fortaleza de Columbo cõtra o seu Capitão, & certo, que podeys afirmar que ganhastes de nouo aquela Cidade, pello perigo em que estaua. Quantos estão aqui que vos acompanharão naquella memoraueel victoria, que alcançastes da poderosa armada de Cotomusa, que estaua tão soberba cõ a tomada da nao da China, que auia q̃ tinha nas mãos as fortalezas de Manàr, & Columbo: contra as quais hia conjurado com o tirano Rayu. Quem não vio o grande estrago que fizestes naquelle Reyno de Iafanapatão: onde eu vi perdido hũ Visorrey, cõ todo o poder da India, em cuja Cidade principal vos senhor entrastes depois de lhe ganhar todos os fortes, tranqueyras, cometendo o Rey tyrano que estaua fortificado dentro em seus paços, os quais entrastes matando a elle, & ao Principe seu genro, & todos os seus Capitães, ficando vos senhor de toda a Cidade, artilharia, & Alifantes, da qual logo metestes de posse o verdadeiro Principe

elpe herdeiro que andaua desterrado, pois que direy daquella admirauel, & famosa victoria, que alcançastes do tyrano Cunhale, cuja potencia tinha assombrado este Estado, ganhando lhe vòs senhor tantos Fortes, tantas tranqueyras, tantos baluartes, & tantas outras machinas, que se faziam impossiueis aos homens atè se vos entregar, & virdes triumphando delle atè esta Cidade, no qual negocio mostrastes mais esforço, & conselho em vencerdes os inconuenientes, que cada hora se offereciam de parte dos immigos, que nam na victoria que ganhastes contra os immigos, pois que direy das cousas que fizestes, em quanto andastes pello Arcipelago de Malluco, & Amboyno, notorias sam a todos. O tempo nam dà lugar a tanto, basta, que em vos senhor se vem atè oje os sinaes daquella perigosa viagem, ora concluo com a cousa em que mostrastes mór valor, que em todas, com a qual nos segurastes todo este Estado, do que foy a grandissima prudencia, & grande esforço com que sustentastes aquelle tam admirauel cerco, que os Rebeldes vos puseram sobre a Fortaleza de Malaca, com tantas, & tam grandes victorias, que claro se via fauorecervos Deos nosso Senhor em todas vossas cousas. Ja nam temos que recear estes Rebeldes, por quem a India vos lhe fostes durissimo flagello, vosso nome soo os assombra, & mais temido lhe he aos ouuidos, que o grande estrondo de todas as bombardadas do Mundo, por isso senhor segui contra elles vosso animo valeroso, & olhay que a Fortuna vos chama a grandes cousas, para vós se guardam ainda as grandes victorias.

Aqui tendes estes animosos soldados, todos vos seguiràm, & vos ajudaram a leuar as Bandeyras da Milicia de nosso Senhor IESV CHRISTO tam victoriosas sempre neste Oriente, à parte onde vosso pensamento mais desejar, porque em vosso tempo se nam ham de satisfazer, senam daquellas cousas que parecessem mais impossiueis, nem eu de escreuer os valerosos

leros os feitos que aüeis senhor de obrar neste gouerno com estilo tão pobre, & humilde, como tenho feito aos mais, senão com outro mais sublime; & aleuantado; porque o gosto de ver o que hà tanto desejo; me hà de ascender o espiritu, & aleuantar o animo. Pera tudo por isso valeroso Capitão, Gouernador tão desejado, entray em ora ditosa, & bemauenturada nesta Cidade, onde todos vos recebem com os coraçôes cheos de amor, & lealdade, que atè este bem nos trouxerão Senhor Furtado ha tantos annos os peccados da India. Ora entray ja, que não pode deixar de ser em ora muito ditosa: pois Deos nosso Senhor ordenou que vossa successaõ fosse em hum dia tão asinalado como o de sua Gloriosa Ascenção, & que vossa entrada nesta Cidade tambem fosse em hum dia tão solemnissimo como este do Espiritu Sancto, pello que podeis esperar que elle seja vosso Parácleto, & vos fauoreça, & ajude em todos vossos bôs pensamentos. Alegrayvos senhor, que nesta vossa entrada até os Ceos vos festejão com seu rocio no que nos dão muitas esperanças de em vosso tempo auer grandes enchentes de fertilidades, & bẽs. Entray senhor com bem, & seja pera bem, & dizey todos comigo, seja pera bem, & seja pera grande bem.

XX

CONSULTA DE QUE RESULTOU A CARTA DEL REI PARA O VICE-REI AIRES DE SALDANHA

(1.ª do apêndice XV)

A pessoa que nesta corte Requeria por andre furtado estante na yndia que tomou a fortaleza de hum mouro chamado cunhale e o catiuou a elle mesmo se declarou a merce que lhe V.m.d fes na consulta inclusa, e posto que Elle fazia petição de Replica se lhe não admitio mas pareceo ao conselho que tinha obrigação de lembrar a V.m.d que o seruiço que fez andre furtado e os mais que tem feito são muy notaueis e que tem muitas diuidas e que he justo que lhe faça V.m.d merce da ajuda de custo que se contem na dita consulta perque a dita fortaleza lhe entra tão tarde que se não podera ualer de presente della p.a suas diuidas e poder continuar o seruiço de V.m.d

E ao viso Rey da yndia pareceo que se escrevesse a carta que aqui vay pella qual se lhe comete que despache uinte e quatro pessoas da obrigação do dito andre furtado que com elle se acharão na dita empresa dando lhe os officios daquellas partes que se costumão prouer nos

soldados e que primeiro que os siruão mandem buscar confirmação de V.m.d, em Vall.d a 15 de Março de 1602.

embieseme la cons.ta q aqui se acusa p.a poderla resoluer y la carta ira firmada / Rubrica del Rei /.

(Arquivo de Simancas — Sec. Provinciales, Liv. 1462, fl. 50).

NOTA FINAL

Este trabalho estava já elaborado anos antes do publicado em 1951, com o título de «A Vida Heróica do Grande Capitão André Furtado de Mendonça», pelo Sr. comandante José Moreira de Campos, como, aliás, era do conhecimento do ilustre escritor.

Não obstante ambos se ocuparem da mesma notável figura do Oriente português, o processo adoptado em cada um dos trabalhos é diferente. Na «Vida Heróica» o autor dá-nos uma interpretação da época e do homem, enquanto que no nosso estudo procurámos principalmente reunir, além das referências de obras impressas, documentação contemporânea, na maior parte inédita e dispersa por arquivos nacionais e estrangeiros. De resto, André Furtado de Mendonça e o seu tempo podem servir ainda de assunto a outros livros. Este nosso é sòmente uma contribuição.

C. R. B.
F. DE V.

ÍNDICES

ONOMÁSTICO

ABREU, Duarte da Cunha — 154.
ABREU, Pedro Álvares de — 59, 127, 128, 129, 130.
ABREU, Tristão de — 153.
ACHEM — 68.
ACUÑA, — 47, 52, 53, 129, 130.
ADEODATO, Frei — 139.
ALBERGARIA, Sebastião Soares de — 131.
ALBERTO, Cardeal — 12.
ALBUQUERQUE, Afonso de — 12, 71, 83, 90.
ALBUQUERQUE, Estêvão de — 132.
ALBUQUERQUE, Fernão de — 10, 11, 12, 53, 74, 134, 175.
ALBUQUERQUE, Manuel de — 133.
ALBUQUERQUE, Matias de — 11, 13, 18.
ALMEIDA, Manuel de — 132.
ÁLVARES, Vicente — 10.
AMBOINO — 37, 41, 45, 47, 49, 51, 53, 54, 59.
ANDRADE, Rui Freire de — 75.
ARAGÃO, Teixeira de — 134.
ARGENSOLA, Bartolomeu Leonardo de — 38, 49, 60.
ARRONCHES, Tomé de Sousa — 118.
ATAÍDE, D. António de — 88.
ATAÍDE, Nuno da Cunha de — 81.
AUGSBURGO — 63.
AVIS, Ordem de — 9.
AZEVEDO, D. Jerónimo de — 20, 166, 170.
AXEVEDO, Luís Marinho de — 12, 134.
AZEVEDO, Pedro de — 12.
BAIÃO, Dr. António — 58, 140.
BANDA, Ilhas de — 47.
BANTAM — 37.
BARBUDO, Coelho — 72.
BARCELOR — 11.
BARRETO, Diogo Moniz — 32.
BARRETO, Pedro — 84.
BARU — 41.
BELSEN — 8.
BENINAO — 43.
BOCARRO, António — 127.
BORBA — 9.
BOTELHO, Jerónimo — 132, 136.
BOXER, C. R. — 25, 88, 134.
BRAGANÇA, D. Constantino de — 17.
BRANDÃO, Manuel Fernandes — 25.
BRITO, Estêvão de — 11.
BRITO, Filipe de — 172, 173.
BUYSEN, Jacob — 59.
CABO DE BOA ESPERANÇA — 11, 89.
CABO DAS CORRENTES — 89.
CABO VERDE — 62.
CABRAL, Pedro de Almeida — 132.
CALDAS, Francisco de Faria — 132.

CALICUT, Samorim de — V. Samorim.
CAMELO, João Rodrigues — 63, 66.
CAMPOS, José Moreira de — 183.
CAMINHA, João de Tovar — 13.
CANANOR — 18.
CARAPATÃO, Rio de — 10.
CARDOSO, Jorge — 9, 10, 82, 83, 90.
CARRASCO, Francisco Lopes — 132.
CARRASCO, Mem Lopes — 134.
CARVALHO, Álvaro de — 131, 135.
CASCAIS — 91.
CASTILHO, Jorge de — 133.
CASTRO, Diogo de Melo de — 132.
CASTRO, D. Gil, Conde de Nova Goa — 128, 130.
CASTRO, D. João de — 67.
CASTRO, D. Martim Afonso de — 67, 68, 73, 75, 131, 137, 141.
CEILÃO — 9, 20.
CERAM — 44.
CHIIS, Van der — 47.
CHINA — 56.
CHINALE — 31, 32, 34.
CIRENE, Bispo de — 93.
COLIN — PASTELLS — 47, 48, 53.
COLOS — 11.
COLUMBO — 15.
CONCEIÇÃO, Frei António da — 81.
CORDEIRO, Luciano — 74, 134.
COSTA, P.e Avelino de Jesus — 24, 73.
COSTA, Domingos da — 127, 128.
COULÃO — 14.
COUTINHO, D. Diogo — 137.
COUTINHO, Manuel Barreto — 132, 136.
COUTINHO, Martim Afonso — 132.
COUTO, Diogo do — 10, 11, 24, 25, 27, 32, 34, 58, 70, 93, 105, 131, 137, 179.
COTIALE — 32.
CRON, Fernando — 63, 64, 67.
CUNHA, Nuno da — 82.
CUNHALE — 11, 14, 21, 22, 25, 29, 30, 33, 34, 97, 113, 116.
CUMBERLAND, Duque de — 37.
CUTIMUZA — 15.
DIOGO, Frei — 32.
DRESDEN — 8.
ERÉDIA, Manuel Godinho de — 61, 123.
FALCÃO, António de Sousa — 131, 135.
FALCÃO, Francisco de — 154.
FARO — 11.
FEIRA, Conde da — 134.
FERNANDES, P.e Brísio — 121.
FERNANDES, P.e Luís — 46.
FERNANDO (D.), Príncipe Linhales — 134.
FERREIRA, Raul César — 88.
FITZLER, H. — 81.
FOGAÇA, António de Brito — 40, 47, 48.
FORJAZ, D. João Pereira — 75, 78.
FREIRE, António Pereira — 133.
FREIRE, Inês — 137.
FUGGERS — 63.
FURTADO, Afonso — 9.
FURTADO, José — 10.
FURTADO, Pedro de Mendonça — 78.
GALLINATO, Juan Suarez — 48, 49, 50, 53, 129.
GAMA, D. Francisco da — Conde da Vidigueira — 19, 25, 58, 77, 111, 116, 131, 137.
GAMA, D. Luís da — 25, 157.
GAGO, Bartolomeu Fernandes — 132.

GAMALANA, Fortaleza de — 48.
GAMBOA, João Caiado de — 55, 56.
GOA — 10, 33.
GOUVÊA, Frei António de — 10, 50, 2, 83, 91, 92.
GRÃ, Leizarte Caeiro da — 33.
GUERRA, Duarte da — 131, 135.
GUERREIRO, P.e Fernão — 38, 45, 54, 65, 62, 69.
HAEGHEN, Estêvão van der — 49, 59, 62.
HARMENSZOON, Wolphert — 40, 48.
HEEMSKESCK, Paulo van — 125.
HERDARMANA, Príncipe — 18.
HERÉDIA, Manuel Godinho de — V. Erédia.
HIEMAO — 45.
HIROXIMA — 8.
HITU — 41, 44, 45.
IHAMAHU — 46, 50.
HORTA, Conde de — V. Mascarenhas — D. Francisco.
ÍNDIA — Nos fins do século XVI — 23.
JAFANAPATÃO — 13, 16, 17, 18, 19.
JAPÃO, Viagem do — 56.
JOHOR, V. J.or
JOOR, V. J.or
JONGE — 59.
JOR — 56, 59, 60, 144.
KOTTA, Rio — 21.
LAPA, Dr. Rodrigues — 140.
LAVAL, Francisco Pyrard de — 27, 35, 79, 85, 87.
LAVANHA, João Baptista — 26.
LEITÃO, Comandante Humberto — 88.
LEITÃO, Manuel — 88.
LEUPE, P. A. — 46, 72, 125.
LINSCHOTEN, Van — 27.
LISBOA — 9.
LOBO, António de Sousa da Silva Costa — 7, 8, 22.
LOBO, Francisco de Faria — 132.
LOBO, D. Luís de — 131, 133, 135.
LOBO, Luís Dantas — 132, 169.
LOPES, Francisco — 93.
LUÍS, Pedro — 98.
MACAU — 55, 56.
MACEDO, Estêvão Teixeira de — 127, 164.
MACHADO, Diogo Barbosa — 26.
MAHOMET KEENHALI E MARAKKAR — 21.
MANDOVI, Rio — 14, 84.
MAPILA — 21.
MAQUIEN, Ilha de — 48.
MALACA — 12, 13, 37, 38, 54, 55, 64, 66, 76, 77.
MALACA e Sunda no começo do século XVII — 39.
MALAVAR — 11.
MANANGA — 29.
MANAR — 15, 16.
MANILA — 47, 48.
MARAKKAR, V. Cunhale.
MARCÁ, V. Cunhale.
MARIZ, Francisco de — 123.
MARTINS, José Ferreira — 12, 74, 82, 93.
MASCARENHAS, D. Fernando — 131, 135.
MASCARENHAS, Manuel — 131, 135, 144.
MASCARENHAS, D. Francisco, Conde de Horta — 11.
MATELIEF, Cornélio — 59, 62, 63, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 134, 136, 144, 145, 150.
MAURÍCIO, Príncipe — 44.
MECA — 14.
MELO, Garcia de — 92.
MELO, Cristóvão de — 132.
MELO, Martim Afonso de — 167.
MENA, João de — 151.
MARDANHA, Pedro de — 132.
MENDONÇA, André Furtado de — 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20,

24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 38, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 66, 70, 71, 72, 75, 76, 78, 79, 81, 82, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 93, 97, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 117, 122, 123, 125, 127, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 177, 181, 183.
MENDONÇA, Fracisco de — 92.
MENDONÇA, Francisco Furtado de — 178.
MENDONÇA, João Furtado de — 10, 13, 78, 92, 177.
MENESES, D. Frei Aleixo de — 24, 67, 73, 79.
MENESES, D. Álvaro de—71, 132, 134, 135, 143.
MENESES, D. António de — 141, 143.
MENESES, Francisco da Silva de — 118.
MENESES, D. Luís de — 132.
MESQUITA, Frei Nicolau de — 125.
MESQUITA, Pablo de — 123.
MOCQUET, Jean — 27, 79, 87, 89.
MOLOCH — 7, 8.
MOLUCAS — 37, 54.
MOLUCAS e Amboino — 42.
MONTALEGRE, Nicolau de — 123.
MONTE OLIVETE, P.e Frei Manuel de — 91.
MORAIS, João Pinto de — 132, 136.
MONROY, Guterre de — 131, 132, 133, 135.
MUAR, Rio de — 61.
NAGASAQUE — 55.
NAVIOS:
«Amsterdam» — 136.
«Erasmus» — 136.
«Geunicerd Provincies» — 66, 136.
«Groote Son» — 136.
«Hollandia» — 59.
«Kleyne Son» — 136, 150.
«Mauricius» — 136.
«Middelburgh» — 136.
«Nassau» — 136.
«Nossa S.a da Conceição» — 135.
«Nossa S.a da Graça» — 134.
«Nossa S.a das Mercês» — 135.
«Nossa S.a da Penha de França» — 86, 91, 153.
«Nossa S.a do Socorro» — 135.
«Orange» — 136.
«Santo António» — 55, 58, 185.
«São Martinho» — 133, 135, 141.
«São Nicolau» — 135.
«São Salvador» — 135.
«São Simão» — 135.
«Sphera Mundi» — 59.
«Swarte Leeuw» — 136.
«Todos-os-Santos» — 135.
«Witte Leeuw» — 136.
NICOBAR, Ilhas de — 62.
NORONHA, D. Francisco de — 131, 135.
NORONHA, D. Henrique de — 131, 135.
NUNES, P.e Brás — 143.
ORMUZ — 35.
PALEMBANE — 40,
PALEMBAO, Rei de — 117, 171.
PANDARA, Pera Ragerachegra — 17.
PANGIM — 33.
PATANE — 55.
PATO, Bulhão — 76.
PEREIRA, P.e André.
PEREIRA, D. Joana — 9.
PEREIRA, D. Nuno Álvares — 132.
PEREIRA, Nuno Pedro — 18.
PEREIRA, Pedro Álvares — 156.
PESSOA, André — 134, 135.
PIMENTA, P.e Nicolau — 45, 122.

PINA, Ambrósio de — 88, 154.
PINA, Urbano de — 133.
PINTO, José — 41.
PITA, Belchior — 132.
POLIMBÃO, V. Pelembão.
PORTUGAL, D. Paulo de — 136, 137.
PRESTES, Sebastião — 88, 89.
PRETA, Catarina — 134.
PUTTRE, Pattanam — 21.
QUIOPALE, V. Quiopate.
QUIOPATE — 117, 122.
QUEIRÓS, P.e Fernão de — 15, 16, 18, 19, 65, 68, 69, 134.
REI D. FILIPE I — 13, 35, 155, 156.
REI D. SEBASTIÃO — 9.
RIDJALI — 45.
RIO MAIOR — 9.
RODRIGUES, Comandante Sarmento — 88.
ROIZ, André — 118.
SALAZAR, João de — 132.
SALCETE — 13.
SALDANHA, Aires de — 133, 157, 159, 163, 181.
SALES, P.e Ernesto — 93.
SAMORIM DE CALICUT — 11, 14, 29, 31, 32.
SANTA HELENA, Ilha de — 89.
SANTOS, Frei João dos — 27.
SÃO LOURENÇO, Ilha de — 88, 89.
SAPARUA, Ilha de — 46.
SARMENTO, Jácome de Morais — 131, 134, 136.
SEQUEIRA, Domingos — 154.
SCHOUTEN, Joost — 72.
SEHRAM, Rasa Raja Desam Rasa — 17.
SERRA DA ESTRELA — 41.
SILVA, D. Joana da — 12.
SILVA, D. Miguel da — 132.
SILVEIRA, Francisco Rodrigues da — 22, 68, 81, 147.
SINGAPURA — 56, 63.
SOFALA — 35
SOUSA, Alfredo Botelho de — 11, 18, 24, 27, 29, 35, 38, 40, 41, 46, 47, 48, 49, 59, 60.
SOUSA, Álvaro de — 92.
SOUSA, Manuel de Faria e — 72.
SOUSA, Tomé de — 118.
SOUTO MAIOR, D. Francisco de — 131, 135.
SOUTO MAIOR, D. Nuno de — 133.
SUNDA, Arquipélago da — 37, 38.
TALANGAMI, Porto de — 48.
TANOR, Príncipe de — 99.
TÁVORA, Álvaro Pires de — 84, 85.
TÁVORA, Frei Lourenço de — 92.
TÁVORA, Rui Lourenço de — 10, 84, 153, 154.
TEIVE, Francisco de Sousa — 118.
TELES, Fernão — 10.
TERNATE — 45, 47, 48, 49, 50, 54.
TERNATE e Tidore — 57.
TIELE, Heeres — 46.
TIDORE — 37, 46, 48, 49, 66.
TRAVANCOR, Rio de — 33.
ULIASES, Ilhas — 45.
VALADARES, Gaspar de — 133.
VASCONCELOS, Frazão de — 10, 88, 134.
VASCONCELOS, Luís Mendes de — 25.
VASCONCELOS, Rui Mendes de — 26.
VEIGA, P.e Sebastião da — 121.
VELHO, Diogo — 156.
VERANULA — 44.
VIDAL, Dr. Frederico Gavazzo Perry — 79, 179.
VIDIGUEIRA. (Conde da). V. Gama, D. Francisco da.
VILA REAL, Manuel Fernandes — 27.
VILA VERDE — 12.
WARWYCK, Wybrandt van — 59.
WESSELS, S. S., P.e C. — 122.
XAVIER, P.e Manuel — 13.

DAS GRAVURAS FORA DO TEXTO

	Pág.
André Furtado de Mendonça	4/5
Cerco da fortaleza do Cunhale por André Furtado de Mendonça	24/25
Fábrica da cidade de Malaca inter-muros	36/37
Fortaleza de Muar	40/41
Carta das ilhas de Banda	44/45
Batalha naval entre Portugueses e Holandeses na barra de Bantam	54/55
Pormenor da gravura antecedente	60/61
Ruinas da antiga fortaleza e povoação dos Portugueses na ilha de Ternate	70/71
Combate naval no rio Batu-Sawar entre uma frota portuguesa e duas naus e um iate holandeses	78/79
Fala que fez Diogo do Couto, guarda-mor da Torre do Tombo na Índia, em nome da Câmara de Goa, a André Furtado de Mendonça, entrando por governador da Índia	180/181

DOS CAPÍTULOS

Págs.

I — Nascimento. Filiação. Na jornada de África, com el Rei D. Sebastião, em 1574. Primeira estrada na Índia. Regresso ao Reino e volta à Índia. Campanha de Ceilão 9
II — A conquista do Cunhale 21
III — A Armada do Sul, 1601-1603 37
IV — Na capitania de Malaca (1603-1606) 55
V — Os últimos três anos (1606-1609) 72
Apêndices 95
Nota final 183
Índices 185

Este livro, realizado pela Ática Limitada, Rua das Chagas, 23 a 27, Lisboa, foi composto e impresso durante o mês de Agosto de 1955